

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Línguas e Linguística: Tradução e Ciências da Linguagem

Área de especialização | Ciências da Linguagem

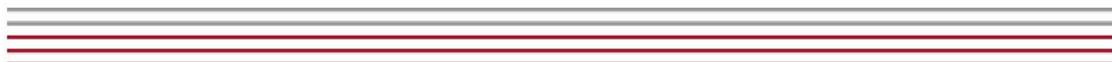
Dissertação

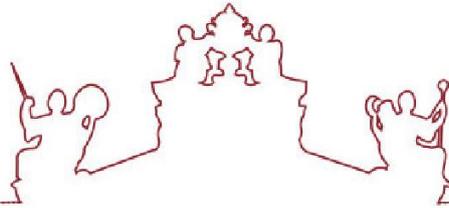
**Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no
Português de Angola**

Domingos Cordeiro António

Orientador(es) | Maria Filomena Gonçalves

Évora 2019





Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Línguas e Linguística: Tradução e Ciências da Linguagem

Área de especialização | Ciências da Linguagem

Dissertação

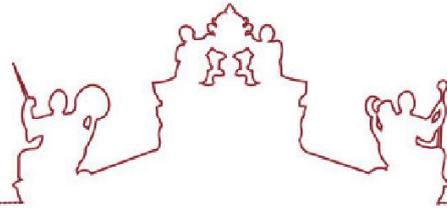
**Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no
Português de Angola**

Domingos Cordeiro António

Orientador(es) | Maria Filomena Gonçalves

Évora 2019





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

- Presidente | Olga Maria Tabaco Pereira Mateus Baptista Gonçalves (Universidade de Évora)
- Vogal | Fernanda Ribeiro Gonçalves (Universidade de Évora)
- Vogal-orientador | Maria Filomena Gonçalves (Universidade de Évora)



Dedicatória

À minha esposa e aos meus filhos,
as pessoas mais importantes da minha
vida;

À memória de Osvaldo Cordeiro,
o meu amado primogénito que partiu para
a eternidade um mês e meio antes de
iniciar este mestrado;

A todos os colegas deste mestrado.

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível graças a várias entidades, singulares e coletivas, que direta ou indiretamente contribuíram para a obtenção de informações, para ultrapassar situações burocráticas.

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, em especial à minha esposa, pelos apoios moral e financeiro, sobretudo nos primeiros meses de estadia em Portugal, período marcado pelo processo de adaptação e pela irregularidade do subsídio de bolsa.

Aos meus irmãos, Laurindo e Nelson Cordeiro, pela prestimosa ajuda prestada na reprodução, distribuição e recolha dos inquéritos.

Os meus agradecimentos são extensivos ao Doutor Daniel Soma e à comadre Nazaré André. Ao primeiro, por ter disponibilizado o seu consultório para fazer 80% dos exames médicos e, à segunda, por ter aberto portas que permitiram o acesso a vários documentos, particularmente difíceis de adquirir em Angola.

Devo também endereçar os meus agradecimentos aos colegas Onélio Santiago e Pedro Futa, funcionários do Jornal Nova Gazeta e Jornal de Angola, respetivamente, pelos números de jornais cedidos.

À grande amiga e irmã Eunice Venâncio, o meu muito obrigado pelo apoio prestado na área da informática, quer na formatação final do trabalho quer na montagem do power point.

Agradeço ainda aos colegas Jesus Silva e Filomena Silva, pela contribuição dada para o esclarecimento de alguns termos da língua nacional kimbundu.

O meu muito obrigado ao ilustre amigo e mestre Luís Chimuco, a nossa “biblioteca viva”, não só pela amizade e companheirismo de longa data, pela partilha dos bons e maus momentos, mas também pelas inúmeras vezes em que se dispôs, de forma incansável, a dissipar as dúvidas, sempre que consultado para o efeito.

Os meus agradecimentos à Margarida Bengla, minha colega no mestrado e minha professora de inglês, pela amabilidade que teve em traduzir o resumo deste trabalho.

Não me posso esquecer da Doutora Paula, por ter confiado em mim para este mestrado, no âmbito do projeto que a Comissão Multissetorial para Retificação do Acordo Ortográfico com vista à sua Ratificação leva a cabo.

Finalmente, um agradecimento muito especial à Professora Maria Filomena Gonçalves, minha orientadora, pela forma sábia como orientou esta dissertação. O seu rigor, a sua experiência, a sua organização e o seu vasto conhecimento da Fraseologia, em geral e, das Expressões Idiomáticas, em particular, foram motivos suficientes para que eu não tivesse

quaisquer dúvidas na indicação do seu nome como minha orientadora. Os seus ensinamentos mudaram para sempre a minha vida.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

Resumo

Angola é um país multilíngue e com uma grande diversidade étnica e cultural, o que justifica a existência de características próprias da variedade angolana do Português. Estas devem-se não só à diversidade atrás referida como também às condições específicas da aquisição daquela língua em território angolano e, é claro, às influências/interferências das línguas nacionais, mesmo entre falantes que só têm a portuguesa como língua materna. O objetivo geral desta dissertação é estudar um dos aspetos em que o Português falado em Angola manifesta a influência das línguas nacionais: a fraseologia. Assim, o objetivo específico consiste em analisar uma amostra da fraseologia angolana, vale dizer, das expressões idiomáticas (EI) usadas no Português de Angola. Expressões como "bater na rocha", "tirar voador", "sukula zuata", "mãe grande", entre outras, foram estudadas à luz da literatura especializada da área da Fraseologia. O estudo baseou-se numa amostra prévia, constituída propositadamente para este efeito, e pelos dados recolhidos por meio de um inquérito que foi realizado junto de 242 falantes angolanos (entre os 14 e os 70 anos) de ambos os sexos, bem como recolhidos em jornais, letras de músicas e alguns programas televisivos, o que permitiu proceder ao cruzamento desses dados e aferir a generalização das EIs quanto ao seu uso.

Além da análise das EIs que constituem o corpus do trabalho, procurou-se igualmente analisar a consciência linguística dos falantes a respeito dessas expressões.

Em resumo, com esta dissertação procura-se contribuir para os estudos da fraseologia do Português de Angola, domínio ainda escassamente investigado.

Palavras-chave

Fraseologia, Expressões Idiomáticas, Português de Angola.

Abstract

Contributions to the study of idiomatic expressions in Angolan Portuguese

Angola is a multilingual country with a great ethnic and cultural diversity, which explains the existence of the Angolan variety of Portuguese own characteristics. These are due not only to the above-mentioned diversity but also to the specific conditions for the acquisition of that language in Angolan territory and, of course, to the influences/interference of national languages, even among speakers who only have Portuguese as their mother tongue. The main purpose of this dissertation is to study one of the aspects in which Portuguese spoken in Angola manifests the influence of national languages: phraseology. Thus, the specific objective is to analyze a sample of the Angolan phraseology, that is, of the idiomatic expressions (IE) used in Angolan Portuguese. Expressions as "bater na rocha", "tirar voador", "sukula zuata", "mãe grande", among others, were studied according to the specialized literature in the Phraseology field. The study was based on a previous sample, purposely constituted for this purpose, and on the data collected through a survey that was carried out among 242 Angolan speakers (between 14 and 70 years old) of both genders as well as collected in newspapers, lyrics and some television programs, which allowed us to cross these data and assess the generalization of IE regarding their use.

In addition to the analysis of the IE that constitute the corpus of the work, it was also aimed to analyze the linguistic awareness of the speakers regarding these expressions.

In short, this dissertation seeks to contribute to the studies of the phraseology of the Portuguese of Angola, still a poorly domain researched.

Keywords

Phraseology, Idiomatic Expressions, Angolan Portuguese

ÍNDICE

| | |
|---|------|
| | I |
| Dedicatória | I |
| Agradecimentos..... | II |
| Resumo..... | IV |
| Abstract | V |
| LISTA DE SIGLAS | VIII |
| ÍNDICE DE GRÁFICOS | IX |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| Justificação do tema | 4 |
| Objetivos | 5 |
| CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO EPISTEMOLÓGICO SOBRE FRASEOLOGIA | 9 |
| 1.1. Fraseologia e Lexicologia | 12 |
| 1.2. As unidades fraseológicas | 15 |
| 1.3. Características das unidades fraseológicas..... | 16 |
| 1.3.1. Classificação das unidades fraseológicas | 19 |
| 1.3.2. Tipologia de expressões idiomáticas..... | 26 |
| 1.4. Relação entre fraseologismos e culturemas..... | 29 |
| CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA | 33 |
| CAPÍTULO III: METODOLOGIA | 45 |
| 1. Preâmbulo | 45 |
| 2. Métodos quantitativos e qualitativos..... | 45 |
| 3. População estudada | 46 |
| 4. Técnicas e instrumentos | 49 |
| 4.1. O inquérito | 50 |
| 4.1.1. Nível de escolaridade | 52 |
| 4.1.2. Conhecimento explícito sobre as EIs | 53 |
| 4.1.3. Uso de expressões idiomáticas | 53 |
| 4.1.4. Frequência de uso..... | 54 |
| 4.1.5. Contexto/local de uso | 54 |
| 4.1.6. Partilha de EIs | 55 |
| 4.1.7. Proveniência das expressões usadas..... | 55 |
| 4.1.8. Valor cultural das EIs | 56 |
| 4.1.9. Grau de divulgação..... | 56 |
| 4.1.10. Amostra de EIs | 57 |
| 4.1.11. Criação de frases | 57 |
| 4. 2. Outras fontes: jornais, músicas, programas televisivos..... | 58 |

| | |
|--|---------|
| CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS | 62 |
| 1. Dados do inquérito e de outras fontes | 62 |
| 1.1. Dados do inquérito | 62 |
| 1.1.1. Análise das expressões idiomáticas propostas no inquérito | 62 |
| 1.1.2. Análise das expressões idiomáticas apontadas pelos informantes | 69 |
| 2. Análise do corpus | 92 |
| 2.1. Para uma definição de EI no Português de Angola | 93 |
| 2.2. Conhecimento explícito das expressões idiomáticas | 98 |
| 2.3. Uso e interpretação de expressões idiomáticas na variedade angolana do Português | 100 |
| 2.4. Tipologia das expressões idiomáticas angolanas | 102 |
| 2.5. Caracterização geral das EIs do Português de Angola | 104 |
| 2.6. Expressões idiomáticas e competências comunicativas dos falantes angolanos | 107 |
| 3. Glossário geral das EIs angolanas | 110 |
| ANEXOS | CXXIV |
| Anexo 1. Expressões idiomáticas indicadas pelos informantes | CXXV |
| Anexo 2. Expressões idiomáticas extraídas das letras de músicas | CXXVI |
| Anexo 3. Lista geral da tipologia das expressões idiomáticas angolanas | CXXVIII |
| Anexo 4. Recortes de jornais | CXXX |
| Anexo 5. Letras de música | CXXXV |
| Anexo 6. Amostra de inquéritos preenchidos pelos informantes | CXLVIII |
| APÊNDICE | XXXII |
| Apêndice 1. Questionário | XXXII |

LISTA DE SIGLAS

EI: Expressão Idiomática

PA: Português de Angola

PB: Português do Brasil

PE: Português Europeu

UF: Unidade Fraseológica

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1- Género dos informantes | 47 |
| Gráfico 2-Nível escolaridade dos informantes | 52 |
| Gráfico 3 - Uso explícito e implícito de EIs por parte dos informantes..... | 54 |
| Gráfico 4 - Proveniência das Expressões Idiomáticas..... | 56 |
| Gráfico 5 - Grau de divulgação das Expressões Idiomáticas | 57 |
| Gráfico 6 - Reconhecimento das EI pelos informantes | 69 |
| Gráfico 7 - Conhecimento explícito dos informantes sobre as EIs | 100 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1 - Resumo das principais unidades fraseológicas | 22 |
| Tabela 2- Composição da população estudada..... | 47 |
| Tabela 3 - Conhecimento explícito dos informantes sobre as EI..... | 53 |
| Tabela 4 - Frequência de uso das EI | 54 |
| Tabela 5 - Locais em que se usa as EI..... | 55 |
| Tabela 6- Pessoas com quem os informantes partilham as EI | 55 |
| Tabela 7 - Valor cultural que os informantes atribuem às EI..... | 56 |
| Tabela 8 - EIs constantes do inquérito e sua interpretação pelos inquiridos..... | 57 |
| Tabela 9 - Expressões idiomáticas extraídas das letras de música..... | 59 |
| Tabela 10 - Interpretação da EI “Apanhar a pata” pelos inquiridos..... | 63 |
| Tabela 11 - Interpretação da EI “Atirar pedras” pelos inquiridos..... | 63 |
| Tabela 12 - Interpretação da EI “Bater na rocha” pelos inquiridos..... | 64 |
| Tabela 13-Interpretação da EI “Bolo e leite” pelos inquiridos..... | 65 |
| Tabela 14 - Interpretação da EI “Cali está no banco” pelos inquiridos..... | 65 |
| Tabela 15 - Interpretação da EI “Dar o caldo” pelos inquiridos | 66 |
| Tabela 16-Interpretação da EI “Está cozinhado/Está na panela” pelos inquiridos..... | 66 |
| Tabela 17 - Interpretação da EI “Estragar o boneco” pelos inquiridos | 67 |
| Tabela 18 - Interpretação da EI “Pai grande” pelos inquiridos | 67 |
| Tabela 19 - Interpretação da EI “Partir o lápis cedo” pelos inquiridos | 68 |
| Tabela 20-Interpretação da EI “Wanga wabu” pelos inquiridos | 68 |
| Tabela 21 - Características das EI angolanas | 93 |
| Tabela 22 - Glossário geral das EI apuradas ao longo do trabalho | 111 |

INTRODUÇÃO

A existência de uma comunidade linguística caracteriza-se por um conjunto de fatores que a identifica como tal. Esses fatores, que refletem as vivências diárias dessa comunidade, manifestam-se através de hábitos e costumes (forma de vestir, músicas, danças, crenças religiosas, formas de agir e de resolver os problemas, etc.) e da língua que fala. É o caso de Angola.

No que diz respeito à situação linguística, Angola apresenta-se como um país plurilingue, visto existirem três famílias linguísticas: a bantu, em que figuram o kimbundu, o umbundo, o kikongo, o nhaneka, o ngangela, etc., a família não bantu¹ khoisan e a vatwa, e a família indo-europeia, em que figura o português. As duas primeiras famílias linguísticas, de acordo com Sassuco (2016: 205), serviram, durante a fase soberana tradicional², de identidade e de unidade entre os povos do mesmo império, ao mesmo tempo que desempenhavam funções sociais de língua oficial, veicular ou materna. Entretanto, a partir do século XV, com a chegada dos portugueses a Angola e com o processo de colonização, junta-se às famílias linguísticas já existentes o português, pertencente à família indo-europeia, facto que viria provocar não só o confronto de culturas, mas também o inevitável contacto entre línguas.

Tal como aconteceu nas outras colónias, os portugueses impuseram a sua língua às populações do território que veio a ser Angola. Desta forma, o português não só passou a ser considerado como única língua de comunicação, mas também passou a ser condição indispensável para a ascensão a qualquer posição de destaque de um indígena, como afirma Mingas (2000: 32). Com efeito, o domínio do português constituía uma tarefa difícil para os angolanos por várias razões:

- a) Por se tratar de uma língua de estrutura muito afastada das autótones;
- b) Pelo analfabetismo existente na época;
- c) Pelas restrições impostas, pelo regime colonial, aos indígenas na aquisição do português.

Se houve, por um lado, a imposição da língua portuguesa em detrimento das línguas nacionais, por outro lado, não era permitido ao indígena a aquisição de conhecimentos profundos nem da cultura portuguesa nem da própria língua. Na base destas restrições

¹ Classificação feita por Redinha (1965: 4-20).

² Época anterior à chegada dos portugueses, em que o atual território angolano estava organizado em reinos.

estava a ameaça que os indígenas intelectuais constituíam para os interesses dos colonizadores.

Todo o ensino era, pois, direcionado de acordo com os objetivos dos colonizadores. De acordo com Santos (1970: 249), Norton de Matos, governador-geral entre 1912-1914, e posteriormente alto-comissário entre 1921-1924, categorizou a população angolana da seguinte forma:

- a) os selvagens com os seus costumes próprios;
- b) os europeus que tendo tido contacto com os nativos adotaram seus hábitos e costumes;
- c) os nativos assimilados, mas sem ocupação útil;
- d) os nativos que adotaram costumes e hábitos civilizados, integrando-se perfeitamente na vida social;
- e) os europeus que formavam o grupo orientador por excelência, promotores da elevação cultural, económica e social da província.

Ora, esta categorização vai, inevitavelmente, afetar a seleção de conteúdos a serem ministrados, ou seja, aquilo que se ensinava estava dependente da categoria em que cada indivíduo se enquadrava.

Assim, a instrução dada aos indígenas não ia além de questões técnicas e profissionais. Era, por isso, comum aprenderem a serralharia, construção civil, marcenaria, carpintaria, sapataria e outros ofícios afins, vigorando um assimilacionismo técnico dos indígenas em detrimento do assimilacionismo cultural ou intelectual.

As situações descritas conferiram aos angolanos uma fraca competência linguística, quer ao nível das línguas africanas locais (por terem sido desvalorizadas, minorizadas) quer ao nível da nova língua imposta - o português - criando, segundo Mingas (2000: 59), caminhos para uma convergência linguística nas interações entre falantes, o que constituiu a base para o fenómeno conhecido por “interferência”, pois verificou-se, a partir de então, uma enorme tendência de adaptação das estruturas das línguas bantu ao português. O português falado pelo grosso dos angolanos era assim, já nesta altura, profundamente marcado por traços característicos das línguas africanas, como confirma Inverno (2018: 94), quando atesta que “se havia desenvolvido já em Angola, entre a população bilingue afro-portuguesa e africana de L1 bantu, um *continuum* de variedades do português que evidenciava um conjunto de traços linguísticos resultantes do contacto com as línguas bantu”.

Após a independência, o português, herdado dos colonizadores, foi adotado pelo governo de Angola como língua oficial em todo o território nacional, continuando a

coabitar com as línguas bantu, e não só, existentes há centenas de anos. Entretanto, embora se tivesse criado o Instituto Nacional de Línguas, em finais da década de 1970 (Sassuco 2016: 204), com o objetivo de promover todas as línguas faladas no país, para assim terem o mesmo estatuto, as políticas adotadas para o efeito não foram suficientemente capazes de resolver as questões de interferência resultantes do contacto entre línguas. O facto é que, dados os traços caraterísticos que o marcam profundamente, o português falado atualmente em Angola vai se afastando cada vez mais, em muitos aspetos, do PE, cuja norma ainda é tida como referência para os angolanos.

Esta variação que o português falado em Angola apresenta, decorrente do contacto entre línguas, como acabámos de ver, é para Mateus e Cardeira (2007: 43-44) resultado de fatores externos à língua. No entanto, as autoras consideram que os fatores externos capazes de provocar variações na língua não se resumem unicamente ao contacto entre línguas. Inclui-se, também, nesta dimensão, a relação entre a língua e as realidades sociais, culturais e políticas. Em função desses fatores, estará a emergir uma norma tipicamente angolana, que se distingue das normas europeia e brasileira.

Assim, a diversidade social, cultural e política existente em Angola condiciona o português assim como as línguas bantu, levando ao surgimento de traços próprios. Combinações como “ninho do marimbondo”, “dar o caldo”, “mana Madó”, udia “uzeka”, entre outras, dadas as suas especificidades lexicais, sintáticas e semânticas, constituem, à luz da literatura especializada, verdadeiras expressões idiomáticas. Neste sentido, esta dissertação visa contribuir para o estudo das expressões idiomáticas que ocorrem na variante angolana do Português, aspeto pouco estudado até agora.

Relativamente à estrutura do trabalho, importa salientar que esta comporta quatro capítulos. O primeiro, intitulado “Enquadramento epistemológico sobre Fraseologia”, trata das questões conceptuais relativas à Fraseologia, expressões idiomáticas, provérbios, critérios de classificação e tipologia, necessárias como quadro teórico para a identificação e análise das expressões idiomáticas angolanas.

Em segundo lugar, apresenta-se um capítulo denominado “Revisão da literatura”. Neste destacam-se alguns estudos relativos às expressões idiomáticas. Dada a inexistência de estudos angolanos desta dimensão, dá-se, no referido capítulo, primazia à literatura portuguesa e brasileira, por causa da facilidade de consulta, dada a dificuldade que temos no acesso à bibliografia em outras línguas (inglês, francês, alemão), por um lado e, por outro, por contarem já com acervo bibliográfico muito vasto e muito rico.

O terceiro capítulo, que recebe a designação de “Metodologia”, faz a descrição dos métodos e instrumentos, a metodologia usada (desde a recolha ao tratamento dos dados) para a materialização dos propósitos desta dissertação. Neste sentido, importa esclarecer que a metodologia não assentou em nenhum programa de tratamento automático de dados, tendo estes sido recolhidos e analisados de forma manual.

O quarto e último capítulo, a “Apresentação e análise dos dados”, faz, como o próprio nome sugere, a exposição dos dados recolhidos, seguida da sua análise bem como os resultados da investigação. Saliente-se que a análise dos dados compreende três etapas: a primeira, que corresponde à análise de 11 expressões apresentadas aos informantes, a fim de que pudessem atribuir-lhes significados e inseri-los em contextos frásicos; a segunda, relativa à análise das expressões apresentadas pelos informantes, cuja estratégia foi a mesma aplicada na primeira etapa; a terceira, que diz respeito à análise das expressões extraídas de jornais, letras de músicas e programas televisivos.

Após o cruzamento dos dados nas três etapas, este capítulo termina com uma análise geral do corpus, à luz dos conceitos fundamentais nos capítulos 1 e 2, aplicando às expressões idiomáticas angolanas critérios de classificação, uma conceptualização e uma tipologia.

Em suma, vale dizer que a partir do corpus constituído para o efeito, a presente dissertação visa contribuir para uma identificação e caracterização da Fraseologia angolana, especificamente das expressões idiomáticas usadas em Angola, contribuindo, ainda, para o estudo deste tipo de combinações. Pretende-se, pois, colmatar uma lacuna existente nesta área, visto ser um tópico ainda não explorado por estudiosos angolanos.

Justificação do tema

A riqueza linguística de Angola, associada à riqueza cultural e a fatores sociopolíticos, propiciam o surgimento de marcas próprias que estarão a configurar (ou configuram já) uma variedade angolana do Português. Entre essas marcas incluem-se as chamadas Expressões Idiomáticas (EIs), isto é, unidades que resultam da combinação de palavras, com uma estrutura própria e um significado específico que não corresponde à soma dos significados individuais das unidades agrupadas. Pelo contrário, as EIs veiculam um significado próprio, associado a práticas ou tradições culturais elaboradas e partilhadas no seio de uma comunidade e, são, por isso, marcas culturais transmitidas geração após geração.

Assim, embora expressões como *dar o caldo*, *bater na rocha*, *mãe grande*, *três quinhentos*, *tirar voador* resultem da combinação de palavras genuinamente portuguesas, no Português Europeu elas não constituem expressões idiomáticas; em Angola, porém,

são verdadeiras expressões idiomáticas, uma vez que semanticamente exprimem um valor não equivalente ao das partes que as compõem, funcionando como elementos identitários da cultura local na interação quotidiana. Com as anteriores contrastam, por exemplo, expressões como *wanga wabu*, e *sukula zwata* que, obviamente, não resultam da combinação de palavras do Português, o que mostra a criação de expressões idiomáticas a partir das línguas nacionais e revela a influência/interferência destas no Português de Angola.

Tanto as primeiras como as segundas ocorrem no Português falado e escrito em Angola, fazendo parte da riqueza expressiva da variedade angolana do Português.

Embora se trate de um tópico que traduz a riqueza linguística, cultural, social do povo angolano, o que torna o seu estudo bastante pertinente, as expressões idiomáticas, em Angola, não gozam de qualquer prestígio quer ao nível da investigação quer ao nível do património cultural, embora sejam usadas nas interações diárias entre os falantes. Este facto leva a que estes careçam de conhecimento explícito das EIs e, conseqüentemente, as desvalorizem, situação agravada pela inexistência de estudos neste âmbito. É, pois, devido à inexistência de estudos em Angola sobre a Fraseologia e as EIs que se torna necessário inventariar essas expressões e analisá-las de acordo com a literatura da área.

Objetivos

O objetivo geral desta dissertação é estudar um dos aspetos em que o Português falado em Angola apresenta várias especificidades comparativamente com o Português Europeu (PE), ao mesmo tempo que manifesta a influência das línguas nacionais: a Fraseologia.

O trabalho tem, por isso, os objetivos gerais e específicos, abaixo elencados:

Gerais

1. Traçar um quadro teórico e metodológico que, à luz da literatura da área da Fraseologia, permita identificar e caraterizar Expressões Idiomáticas da variedade angolana do Português e distinguir as EIs de outros tipos de unidades fraseológicas (provérbios por exemplo);
2. Identificar e caraterizar Expressões Idiomáticas angolanas derivadas (ou não) das línguas nacionais;
3. Constituir uma amostra representativa das EIs angolanas;

4. Recolher informações (mediante inquérito) sobre a consciência linguística dos falantes angolanos acerca das EIs usadas na vida quotidiana e verificar, por um lado, a existência de diferentes graus de consciência explícita/implícita sobre o que é uma EI e, por outro, como essas EIs são usadas pelos falantes.

Específicos

1. Proceder à identificação e levantamento de Expressões Idiomáticas caracterizadas como tipicamente angolanas, por serem influência das línguas nacionais e de “culturemas” angolanos;
2. Relacionar as EIs inventariadas com os culturemas próprios do território angolano;
3. Descrever critérios para a classificação das Expressões Idiomáticas do Português falado em Angola;
4. Analisar a tipologia das Expressões Idiomáticas angolanas a partir da literatura especializada e estabelecer uma tipologia das unidades reunidas no corpus;
5. Analisar as situações de uso das Expressões Idiomáticas a partir dos dados de um inquérito.

Para o alcance dos objetivos ora propostos, procurar-se-á, nesta dissertação, responder às seguintes perguntas de partida:

- a) Como se caracterizam as Expressões Idiomáticas do Português de Angola?
- b) Qual é a tipologia das Expressões Idiomáticas angolanas?
- c) Qual é o papel das línguas nacionais na criação de novas Expressões Idiomáticas do Português de Angola?
- d) Os angolanos têm conhecimento explícito do uso de EIs e do significado destas?

É para estas perguntas que se procuram dar resposta nos capítulos a seguir.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO EPISTEMOLÓGICO SOBRE FRASEOLOGIA

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO EPISTEMOLÓGICO SOBRE FRASEOLOGIA

A Fraseologia constitui uma área de estudo que, não obstante ter já muitas décadas, continua a gerar controvérsia, visto não existir consenso em relação a aspetos como a própria definição do seu âmbito e aos critérios de classificação das unidades fraseológicas (expressões idiomáticas, provérbios, colocações, entre outras).

Na verdade, o interesse pela chamada “fraseologia” não é novo, mas a sua afirmação como objeto científico de uma disciplina específica só muito recentemente foi reconhecida, situação que veio abrir discussões em torno da autonomia ou não dessa disciplina. A origem dos estudos dos fenómenos fraseológicos é, na literatura especializada, atribuída à escola russa, graças aos trabalhos desenvolvidos pelo linguista soviético V.V. Vinogradov, na década de cinquenta, do século XX (Corpas Pastor, 1996: 11). A atribuição a este linguista do estatuto de “fundador” dos estudos fraseológicos justifica-se na medida em que, nas palavras de Pedro (2007: 31), terá sido ele a estabelecer, pela primeira vez, o âmbito e os conceitos fundamentais da Fraseologia, tendo sido também pioneiro na classificação das unidades fraseológicas do ponto de vista funcional, ao realçar a estreita relação entre a Lexicologia e a Fraseologia, bem como a proximidade estrutural dos conceitos de palavra e idiomatismo. No entanto, antes de Vinogradov, em 1928, Polivanov, outro linguista soviético, atribuía já à Fraseologia um carácter científico quando considerava que, como sublinha Malhado (2012), “devia ser a ciência linguística a ocupar-se dos significados individuais das expressões fixas” (Malhado, 2012: 18). A Polivanov deve-se, ainda, o uso em 1931 do adjetivo *idiomática*, referido à fraseologia, que era, segundo ele, “uma disciplina especial da área da linguagem que ocupa, em relação ao léxico, a mesma posição que a sintaxe desempenha em relação à morfologia” (Ortiz Alvarez, 2000: 70).

Além de Polivanov e de Vinogradov, outros nomes têm sido associados ao grupo daqueles que deram um contributo para os estudos fraseológicos. É o caso de Saussure e Bally. Segundo Pedro (2007: 30), a partir de trabalhos de Estilística como “Précis de Stylistique” e “Traité de Stylistique”, publicados em 1905 e 1909, respetivamente, Bally estabelece um quadro classificativo para o estudo de fenómenos fraseológicos, ao mesmo tempo que propõe o termo “fraseologia” para o estudo desses factos linguísticos. Bally é também responsável pelas primeiras pesquisas sobre fraseologia, ao publicar, em 1951, trabalhos que permitiram fazer a delimitação do objeto de estudo da Fraseologia, bem como a apresentação das suas especificidades, demonstrando, pela

primeira vez, a existência de expressões fixas e de combinações estáveis, facto que revelou a necessidade de tratar cientificamente essas combinações. De acordo com Lodovici (2007: 170-171), ao falar pela primeira vez de fraseologia, Bally procurou abarcar o conjunto de fenómenos sintáticos e semânticos que viriam a ser agrupamentos usuais e, por conseguinte, unidades fraseológicas. A autora sublinha ainda que a contribuição de Bally, no concernente às locuções, foi determinante para que a Europa do Leste introduzisse o termo “Fraseologia” na Lexicologia e na Lexicografia. Por sua vez, ao referir as locuções, Saussure é de algum modo pioneiro na identificação de combinações não livres e em admitir as locuções como elementos pertencentes ao sistema de língua, como salientam Tinoco e Luquetti (2016: 81)

De um modo geral, os especialistas apontam, por um lado, a escola soviética, representada pelos linguistas Vinogradov e Polinalov, e, por outro, Bally e Saussure, como referências para os fundamentos dos estudos fraseológicos, exatamente pelo contributo dado por cada um deles. É a partir do legado destes autores que outros estudos teóricos foram desenvolvidos no âmbito da Fraseologia.

Nos trabalhos posteriores, até aos nossos dias, continuam a existir divergências relativamente à autonomia da Fraseologia, facto que naturalmente cria dificuldades em termos de conceptualização da disciplina e do seu objeto de estudo. Com efeito, o exercício de definir a Fraseologia passa, antes de mais, por delimitar o seu objeto de estudo e analisar todas as propriedades a ela inerentes.

Ora, o que chamou precisamente a atenção dos precursores dos estudos fraseológicos foram determinadas combinações que, ao serem fixas e tradicionalmente estabelecidas na língua, eram vistas como anómalas, atípicas ou invulgares, sobretudo pelo Estruturalismo, que defendia a língua pela língua, uma vez que esta era concebida como um sistema abstrato que não levava em consideração as situações de produção nem os falantes.

Na tentativa de explicarem os fenómenos fraseológicos, os diferentes autores começaram por analisar e compreender o comportamento das combinações presentes no sistema linguístico, o seu grau de fixidez, a estrutura e o significado. Neste sentido, Desmet (2000: 37) esclarece que “ Bally fez a distinção entre sintagma e grupo aglutinado, considerando o primeiro como unidade livre gramaticalmente ou semanticamente e, o segundo, como elemento livre ou nada livre”. Saussure, por sua vez, denominou tais combinações como “agrupamentos”, os quais correspondiam a sintagmas compostos por mais de uma unidade sucessiva, constituindo, assim, um encadeamento de carácter linear (Tinoco e Luquetti, 2016: 81).

A observação destas particularidades permitiu que Bally, de acordo com Desmet (2002: 38), definisse os fenómenos fraseológicos como “combinações recorrentes, mais ou menos estabilizadas, de formas lexicais e gramaticais, mas sujeitas a variação. Assim, a identificação de outras particularidades levou os investigadores a criarem quadros teóricos, nem sempre convergentes, que permitissem não só delimitar a área de atuação da Fraseologia mas também determinar o seu objeto de estudo e a construção de uma definição. Silva (2014: 26), por exemplo, sublinha a dificuldade em definir Fraseologia, sendo necessário, para o efeito, a determinação de critérios que vão desde a idiomaticidade e a estabilidade à lexicalização. Por sua vez, Zavaglia (2014: 6) destaca os aspetos histórico-culturais como critérios a considerar para a definição de Fraseologia. Como resultado dos diversos aspetos considerados, são várias as propostas de definição de Fraseologia. Vejamos algumas, repertoriadas a partir da bibliografia consultada e apresentadas por ordem cronológica:

- I. “conjunto de frases feitas, locuções figuradas e fixadas, expressões idiomáticas e provérbios, existentes numa língua, no uso individual ou no grupo” (Corpas Pastor, 1996: 17);
- II. “disciplina que tem como objeto de estudo as combinações fixas ou congeladas de uma dada língua, assumindo a função e o significado de palavras individuais” (Vilela, 2002: 160);
- III. “disciplina científica que se ocupa dos estudos do léxico, observando a contextualização das UFs que a compõem. Essas construções são formadas por meio de combinações de dois ou mais elementos, com um certo grau de fixação, cunhadas ao longo dos anos (colocações, locuções idiomáticas ou expressões idiomáticas, e ainda as parémias: refrões e provérbios e outros enunciados fraseológicos), cada uma com suas características”. (Nogueira, 2008: 43-44);
- IV. “disciplina independente, situada na fronteira entre a sintaxe e a semântica, tendo como objeto de estudo as unidades fraseológicas “ (Monteiro, 2011: 164);
- V. “ciência que trata das combinações de elementos linguísticos de certa língua, com relação semântica e sintática cujo significado se dá pela união dos seus componentes, não pertencendo a uma categoria gramatical específica” (Tinoco e Luquetti, 2016: 83);
- VI. “campo do saber que estuda os fenómenos fraseológicos os quais dão conta de aspetos socioculturais presentes em uma comunidade” (Budny, 2017: 414).

Uma análise cuidadosa das propostas de definição atrás referidas revela um ponto consensual: todas elas concordam quanto à natureza das unidades ou frases a serem

estudadas pela Fraseologia: combinações (agrupamentos, associações) com características próprias do ponto de vista sintático e semântico. Tais combinações constituem as unidades fraseológicas, o objeto de estudo da Fraseologia. No entanto, embora a Fraseologia tenha o seu objeto de estudo muito bem definido, discute-se, ainda hoje, a sua autonomia. Levanta-se a questão de a Fraseologia ser uma disciplina autónoma ou dependente da Lexicologia, tópico que será tratado no ponto a seguir.

1.1. Fraseologia e Lexicologia

A problemática da autonomia da fraseologia como disciplina tem motivado debates acesos entre os especialistas. O certo é que existem, como é óbvio, perspetivas muito antagónicas. Por ser uma área que analisa a estrutura e o significado das combinações denominadas unidades fraseológicas, alguns autores admitem que a Fraseologia é uma subdisciplina da Lexicologia; outros, porém, admitem que, apesar das relações com esta, a Fraseologia já é disciplina autónoma, visto ter um quadro teórico e um objeto próprio.

De acordo com Coseriu (1978: 111), a Lexicologia “é o ramo da Linguística que estuda a estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptações às condições sociais da comunidade respetiva”. De facto, todas as línguas possuem um conjunto de vocábulos de que se servem os falantes para construírem enunciados com os quais interagem, trocando informações. Através de vários processos de formação de palavras, esses vocábulos renovam-se à medida que o tempo passa e as sociedades evoluem, ao mesmo tempo que alguns vão caindo em desuso. É, pois, tarefa da Lexicologia tratar de todas essas questões, o que equivale a dizer que todas as palavras de uma língua representam o seu léxico e este, por sua vez, constitui o objeto de estudo da Lexicologia. Aragão (2016: 35) confirma essa ideia ao considerar que “o objeto de estudo da Lexicologia é o léxico, no seu mais amplo sentido, incluindo aí os neologismos, os arcaísmos e, naturalmente, as unidades fraseológicas”. Se a autora considera as unidades fraseológicas como parte integrante do objeto de estudo da Lexicologia, logo admite a ideia de que a Fraseologia seja uma subdisciplina da Lexicologia. Entretanto, face a esta afirmação, levanta-se uma questão: afinal, qual é o objeto de estudo da Fraseologia?

A Fraseologia assim como qualquer outra disciplina científica, tem definido um campo de atuação, onde, naturalmente, se situa o seu objeto de estudo. A este propósito, Vilela (2002: 160) destaca as combinações fixas ou congeladas de uma dada língua que assumem a função e o significado de palavras individuais como objeto de estudo da

Fraseologia. Essas combinações são as unidades fraseológicas. Se ambas as disciplinas têm um objeto de estudo definido, o problema talvez esteja na dificuldade em determinar os limites de cada uma delas. Este problema é ainda mais acentuado se considerarmos que todas as unidades fraseológicas, por serem cristalizadas, passam a fazer parte do léxico de uma dada língua ou comunidade linguística. E, como se sabe, muitas unidades fraseológicas resultam de fatores extralinguísticos, o que nos remete para os aspetos socioculturais.

Com efeito, ao afirmar que “uma língua é inseparável da cultura do local onde é falada”, Amaral (2012: 105) defende que não se pode dissociar a língua da sociedade e da cultura. Por este facto, considera-se que a Lexicologia, enquanto ciência do léxico, abarca todos os fenómenos que ocorrem na língua, sejam eles determinados por fatores linguísticos, sejam resultantes de fatores extralinguísticos, o que remete a Fraseologia para a condição de disciplina sem autonomia ou dependente, razão pela qual muitos autores defendem a inclusão da Fraseologia na Lexicologia, como atrás já se salientou.

Como é óbvio, há perspetivas contrárias quanto à autonomia da Fraseologia. Numa entrevista conduzida por Ortiz Alvarez (2017a e b: 238-262), Mellado Blanco e Corpas Pastor, duas referências dos estudos fraseológicos da atualidade, apresentam o confronto entre perspetivas distintas que, até hoje, permanece nos estudos fraseológicos, como se estes ainda procurassem uma epistemologia própria:

(...) apesar do empenho de todos nós que nos dedicamos à pesquisa das unidades fraseológicas, a Fraseologia, na Espanha, segue sendo um apêndice da Lexicologia e não se considera que possua peso suficiente para constituir uma disciplina autônoma. Isso, no meu ponto de vista, constitui um erro, pois a Fraseologia deve ser analisada de maneira diferente da dos lexemas simples. Sua condição plurimembre lhe dá, certamente, um significado e um comportamento discursivo especiais. Não é o fato de serem cadeias formadas por vários constituintes, mas as propriedades semânticas e pragmáticas que daí resultam, o que faz que as unidades fraseológicas sejam entidades diferentes que merecem ser estudadas em uma disciplina independente (Mellado Blanco, 2017).

A Fraseologia é considerada tradicionalmente um ramo da Linguística, concretamente uma subdisciplina dentro da Lexicologia. Também se estudou a Fraseologia a partir da Etnolinguística, especialmente no que se refere à Paremiologia (os provérbios são considerados um repositório de sabedoria popular, cf. o folclore popular). Mas desde finais da década de 1990 e muito especialmente desde o início do século XXI, a Fraseologia experimentou um auge a tal ponto que já pode se considerar uma disciplina autónoma e independente, que desenvolveu um aparato teórico próprio e interdisciplinar (Corpas Pastor, 2017).

As entrevistadas defendem a necessidade de haver uma disciplina que estude as unidades fraseológicas, considerando a Fraseologia uma ciência autónoma e

independente, embora não seja este o seu atual estatuto, já que continua a ser encarada por muitos como uma subdisciplina da Lexicologia.

Seguindo as perspetivas de Mellado e Corpas Pastor, Monteiro (2011: 164) afirma a autonomia da Fraseologia ao defini-la como “disciplina independente que se situa na fronteira entre a sintaxe e a semântica”.

A ideia segundo a qual a Fraseologia é uma subdisciplina da Lexicologia é sustentada por Klere (1986: 355), ao afirmar que “tanto os fraseologismos quanto as palavras têm o mesmo tipo de funcionamento”. Este autor estabelece um paralelo entre as palavras e os fraseologismos, considerando que as primeiras são elementos constituídos por um só corpo, ao passo que os segundos são constituídos por vários formativos que, formalmente, podem ser considerados como palavras. Pelo facto de exercerem função denominativa, tal como as palavras, os fraseologismos, conclui o autor, “estão acumulados no léxico”. Esta oscilação quanto ao estatuto ou autonomia da Fraseologia talvez resulte de três fatores apontados por Xatara (1995: 196, 198), nomeadamente: i) o pouco valor que a Linguística deu aos estudos fraseológicos; ii) a marginalização da Semântica e da Pragmática; iii) o preconceito da sociedade, em geral, e dos muitos autores, em particular, no que diz respeito ao uso de fraseologismos (expressões idiomáticas). A autora sublinha que certos paradigmas científicos da Linguística privilegiaram a “língua” (entidade abstrata) como seu objeto de estudo, excluindo os idiomatismos por estes pertencerem à “fala” (entidade concreta, real).

Ainda de acordo com Xatara (1995: 198), são muitos os gramáticos que nos seus trabalhos tratam os idiomatismos como vícios e anomalias da linguagem, enquanto alguns escritores, nas suas obras literárias, contradizendo o preconceito, recorrem frequentemente ao uso de aspas ou a fórmulas introdutórias como “como posso dizer”, “como se diz” e “se assim o fazem” para se referirem às expressões idiomáticas.

A verdade é que os estudiosos antigos, desde Vinogradov, Polivanov, Saussure, Bally (Cf. 1.) e todos os outros que contribuíram para os estudos fraseológicos, trataram de observar, comprovar e descrever o comportamento de algumas combinações no sistema linguístico, criando assim um quadro teórico com métodos, terminologia e um objeto de estudo, o que faz da Fraseologia uma ciência. As combinações fixas ou unidades fraseológicas são analisadas pela Fraseologia do ponto de vista da sua estrutura e do seu significado, o que nos remete, portanto, para a Sintaxe, a Semântica e, até mesmo, para a Pragmática. Porém, convém salientar que não são quaisquer combinações; antes se trata de combinações que apresentam estruturas e significados peculiares e que, por isso, não encontram espaço noutras disciplinas senão na

Fraseologia. Neste caso, o melhor seria considerar a Fraseologia como a área que fornece à Lexicologia e ao léxico novas unidades, a partir de unidades lexicais já existentes e compartilhadas, e a partir dos processos de formação de novas palavras.

1.2. As unidades fraseológicas

Se a definição clara da Fraseologia como disciplina autónoma é complexa e controversa, a definição das unidades fraseológicas é igualmente controversa por parte dos especialistas, quer quanto à sua denominação, quer quanto aos critérios de classificação das combinações que devem ser incluídas neste âmbito. Silva (2014: 26) propõe conceptualizações e denominações como locuções fraseológicas, fraseolexemas, frasemas, idiomatismos, lexemas idiomáticos, lexias complexas, entre outras, para se referir a vários tipos de unidades fraseológicas. Por sua vez, Corpas Pastor (1996: 17) elenca algumas conceptualizações e denominações propostas por ela, mas também por outros autores:

- Expressão pluriverbal (Casares, 1922 [1950]);
- Unidade pluriverbal lexicalizada e habitualizada (Haensch et., Corpas Pastor, 1995 [1994] ou unidade léxica pluriverbal, Hernandez, 1989);
- Expressão fixa (Zuluaga, 1980; Garcia Page Sánchez, 1990a; Martinez Marín, 1991);
- Unidade fraseológica ou fraseologismo (Zuluaga, 1980; Haensch et al., 1982; Carneado Moré, 1985c; Tristán Perez, 1988; Martinez López, 1996);
- Phraseologische einheit (Kühn, 1984).

Na verdade, estas classificações refletem a relevância dada a certos critérios ou aspetos, mas têm subjacentes vários tipos de combinações que cabem no âmbito da Fraseologia. Corpas Pastor exclui, no entanto, a denominação "expressão fixa", por ser demasiado redutora, já que leva em conta uma única característica: a fixação. As outras, segundo a autora, satisfazem os vários critérios dos estudos fraseológicos, na medida em que apresentam as características mais distintivas dessas combinações, nomeadamente as seguintes: a presença de, pelo menos, duas palavras ortográficas, certo grau de lexicalização e alta frequência de co-ocorrência na língua.

Apesar da discussão conceptual e terminológica em torno dos tipos de unidades, a verdade é que o conceito/termo “unidade fraseológica” ou “fraseologismo” é o mais frequente nos mais variados trabalhos desta área, sendo o mesmo adotado também por Corpas Pastor pelas razões que justifica nos seguintes termos:

Este término genérico, que va ganando cada vez más adeptos en la filología española, goza de una aceptación en la Europa continental, la antigua URSS y demás países del Este, que son, precisamente, los lugares donde más se há investigado sobre los sistemas fraseológicos de las lenguas (Corpas Pastor, 1996: 18).

Dito isto, importa sublinhar que a autora define unidade fraseológica como “unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta” (Corpas Pastor, 1996: 20). Para serem classificadas como tal, estas unidades obedecem a uma série de características que passamos a descrever no ponto seguinte.

1.3. Características das unidades fraseológicas

A identificação de uma unidade fraseológica pressupõe determinadas características que a tornam fraseológica. Normalmente, as unidades fraseológicas são constituídas por elementos que se combinam entre si para exprimirem um significado global diferente daquele que cada um dos seus constituintes oferece. A substituição de um elemento pelo outro ou a sua inversão dentro da unidade pode resultar num significado considerado atípico para o uso convencional de determinada comunidade e, por isso, pode não ser reconhecida como unidade fraseológica. Quer dizer que os elementos que compõem uma unidade fraseológica são fixos e, quando combinados entre si, apresentam um significado peculiar, não literal. Por esta razão, aponta-se a fixação e a idiomaticidade como duas características principais das unidades fraseológicas. Nesta linha de pensamento, Silva (2006: 16) considera, por um lado, que certas unidades são reproduzidas no discurso como combinações previamente concebidas (fixação formal que diz respeito à estrutura) e, por outro, a existência de uma discordância entre o significado interno e o externo de tais unidades (idiomaticidade que diz respeito a aspetos semânticos).

De acordo com Corpas Pastor (1996: 20-31), as unidades fraseológicas podem caracterizar-se em função dos seguintes traços:

- a. Frequência: de co-ocorrência e de uso

Partindo do princípio de que uma unidade fraseológica deve ser constituída de pelo menos dois elementos, Corpas Pastor (1996: 20-21) salienta que a ocorrência dessa combinação na língua deve ser superior à frequência individual de cada um dos constituintes. Desta forma, explica a autora, o uso repetido dessa combinação por parte dos falantes permite a sua consolidação e memorização e, portanto, contribui para a sua institucionalização. Pode dizer-se que a frequência representa o início da convencionalização de uma unidade fraseológica.

b. Institucionalização

Esta característica também resulta do uso, da repetição e da frequência com que os falantes recorrem a expressões neológicas durante os seus discursos. Tem uma estreita relação com a frequência de co-relação, pois à medida que se criam determinadas combinações, vão sendo usadas sucessivamente até serem validadas pela comunidade e registadas no léxico, mediante a produção de dicionários e outros materiais afins (Corpas Pastor, 1996: 21-23).

c. Estabilidade

Abarca a institucionalização e a lexicalização. Esta característica apresenta dois aspetos essenciais: a fixação e a especialização semântica. Os dois aspetos completam-se, pois para que haja mudança semântica é necessário haver fixação. Corpas Pastor (1996: 23-24) considera dois tipos de fixação: a interna e a externa. Para a autora, a fixação interna ocorre quando uma combinação apresenta impossibilidade de reordenamento dos seus componentes, ou seja, verifica-se restrição na escolha dos elementos que a compõe; a fixação externa tem lugar quando as combinações ocorrem em certas situações sociais, através das quais se manifestam formas rotineiras e de cortesia. São, de acordo com a autora, combinações que não obedecem a nenhuma regra gramatical ou semântica, já que resultam do uso, da repetição e da memorização por parte dos falantes.

d. Lexicalização

Esta é a característica que complementa a fixação. Como referido em c, o uso repetido de uma combinação leva à estabilidade da mesma, passando a fazer parte do léxico da comunidade que a acolhe, exprimindo um significado peculiar. Neste caso, o léxico de uma língua é renovado a partir de uma expressão não idiomática que se converteu em idiomática, se generalizou e se estabeleceu. No entanto, importa salientar que Corpas Pastor (1996: 24-26) considera que o processo de lexicalização resulta sempre de expressões fixas, mas o contrário não ocorre, ou seja, nem todas as expressões fixas resultam de lexicalização.

e. Idiomaticidade

A idiomaticidade constitui uma das principais características das unidades fraseológicas, pois tem a ver com os significados que ganham em função da convencionalidade, os quais não são deduzidos de forma isolada a partir dos seus constituintes. Assim, para Corpas Pastor (1996: 27), as unidades fraseológicas

podem apresentar dois significados: o literal e o figurativo. É o significado figurativo que caracteriza grande parte das unidades fraseológicas, mediante a transferência de significados (do literal para o figurativo) e é resultado de processos metafóricos e metonímicos. Ora, para Martins (2015: 16), o processo de interpretação das expressões idiomáticas não ocorre somente desta maneira. Para ela, existem expressões como “Desamparar a loja” e “Fazer trinta por uma linha” cuja interpretação se limita à forma figurada, não chegando, por isso, a ocorrer a transformação do não idiomático para o idiomático. A interpretação literal destas expressões seria quase impossível, remetendo irremediavelmente os falantes à interpretação não composicional e metafórica.

Registam-se, pois, dois processos distintos de interpretação das expressões idiomáticas: o primeiro, em que a expressão passa do sentido literal para o figurado mediante o processo de lexicalização, como advoga Pastor; o segundo, em que a expressão é apenas passível de interpretação figurada, conforme afirma Martins (2015). Para o caso das expressões angolanas, é possível identificar estas fases. No primeiro caso, destacam-se expressões como *dar o caldo*, *cair com a cadeira* e *partir o braço*, que a partir do sentido literal (ação de entregar o caldo a alguém, sofrer uma queda com uma cadeira e fraturar o braço), evoluíram para “morrer”, “ser exonerado ou deixar cadeira escolar” e “extorquir ou explorar alguém”, respetivamente, no sentido figurado. No concernente ao segundo caso, identificam-se expressões do tipo *apanhar do ar*, *virar povo*, *tirar voador* (ser enganado ou não se aperceber das coisas a acontecerem; tornar-se vulgar; ir-se embora).

a. Variação

A fixabilidade das unidades fraseológicas tem sido discutida, pois algumas apresentam um grau de fixação relativa, o que significa que admitem certas variações léxicas. Às vezes, é possível, numa combinação, substituir um elemento por outro, dando origem a variantes que só devem ocorrer dentro da mesma língua (Corpas Pastor, 1996: 27-28). O novo elemento introduzido deve ser livre e independente do contexto em que aparece, não deve alterar o significado. Se, pelo contrário, a alternância de elemento proporcionar à unidade fraseológica um significado oposto, então não se trata de uma variante.

b. Gradação

Tanto fixação como a idiomaticidade apresentam uma escala gradual. Quer dizer que algumas unidades fraseológicas podem apresentar uma fixação relativa tanto na sua estrutura como no seu significado. Assim, em algumas unidades

fraseológicas a gradação marca restrição colocacional como ausência de restrição, restrição parcial e restrição total. Na fixação sintático-estrutural, marca a regularidade e a irregularidade. Quanto à opacidade ou idiomaticidade, as unidades podem ser semanticamente transparentes, metafóricas, semi-transparentes e opacas.

As características ora apresentadas, propostas por Corpas Pastor (1996: 20-31), são acompanhadas por vários autores. A título de exemplo, Ortiz Alvarez (2000), Silva (2006), Monteiro (2011), entre outros autores, apontam a pluriverbalidade³ (característica que representa a composição da unidade fraseológica por mais de uma unidade lexical), a fixação, a idiomaticidade, a frequência e a convencionalidade como principais características das unidades fraseológicas. É a partir do quadro fornecido por estes autores que procederemos à abordagem da taxonomia das unidades fraseológicas.

1.3.1. Classificação das unidades fraseológicas

A classificação das unidades fraseológica é um tópico complexo e controverso no âmbito da Fraseologia devido às diferentes perspectivas, em termos de propostas apresentadas por vários autores. Silva (2006) aponta quatro grandes grupos de unidades fraseológicas, dos quais destacamos três: sintagmas fraseológicos, esquemas sintáticos e parémias.

a) **Sintagmas fraseológicos:** fazem parte deste grupo as unidades fraseológicas que, por si sós, não constituem enunciados completos. Necessitam de combinar-se com outras unidades para construir um ato de fala completo. Neste grupo destacam-se unidades como colocações e locuções. De acordo com Silva (2006: 17,18), as colocações são unidades que se encontram fixadas na norma, determinadas pelo uso e são reconhecidas e empregues como fragmentos pré-fabricados.

As locuções são também sintagmas fixados no sistema da língua. Apesar de funcionarem também como elemento oracional, tal como as colocações, têm a particularidade de exprimirem um significado da globalidade dos seus constituintes.

b) **Enunciados fraseológicos/fraseologismos oracionais**

Este grupo, segundo Silva (2006: 21), corresponde às unidades fraseológicas com equivalência de enunciados completos. A autora esclarece que estas unidades não precisam de ser integradas a qualquer outra oração, exatamente por constituírem atos de fala. O conteúdo expresso por estes enunciados pode ser atualizado em função do contexto pois, do ponto de vista pragmático-situacional, pode exprimir, por meio dos

³ Também designada por multilexicalidade ou polilexicalidade.

atos ilocutórios e perlocutórios, uma ordem, um pedido, uma afirmação, etc. Fazem parte deste grupo de enunciados, 5 tipos de fraseologismos oracionais, a saber: i) fórmulas rotineiras; ii) locuções oracionais proverbiais; iii) enunciados idiomáticos pragmáticos; iv) enunciados pragmáticos.

As fórmulas rotineiras são geralmente usadas por determinada comunidade linguística para o garante da interação social. É através do conhecimento dessas fórmulas por parte dos falantes que a convivência dentro da comunidade, entre os membros que a compõem, se torna saudável, pois a aplicação de tais fórmulas no dia-a-dia pressupõe o cumprimento das regras de boa educação (saudação, desejo de bom trabalho, bom apetite, etc.).

As locuções oracionais proverbiais são as unidades que ganham apenas valor referencial em contextos situacionais em que são produzidas, ou seja, são unidades que funcionam como deícticos. Por esta razão, não possuem autonomia textual, apesar de serem independentes do ponto de vista gramatical e semântico.

Os enunciados idiomáticos pragmáticos constituem as unidades de uso situacional e pragmático cuja interpretação e uso exige dos falantes uma competência comunicativa completa e um certo conhecimento dos aspetos socioculturais da comunidade linguística em que estão inseridos. A idiomaticidade e a pragmática são características fundamentais deste tipo de sequências e são geralmente constituídas por sintagmas que apresentam um grau de fixação morfossintática e lexical muito alto.

Os enunciados pragmáticos são sequências a que recorrem os falantes como auxílio para explicar ideias, tomar ou ceder a palavra, ganhar tempo ao longo do discurso. Trata-se de unidades caracterizadas pela perda da idiomaticidade devido ao uso frequente das mesmas.

c) Esquemas sintáticos

Neste grupo enquadram-se aquelas unidades fraseológicas que apresentam a particularidade de ter uma parte da unidade já lexicalizada e, portanto, não passível de alterações, e outra, variável, que o falante pode livremente completar em função da necessidade e do contexto. Para Lemos (2012: 21), tais sequências fazem parte do discurso repetido ou das unidades de técnica livre e apresenta como exemplo: *É preciso + infinitivo + oração.*

d) Parémias

As Parémias congregam unidades fraseológicas que têm valor universal e certa autonomia textual. Trata-se, pois, de unidades que, apesar de terem origem desconhecida, são facilmente integradas no acervo linguístico pelas comunidades que as

acolhem. São exemplos de parémiias os provérbios, os refrões, as citações, os adágios, as sentenças e outros enunciados de valor específico.

e) Provérbios

Os provérbios são de uso universal e constituem património cultural para qualquer povo ou comunidade linguística. A sua construção foi, de acordo com Cazalato (2003: 19), influenciada por vários fatores de ordem histórica, religiosa, filosófica, entre outros, sendo a bíblia uma das fontes antigas de provérbios (Gonçalves 2017: 159). O provérbio é definido como “uma unidade léxica fraseológica e consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formulam como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar” (Xatara e Succi, 2008: 35). Apresenta, segundo estas autoras, características como a frequência, o eufemismo, a polifonia, a ideologia, a conotação e denotação, sinonímia e antonímia, humor, criatividade e crença. São ainda carregados de uma linguagem poética em que se pode verificar a confluência de vários recursos estilísticos como assonância, aliteração, concisão, paralelismo, elipse, paranomásia, entre outros.

As frases que constituem os provérbios são, de acordo com Pedro (2007: 41), completas e têm vida própria. O seu grau de fixação é elevado, na medida em que não é possível a variação do sujeito, da pessoa e do tempo gramaticais (geralmente apresentam a terceira do singular e o presente do indicativo, respetivamente).

f) Ditados

De acordo com Pedro (2007: 41), os ditados são muitas vezes confundidos com os provérbios devido à estreita semelhança que mantêm com estes; os ditados são unidades cuja função se limita à constatação de acontecimentos, em sentido denotativo, normalmente relacionados com áreas ou grupos muito específicos da vida social.

g) Refrão

Segundo Ortiz Alvarez (2000: 124), o refrão assume, no discurso, uma função mais breve em termos de valor semântico do que provérbio. O recurso ao refrão ocorre, geralmente, quando se pretende realçar um dado inegável, ou seja, um facto consumado em termos de experiência de vida numa determinada comunidade ("pau que nasce torto morre torto"), sendo acompanhado de fórmulas introdutórias nomeadamente “como vulgarmente se costuma dizer”, “como dizia o meu avô”, etc.

h) Frase proverbial

A origem da frase proverbial é atribuída, segundo Corpas Pastor (1996:34), a textos escritos ou falados que se notabilizaram pela sua exemplaridade, fruto da fama que ganharam. Já Ortiz Alvarez (2000: 126) sublinha, por sua vez, que a frase proverbial se reveste de valor expressivo baseado no paralelismo entre o passado e o presente, funcionando como uma citação.

i) Colocações

As colocações apresentam um grau de fixação bastante elevado, visto serem combinações de palavras inseparáveis. É também um tipo de fraseologismo que funciona como elemento oracional. Vilela (2002: 191) salienta que se trata unidades fraseológicas parcialmente idiomáticas, uma vez que só um dos elementos que as compõem conserva o seu valor exterior, enquanto que o outro perde o seu significado original, ganhando outro significado com o qual caracteriza idiomáticamente a unidade completa.

j) Idiomatismo

De acordo com *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003: 2031) idiomatismo é uma “construção própria de um idioma” que representa um “traço ou construção peculiar a uma língua, que não se encontra na maioria dos outros idiomas”. É um fraseologismo que corresponde à expressão idiomática, uma vez que Pedro (2007:47), citando Xatara (2000), o define como “toda lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”.

A partir desta classificação proposta pelos autores acima mencionados, elaborámos o quadro síntese abaixo com as unidades consideradas pertinentes para este trabalho.

| UNIDADE FRASEOLÓGICA | CARATERÍSTICAS | EXEMPLOS |
|-------------------------|---|----------------------------------|
| Provérbios | São frases completas; não variação de sujeito, complemento nem tempo; revelam verdades universais; presença de recursos estilísticos. | “Água mole, pedra dura que fura” |
| Ditados | Sentido denotativo; referem-se a factos específicos. | Cheguei, vi e venci |
| Refrão | Anómalas gramaticalmente, frases breves, introduzem fórmulas que isentam o sujeito de culpas. | “Pau que nasce torto” |
| Frase Proverbial | Frases que ganham circulação devido a um acontecimento, uma anedota ou uma personalidade. | “otro gallo me cantou” |
| Colocação | Fixidez; denotação; sentido não idiomático. | “ódio mortal, amor eterno” |
| Idiomatismo | Indecomposição, conotação, cristalização. | “Bater as botas” |

Tabela 1 - Resumo das principais unidades fraseológicas

A classificação ora apresentada não está isenta de problemas conceituais, na medida em que muitas unidades apresentam características semelhantes, o que leva a que, muitas vezes, o que é refrão para um autor não o é para outro. Vale salientar que das unidades fraseológicas aqui tratadas, far-se-á uma abordagem profunda ao grupo correspondente a idiomatismos, pelas características que apresentam e por serem o objeto central deste trabalho.

Na verdade, as expressões idiomáticas são das unidades fraseológicas mais discutidas no âmbito da Fraseologia porque fazem parte dos usos diários dos falantes. Constituem uma riqueza linguística para as comunidades que as partilham. Apesar disso, nem sempre são avaliadas como linguagem "adequada", visto apresentarem particularidades muito próprias que, por vezes, parecem contrárias ao que se entende como norma num dado sistema linguístico.

Devido a aspetos socioculturais, os falantes servem-se do léxico da sua língua criando combinações para exprimirem novas realidades, expressões que, aos poucos, se vão entranhando na comunidade. Essas combinações constituem as expressões idiomáticas, pois “surgem com base no léxico já compartilhado por uma determinada comunidade linguística, ao mesmo tempo que constituem criações fora do idioma (por meio de neologismos e culturemas) e que induzem ao surgimento de simbolismo dentro da língua” (Oliveira e Rocha 2016: 62, 63). Por sua vez, Xatara (1995: 195) acrescenta que “as expressões idiomáticas resultam do facto de uma língua não dispor no seu acervo de unidades lexicais apropriadas para expressar certas nuances de sentimento, emoção, ou subtileza de pensamento do falante”.

Já Santos (2012: 66), que se apoia em Chaf (1979), define idiomatismos como “estruturas que representam combinações de morfemas que não constituem unidades semânticas por si sós, mas que, em conjunto, constituem uma nova unidade semântica”.

A seguir apresentamos algumas das definições de Expressão Idiomática propostas por vários autores:

- sequência que não pode ser traduzida literalmente para outra língua, isto é, não passível de tradução palavra por palavra, sem que essa expressão não tenha restrição, nem no plano sintático nem no plano semântico (o sentido não composicional, não transparente, mas sim opaco (Vilela, 2002: 176);
- “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (Xatara, 1998: 149);

- “estruturas cujo sentido não possui previsibilidade, assim não podem ser entendidas somando o significado de cada elemento que a compõem” (Tinoco e Luquetti, 2016: 83).

A todas estas definições estão subjacentes aspetos inerentes às expressões idiomáticas: a indecomponibilidade, a idiomaticidade e a cristalização. Na mesma linha de pensamento está Corpas Pastor (1996: 33) que, seguindo Casares (1992[1950]: 170), define expressão idiomática como “Una combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario consabido no se justifica, sin más, como una suma normal del significado normal de los componentes.”.

É sabido que as expressões idiomáticas desempenham as mesmas funções que as palavras simples ou os grupos de palavras. No entanto, por não terem autonomia, não constituem, ao contrário do que acontece com os provérbios, enunciados com sentido completo e por isso não funcionam isoladamente. De acordo com Jorge (1991: 51), elas só ganham sentido completo quando inseridas numa oração e em contextos específicos. A reforçar esta ideia Afonso (2015: 6) afirma que a “EI corresponde a uma expressão passível de ser incluída na frase, cujo sentido completo só pode surgir em contexto, representando uma situação particular”. Ao serem inseridas nas orações, as expressões idiomáticas assumem algumas funções sintáticas e semânticas que geralmente são assumidas pelas categorias de palavras que conhecemos. Mas dadas as particularidades que encerram, algumas não admitem determinadas variações na assunção de tais funções. Neste sentido, Legroski (2012: 191) propõe a “verificação de expressões cristalizadas” por meio da realização de testes para aferir o comportamento de algumas estruturas verbais do ponto de vista semântico, mediante a introdução de uma expressão no discurso com variações de tempo e modo.

Devido à sua semelhança com as demais unidades fraseológicas, a identificação de uma expressão idiomática nem sempre é tarefa fácil. Na verdade, há, entre elas, traços comuns: funcionam como elementos oracionais e, portanto, não constituem por si só um ato de fala com sentido completo, certa flexibilidade no grau de fixidez e de idiomaticidade, metafóricidade, entre outros traços. Este facto explica as dificuldades que, muitas vezes, enfrentam os especialistas na determinação das unidades fraseológicas que devem ser consideradas expressões idiomáticas. Com vista a ultrapassar tais dificuldades, Cardoso (2017: 117) propõe quatro categorias diferentes de organização do léxico que permitem mais facilmente fazer a análise e classificação das expressões idiomáticas. Para este autor, o léxico organiza-se em "lexias simples, compostas, complexas e textuais". Vale salientar que, de acordo com Galisson e Coste

(1983: 432), “uma lexia corresponde à unidade de comportamento linguístico, uma unidade de funcionamento discursivo”. As lexias simples constituem o grupo de palavras simples ou isoladas como “casa”, “mota”. As lexias compostas comportam todas as palavras compostas que normalmente derivam de processos de formação de palavras, como é o caso de “couve-flor”, “subdiretor”. As lexias complexas envolvem as expressões que não se podem separar sob pena de perderem o seu significado não composicional, como “bate bola baixa”. E, finalmente, as lexias textuais correspondem às expressões que funcionam como enunciados completos (caso dos provérbios) como “Quem cedo madruga, Deus ajuda”.

De acordo com as principais características das expressões idiomáticas anteriormente referidas (idiomaticidade, indecomponibilidade, cristalização), facilmente se consegue identificar o tipo de lexia em que as EIs se devem enquadrar. As lexias simples não satisfazem as exigências das expressões idiomáticas, na medida em que estas são constituídas por mais de uma palavra; do mesmo modo, as lexias compostas distinguem-se por não possuírem idiomaticidade, e as lexias textuais, por constituírem frases completas, não podem congrega as combinações que correspondem às expressões idiomáticas. Assim, das categorias que acabámos de ver, a terceira (a das lexias complexas) corresponde ao grupo das expressões idiomáticas, uma vez que na interpretação de uma expressão idiomática, o seu sentido é obtido a partir do valor global dos seus componentes, e não pelo somatório dos mesmos, sendo que a perda de um dos constituintes implica a perda do seu sentido. E é isso que caracteriza estas unidades fraseológicas.

No entanto, até hoje discute-se a questão do grau de idiomaticidade, da rigidez ou fixidez das EIs, sendo mais consensual a indecomponibilidade das mesmas. Assim, por exemplo, a flexão em número de um dos constituintes de uma expressão idiomática pode ou não alterar o seu significado? Esta pergunta leva Legroski (2012: 191) a propor a “verificação de expressões cristalizadas” por meio da realização de testes para aferir o comportamento de algumas estruturas verbais do ponto de vista semântico, mediante a introdução de uma expressão no discurso com variações de tempo e modo. Tomemos como exemplo as expressões angolanas “cair com a cadeira” e “dar o caldo” (cf. Capítulo IV).

1. Pretérito perfeito do indicativo

- (a) O Rui caiu com a cadeira;
- (b) A avó deu o caldo;

2. Futuro do conjuntivo

(a) Se não quiser cair com a cadeira, tome cuidado;

(b) Se não quiser dar o caldo, é melhor não arriscar;

3. Presente do indicativo

(a) A Rita cai com a cadeira;

(b) *O Pedro dá o caldo⁴;

4. Futuro imperfeito do indicativo;

(a) A Marta cairá com a cadeira se não se aplicar nos estudos;

(b) Se não tomar devidamente os remédios, o Carlos dará o caldo;

5. Pretérito imperfeito do indicativo

(a) Até no ano passado, o aluno caía com a cadeira;

(b) *A Maria dava o caldo⁵;

No teste acima, verificámos que a expressão “cair com a cadeira” admite variação em todos os tempos e modos. O mesmo não acontece com a expressão “dar o caldo”, em 3.(b), uma vez que num enunciado informativo não faz qualquer sentido apresentá-lo no presente do indicativo. Mesmo quando usamos a expressão “O Pedro morre”, ficamos apenas com ideia de que o Pedro é mortal e nada mais, em prejuízo da ideia de uma ocorrência. Já em 5. (b), a expressão não conserva o seu significado, pois ninguém morre de forma recorrente.

1.3.2. Tipologia de expressões idiomáticas

Apesar das diferentes perspetivas conceptuais em torno das expressões idiomáticas, fruto das particularidades que as suas estruturas apresentam em termos sintáticos e semânticos, e pelo facto de por si sós não possuírem autonomia, sendo, por isso, frequentemente incorporadas nas orações, ao longo dos discursos dos falantes, as propostas de classificação quanto à sua tipologia diferem apenas na denominação, de autor para autor, convergindo muitas vezes em termos funcionais. No interior das orações, as expressões idiomáticas assumem categorias gramaticais que normalmente são estudadas, segundo Xatara (1998:170), como parte da língua, em contextos formais de ensino-aprendizagem, o que motiva estudos especializados sobre a aquisição de expressões idiomáticas no domínio da língua materna e da língua estrangeira.

⁴ Possível apenas quando usado como presente histórico “O Pedro dá o caldo aos 80 anos de idade”.

⁵ Apenas possível com a inclusão de modificador: “Enquanto o João andava a passear, a Maria dava o caldo lentamente”.

Para a análise das categorias gramaticais que as expressões idiomáticas podem assumir no interior das orações, são pertinentes as propostas de classificação de Xatara (1998) e Vilela (2002).

A partir das estruturas do ponto de vista morfossintático e semântico que determinam a função das combinações na oração e no discurso bem como o grau de idiomaticidade, Xatara (1998:71) admite dois critérios para a definição da tipologia das expressões idiomáticas: o primeiro é a **natureza estrutural**, o segundo, o **valor conotativo**.

No critério de natureza estrutural ou morfossintática, a combinação de duas ou mais classes gramaticais formam os sintagmas, que, por sua vez, ganham denominações de acordo com o núcleo dos seus constituintes e assumem funções sintáticas na oração. Assim, Xatara (1998:171) admite a existência de sintagmas **nominais ou de função nominal**, cujo núcleo é um nome (“marinheiro de primeira viagem”; cabeça de vento”), **de função adjetival**, que pode ter como núcleo um adjetivo ou um nome (“são e salvo”; “de meia-tigela” “de cama, mesa e roupa lavada”), **de função adverbial**, que tem como núcleo um advérbio ou um nome (“a dar com o pau”; “por baixo do pano”) e os **de função verbal**, cujo núcleo é constituído por um verbo (“queimar etapas”; “ficar à toa”; tocar a vida pra frente”; “bater na mesma tecla”; estar na pior”; estar à altura”; viver na flauta”).

Há ainda a considerar a classificação que a autora faz dos sintagmas de valor frásico: são os **sintagmas frásicos**, que geralmente exprimem uma exclamação. Ex.: “Vá pentear macacos!”, “É o fim da picada!”, “Que maçada!”, “Pra cima de mim?” (Xatara, 1998: 171).

Assim, ensaiando a aplicação desta classificação a expressões angolanas, os sintagmas nominais têm núcleos constituídos por nomes (“azuis e brancos” = taxistas), os adjetivais por nomes ou adjetivos (“boca da Minga” = fofoqueira), os adverbiais por advérbios (“sempre a subir”), os verbais por verbos (“bater bola baixa”).

No segundo critério, o do valor conotativo, Xatara leva em consideração o grau de idiomaticidade baseado numa escala que, de acordo com o significado das combinações, pode ser baixa ou alta. De acordo com Xatara (1998: 171-172), se os componentes da expressão perdem completamente os seus significados originais ou literais e são bloqueados pelo significado global, então, semanticamente essa expressão é **fortemente conotativa** (“fazer de tripas coração”). Mas se, pelo contrário, o grau de idiomaticidade não abranger todos os componentes da expressão, levando a que alguns

percam o seu significado literal e outros o conservem, então, semanticamente a expressão idiomática é **fracamente conotativa** (“trabalhar para o bispo”).

Por sua vez, Vilela (2002: 170) propõe uma classificação baseada nos critérios da **fixidez** e **estrutura semântica**.

No critério da fixidez, o autor leva em consideração a amplitude e o grau de fixidez em termos de categorias gramaticais nos constituintes das unidades fraseológicas. Vilela (2002: 170-171) distingue as **sequências cuja fixidez atinge toda a sequência** das **sequências frásicas**. Para o autor, as primeiras devem absorver todas as unidades fraseológicas com valor de provérbios e máximas (“de noite todos os gatos são pardos”; “o silêncio é de ouro”), ao passo que as segundas congregam as expressões idiomáticas com sentido completo (“já não está aqui quem falou”).

Além destes dois grupos, Vilela considera **as sequências verbais**, constituídas por duas ou mais classes gramaticais, sendo que o núcleo é um verbo (“dar o braço a torcer”; “ter mais olho que barriga”), **as sequências nominais**, cujo núcleo é um nome (“música ligeira”; “mundos e fundos”), **as sequências adjetivais**, que têm como núcleo um adjetivo (“surdo como uma porta”), **as sequências adverbiais**, cujo núcleo pode variar entre um advérbio e um nome (“de papo cheio”; “a ferro e fogo”), **os determinantes nominais**, em que o núcleo varia entre um artigo, um numeral ou um pronome (“uma carrada de nomes”; “dois dedos de conversa”) e **as fórmulas interjeccionais**, que têm como núcleo uma expressão interjeccional, geralmente usadas para exprimir exclamação (“uma ova!”; “cos diabos”).

No segundo critério, a estrutura semântica, Vilela leva em consideração a idiomaticidade marcada pelo grau de metafóricidade para proceder à classificação das expressões idiomáticas em **parcialmente idiomáticas** – quando a idiomaticidade abarca apenas parte da sequência - e **totalmente idiomáticas** – quando toda a sequência é abrangida pela idiomaticidade e perde todo o seu valor interior.

As propostas de classificação apresentadas pelos dois autores divergem apenas na designação. Tanto o critério de **natureza estrutural** como o da **fixidez** levam em consideração os aspetos morfossintáticos das expressões idiomáticas. Em termos funcionais, um sintagma nominal (designação adotada por Xatara) tem os mesmos constituintes e exerce a mesma função na oração que uma sequência nominal (designação adotada por Vilela). O mesmo verifica-se entre os critérios de **valor conotativo** e de **estrutura semântica**, em que um adota denominações como fortemente conotativa/ fracamente conotativa e outro, denominações como totalmente idiomática/ parcialmente idiomática. Quer num como noutro caso, as combinações são

avaliadas pelo grau de idiomaticidade que, acordo com Tagnin (1998 apud Ortiz Alvarez 2017: 10), se baseia em duas escalas, uma baixa e outra alta. A classificação proposta por estes dois autores será aplicada às expressões idiomáticas angolanas no Capítulo IV, referente à análise e interpretação dos dados.

1.4. Relação entre fraseologismos e culturemas

Com base na literatura especializada, constatamos que, em geral, os autores associam a existência dos fraseologismos a factos reais, de vária ordem, que terão ocorrido em determinada sociedade. É o caso, fundamentalmente, das expressões idiomáticas, das citações, dos provérbios, dos ditados e das frases proverbiais. Xatara (1998: 49), por sua vez, enfatiza a questão cultural quando define “expressão idiomática” como “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Na mesma linha de pensamento situam-se Oliveira e Rocha (2016: 62, 63), ao afirmarem que as expressões idiomáticas “surgem com base no léxico já compartilhado por determinada comunidade linguística, ao mesmo tempo que constituem criações fora do idioma (por meio de neologismos e culturemas) e que induzem ao surgimento de simbolismo dentro da língua”. Por sua vez, Sofia Rente (2013: 6) considera as expressões idiomáticas como formas de expressão próprias de uma língua que refletem a sua riqueza, pois é através delas que se transmitem referências culturais de determinada comunidade linguística e, a exemplo do que Andreia Vale faz em *Puxar a brasa à nossa sardinha*, Rente, na sua obra *Expressões idiomáticas ilustradas*, expõe as histórias ligadas ao surgimento de certas expressões idiomáticas.

Como se pode ver, são vários os autores que atentam em aspetos culturais quando procuram explicar as expressões idiomáticas, motivo por que não nos devemos alhear dos culturemas que estão subjacentes a essa fraseologia. Segundo Xatara e Riva (2015: 288), por exemplo, culturema é “qualquer elemento simbólico referente a um objeto, ideia, atividade ou fato, e reconhecido pelos membros de uma sociedade, utilizado como meio comunicativo e expressivo na interação comunicativa entre os usuários da língua dessa sociedade”. De acordo com estes autores, o processo de formação de unidades fraseológicas a partir dos culturemas opera-se em quatro fases: a) a disponibilidade dos símbolos; b) a configuração do culturema; c) a formação de tema sugerido pelo culturema; d) criação das unidades fraseológicas. A partir do símbolo “onça” (animal felino do Brasil, que representa um perigo para o homem) configura-se o culturema (ameaça), em seguida, surge o tema (necessidade de proteção, cautela) e, finalmente, a criação da unidade fraseológica (“amigo da onça”, que significa alguém

em quem não se pode confiar por ser falso). Esta unidade depois cristaliza-se nas comunidades que compartilham o mesmo culturema.

Os culturemas abarcam, pois, várias áreas da vida de um determinado grupo: social, política, religiosa, histórica, entre outras. E são estas, pois, as áreas em que ocorrem diferentes manifestações que desencadeiam a construção de unidades fraseológicas. É a linguagem figurada constituída em cada uma que leva a este fenómeno conhecido por Expressão Idiomática (EI). Xatara e Seco (2014: 503) consideram, ainda, que os culturemas “são o resultado da condensação de elementos que formam, ao longo do tempo, metáforas consideradas aceites como tradicionais por um povo em particular, ou por povos num sentido mais amplo. Essas metáforas criadas pelos culturemas acabam por ultrapassar o nível simbólico e se concretizam nos fraseologismos”.

Como é evidente, quanto maior for a diversidade, a heterogeneidade cultural e linguística de uma comunidade, maior é a possibilidade de criar expressões que traduzem, assim como o cruzamento de influências. Ora, dada a diversidade cultural de Angola, este é um tópico pertinente, e que certamente influencia o surgimento de expressões idiomáticas na variedade do Português falada no país.

Com efeito, a diversidade cultural em Angola tem determinado o surgimento de expressões idiomáticas, sobretudo nas últimas duas décadas, por causa dos acontecimentos políticos e da explosão do movimento kudurista, um estilo de música e dança muito apreciado por adolescentes e jovens. Como exemplo, destacamos a expressão “sempre a subir” e “ninho do marimbondo”. A primeira significa “vitória”, “progresso”, enquanto que a segunda significa “local de difícil acesso”, “esconderijo”, sendo que uma e outra resultam precisamente de circunstâncias políticas e sociais, sem as quais talvez não tivessem aparecido e circulado na comunidade. Estas unidades são apenas compreendidas e usadas por quem partilha os culturemas que estão subjacentes a estas expressões. Os culturemas constituem, assim, uma riqueza popular e fator determinante para a criação de unidades fraseológicas. Daí a relevância dos mesmos neste trabalho, uma vez que trataremos das expressões idiomáticas angolanas surgidas de culturemas angolanos, não partilhados, obviamente, pelo PE ou pelo PB.

CAPÍTULO II

REVISÃO DA LITERATURA

CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA

Em Portugal, embora até 2005 fossem poucos os estudos sobre expressões idiomáticas, conforme se pode perceber das palavras de Fontes (2016: 9), citando Jorge (2000), existiam trabalhos pontuais virados para a sintaxe, morfologia e didática. Destacaremos alguns, cujos contributos são relevantes para o nosso trabalho.

A primeira aproximação aos estudos fraseológicos é de autoria de Rodrigues Lapa, que publicou em 1945 o trabalho intitulado *Estilística da Língua Portuguesa*, que viria ser reeditado em várias ocasiões. Embora Lapa não trate exclusivamente de fraseologia ou expressões idiomáticas, no seu trabalho salienta aquilo que chama de princípio economia de palavras, dando exemplo do que acontecia na telegrafia, na qual, para se poupar tempo e reduzir os custos, se supriam algumas palavras, sobretudo as de carácter funcional, como conjunções e preposições. Como exemplo, o autor apresenta a seguinte texto:

"Recebi os capítulos do teu romance. Fez-se uma leitura aos nossos amigos. Foi enorme o entusiasmo, e todos o classificaram de verdadeira obra-prima. Envio-te um grande abraço" (Lapa: 1984: 8).

Fruto deste princípio de economia de palavras, o texto acima foi reduzido a "Capítulos romance recebidos. Leitura feita amigos. Entusiasmo! Verdadeira obra-prima! Abraço!" (Lapa: 1984: 8).

Ora, a ideia do princípio da economia de palavras, referido por Lapa, interessa-nos na medida em que as expressões idiomáticas, objeto do nosso estudo, exercem exatamente a mesma função, ou seja, estas expressões possuem uma densidade semântica, consistindo em poucas palavras poderem traduzir muitas ideias. A título de exemplo, temos a expressão angolana "curtir um banzelo" que, dependendo do contexto, pode significar "estar numa festa, estar entre amigos a beber uns copos, estar a relaxar sozinho", entre outros significados.

Ao considerar que as palavras não possuem vida própria de forma isolada, Lapa (1984: 75-76) refere-se às unidades fraseológicas como sendo as combinações cujos elementos concorrem para a expressão de uma única ideia. Assim, refere ainda o autor, "as partes componentes sacrificam o seu significado individual em benefício do conjunto".

Em *Expressões idiomáticas na língua e no discurso* Vilela (2002: 161), no seu trabalho, realça a função nomeadora dos fraseologismos, considerando que os mesmos traduzem uma nova realidade (nomeação secundária) a partir de uma realidade já existente (nomeação primária), o que contribui para o alargamento do léxico da língua

que acolhe tais unidades. Com isso, facilmente se pode depreender que as expressões idiomáticas são criadas a partir do léxico que uma comunidade linguística já partilha. Outro aspeto a realçar no trabalho deste autor prende-se com os critérios que usualmente são aplicados para identificar um fraseologismo, apontando a **fixidez**, que tem a ver com o facto de a unidade não poder ser decomposta ou dissociada; a **idiomaticidade**, quando o significado global da unidade ultrapassa o significado individual dos seus constituintes; a **tipicidade**, relacionada com o facto de os elementos de uma unidade não poderem entrar na composição de outras unidades (Vilela, 2002: 161-163).

Quanto à questão da estabilidade dos fraseologismos ou das expressões idiomáticas, Vilela (2002: 163) chama a atenção para a invariabilidade relativa, pois admite que certas unidades podem variar no discurso em função do contexto em que são usadas. Para o autor, existem variações previstas pela norma da língua que não afetam as unidades fraseológicas do ponto de vista estrutural (morfológica e sintática) e abarcam alguns domínios da gramática como o género, número, grau (diminutivo, superlativo), e ainda assim as unidades conservam os seus valores semânticos. No entanto, o autor sublinha a impossibilidade de variação de algumas expressões idiomáticas na construção da passivização, adjetivação, relativização, pronominalização, modificação adjetival, modificação nominal, modificação adverbial, determinação, intensificação, indefinição, pluralização, e presença ou ausência de artigo.

Vilela (2002: 175) sugere, por isso, a verificação da "fixibilidade" de determinadas unidades fraseológicas verbais, transformando-as mediante os processos acima referidos. Partamos das seguintes expressões: "dar o caldo", "atirar pedras" e "fazer boa muxima" que significam "morrer", "cometer erros gramaticais" e "agradecer ou fazer agradecimento", respetivamente.

6. Passivização:

- (a)*O caldo foi dado pelo Samuel.
- (b) As pedras foram atiradas por todos nós.
- (c) A boa muxima foi feita pelo filho ao pai.

7. Adjetivação participial:

- (a) *O caldo dado do Samuel.
- (b) As pedras atiradas por todos.
- (c) A boa muxima feita pelo filho ao pai.

8. Relativização:

- (a) *O caldo que o Samuel deu
 - (b) As pedras que vocês atiraram
 - (c) A boa muxima que o filho fez ao pai
9. Pronominalização:
- (a)*O Samuel deu-o.
 - (b) Vocês atiraram-na.
 - (c) O filho fê-la.
10. Modificação adjetival:
- (a)*O Samuel deu o delicioso caldo.
 - (b) Vocês atiraram duras pedras.
 - (c) O filho fez uma rica boa muxima ao pai⁶.
11. Modificação nominal:
- (a) *O Samuel deu o caldo dos sonhos.
 - (b) Vocês atiraram pedras da pior espécie.
 - (c) O filho fez a boa muxima ao pai,
12. Modificação adverbial:
- (a) O Samuel deu o caldo repentinamente
 - (b) Vocês atiram pedras insistentemente
 - (c) O filho fez boa muxima amavelmente
13. Determinação:
- (a) *O Samuel deu aquele caldo
 - (b) Vocês atiraram aquelas pedras
 - (c) O filho fez aquela boa muxima ao pai
14. Intensificação:
- (a)*O Samuel deu muito o caldo
 - (b) Vocês atiraram muitas pedras
 - (c) O filho fez muito boa muxima ao pai
15. “Indefinição”:
- (a) *O Samuel deu um caldo
 - (b) Vocês atiraram umas pedras
 - (c) O filho fez uma boa muxima ao pai.
16. Pluralização:
- (a)*O Samuel deu os caldos
 - (b) Vocês atiraram as pedras

⁶ Note-se que entre os adjetivos “rica” e “boa” não estão unidos pela conjunção coordenativa “e”, o que revela o grau de fixidez da expressão.

(c) O filho fez as boas muximas

17. Presença/ ausência de artigo

(a)*O Samuel deu caldo

(b) Vocês atiraram pedras

(c) Vocês fizeram a devida boa muxima ao pai

Mediante a verificação da fixibilidade, apresentada por Vilela, constatámos o seguinte: em 6 (a), a passivização não é possível, pois o agente da passiva enquanto responsável pela acção sofrida pelo sujeito, passa a ideia de que terá havido suicídio, o que pode não ser verdade; em 7 (a), a adjetivação parcial fica comprometida, na medida em que dá a ideia de que a morte do Samuel foi motivada por alguém; em 8 (a), fica-se com a ideia de que terá sido o Samuel a sugerir a sua própria morte; em 9 (a), não é possível porque morrer não é um verbo que admita pronominalização. Em 10 (a), nenhuma morte é deliciosa, assim como também não pode existir a morte dos sonhos em 11 (a); em 13 (a), o verbo morrer não admite determinante nem quantificação, em 14 (a); para o caso do 15 (a), não faz sentido o uso do artigo indefinido, já que a morte é uma certeza; em 16 (a) fica-se com a ideia de haver mais do que uma morte e isso não é possível, enquanto que a ausência do artigo definido em 17 (a) altera a originalidade da expressão e, conseqüentemente, o seu sentido.

Se do ponto de vista morfosintático estas expressões admitem variações de fixibilidade e ainda conservam a sua gramaticalidade, o mesmo não acontece com algumas delas do ponto de vista semântico, pois tornam-se agramaticais.

Um tópico de extrema relevância para o trabalho que desenvolvemos, e que foi tratado por Vilela, é a proposta de classificação dos fraseologismos do ponto de vista estrutural e semântico, tópico já desenvolvido no ponto referente à tipologia das expressões idiomáticas (cf. supra subponto 1.3.2. do capítulo I), em que se destacam as sequências nominais, verbais, adjetivais, adverbiais, as formas interjecionais, bem como as sequências parcial ou totalmente opacas. A relevância deste tópico para o nosso estudo justifica-se na medida em que, por um lado, são poucos os autores que tratam da tipologia das expressões idiomáticas, e, por outro, por sentirmos a necessidade de aplicar uma tipologia classificativa às expressões idiomáticas angolanas.

Mais virada para a área da tradução, Santos (2016), na sua dissertação de mestrado intitulada *Tradução cultural: o desafio das expressões idiomáticas*, destaca os aspetos essenciais a serem levados em consideração no trabalho dos tradutores. Com base em dois dicionários de expressões idiomáticas, um em alemão e outro em inglês, o autor pretendia aferir se as equivalências de tais expressões em português correspondiam aos

usos convencionais e se cumpriam com os pressupostos das normas da tradução. No entanto, Santos considera que, antes mesmo de adquirir qualquer técnica de tradução, o tradutor deve conhecer algumas particularidades das expressões idiomáticas, pois elas “carregam uma informação cultural da língua, constituindo um desafio para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, assim como na tradução” (Santos, 2016:10).

Assim, dentre os aspetos das expressões idiomáticas que o tradutor deve dominar, Santos destaca a idiomaticidade e o princípio da composicionalidade e a metáfora conceptual. A idiomaticidade é tida por muitos autores como o principal critério de identificação de uma expressão idiomática visto que ela está associada a fatores meramente culturais e metafóricos, o que provoca a perda do sentido literal da unidade, dando lugar ao sentido figurado ou contextual, de acordo com usos e costumes de determinada comunidade linguística. Por esta razão, Santos (2016: 19) advoga que “aquilo que é idiomático carece, para a sua compreensão, de outros conhecimentos para além do conhecimento gramatical”. Daí que, para a correta compreensão de uma expressão idiomática, o falante não só deve possuir competência gramatical como também deve reunir uma série de requisitos que lhe permitam o desenvolvimento da competência comunicativa. Estes requisitos, de acordo com Santos, passam pela competência textual, sociocultural, metalinguística, pragmática, entre outras.

Em virtude de ainda se verificar certa confusão entre as unidades fraseológicas que podem ser classificadas como expressões idiomáticas, Santos defende a necessidade de o tradutor ser capaz de diferenciar uma expressão idiomática de uma colocação de uma locução. Neste sentido, uma colocação pode ser identificada e avaliada apenas num *corpus* através da sua frequência, o que significa que ela pode mudar de *corpus* para *corpus*, ao contrário das expressões idiomáticas que carecem de outros elementos para a sua identificação. Quanto às locuções, o autor considera que podem ser decompostas e facilmente são dicionarizadas, ao passo que as expressões idiomáticas não podem ser decompostas devido à metáfora que as torna cristalizadas na língua e, por isso, dificilmente dicionarizadas, salvo em dicionários especializados (Santos, 2016: 30-35). Logo, a partir da proposta de tradução que Santos apresenta, deduz-se que o tradutor dever ter domínio das duas línguas, sobretudo dos aspetos socioculturais a que se referiu o autor sob pena de proceder a uma tradução incorreta e, conseqüentemente, passar uma falsa informação, visto que as expressões idiomáticas ultrapassam as regras gramaticais e carregam uma carga cultural muito forte. Por este motivo, o autor recomenda a integração das expressões idiomáticas no programa de formação de tradução.

Motivada pela fraca abordagem das expressões idiomáticas no ensino PLE e pelo elevado número de comunidades portuguesas em França, Fontes (2016), na sua dissertação de mestrado, realizou um estudo com alunos franceses com o objetivo de minimizar as dificuldades de interpretação e compreensão das expressões idiomáticas e ajudar os aprendentes a aplicá-las corretamente nos seus discursos. No entanto, dado o interesse do nosso estudo, salientamos a abordagem do nível de língua em que podem figurar as expressões idiomáticas bem como a redutibilidade das mesmas (Cf. Cap. III). De acordo com Fontes (2016: 18), as expressões idiomáticas são mais frequentemente identificadas com o nível de língua familiar, sendo, como é óbvio, identificadas também nos outros níveis. Quanto à redutibilidade, a autora explica que, mediante os processos de denotação referencial e conotação inferencial, algumas expressões não podem ser reduzidas por designarem objetos não possíveis de ser nomeados de outra forma, enquanto que outras podem ser reduzidas por designarem objetos mediante os seus atributos.

Se, por um lado, alguns autores se debruçaram sobre questões mais teóricas em termos fraseológicos (definição, critérios de classificação, tipologia, etc.), por outro, há quem se tenha dedicado à divulgação das expressões idiomáticas, associando-as aos factos que estiveram na base da sua origem, o que nos remete para a relação expressões idiomáticas-cultura. A título de exemplo, vejam-se os trabalhos de Sofia Rente (2013) - *Expressões idiomáticas ilustradas*, Andreia Vale (2015) - *Puxar a brasa à nossa sardinha*; Guilhermina Jorge e Suzete Jorge (1997) - *Dar à língua: da comunicação às expressões idiomáticas*; António Nogueira dos Santos (2012) - *Novos dicionários de Expressões Idiomáticas*, entre outros. Como se disse, são contribuições que visam divulgar as expressões idiomáticas, permitindo, deste modo, o enriquecimento linguístico dos falantes e a constituição de um reportório do património fraseológico português.

Por outro lado, dois dos trabalhos de autores brasileiros mereceram a nossa atenção para esta Revisão da Literatura. Trata-se de *O tesouro da fraseologia brasileira* de Antenor Nascentes, publicado em 1945, e da tese de doutoramento intitulada *Expressões idiomática do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira* de Alvarez Ortiz (2000).

Antenor Nascentes, o pai da fraseologia brasileira, é destacado nesta área ao publicar, em 1945, um dicionário com 2000 verbetes e 7000 locuções e considerado, na época, o mais completo de expressões e locuções da língua portuguesa, embora mais

tarde Lapa (1984: 82) o considerasse um material incompleto face às exigências e à evolução dos estudos nesta área de conhecimento. Apesar disso, o dicionário de Nascentes constitui até hoje uma referência visto que congrega uma série de expressões e locuções que perduram até hoje como “descascar um abacaxi”, “gato escondido com rabo de fora”, “negócio da China”, entre outras.

Embora não tratasse de forma explícita da tipologia das expressões e locuções nela contidas, é possível perceber que Nascentes combina, entre outras tipologias, as de sintagma nominal, verbal, adjetival e adverbial, conforme se pode ver na secção XXIII, dedicada às instruções para o uso do livro. Eis alguns exemplos:

- Coser a fachadas (esfaquear) – sintagma verbal (pág. 120);
- Negócio da China (muito vantajoso) – sintagma adjetival (pág. 197);
- Inferno verde (as florestas do Amazónia) – sintagma nominal (pág. 152);
- Bancar o veado (fugir/sair correndo) – sintagma adverbial (pág. 311).

Por sua vez, Alvarez Ortiz é aqui referenciada pelos vários trabalhos que produziu, destacando-se a sua já referida tese de doutoramento, na qual faz um estudo contrastivo e aprofundado das expressões idiomáticas nas duas línguas. No seu trabalho, a autora trata vários tópicos relevantes para o nosso estudo como, por exemplo, os fatores que contribuem para o surgimento e definição de expressões idiomáticas, sua tipologia, a distinção entre expressões idiomáticas e outras unidades fraseológicas, as estratégias para interpretação das expressões idiomáticas, entre outros assuntos.

Debruçando-se sobre os modos de formação das expressões idiomáticas, a autora entende que o surgimento das mesmas ocorre pelo facto de muitas vezes os falantes não encontrarem alternativas para exprimir uma nova realidade da sua língua, conforme explica:

os homens por não encontrar no repertório lexical disponível os elementos que necessitam para se comunicar numa determinada situação e expressar emoções, sentimentos, sutilezas de pensamento lançam mão de combinatórias inusitadas procurando um efeito impactante de sentido que aos poucos vão se cristalizando e difundindo-se pela comunidade de falantes (Alvarez Ortiz, 2000: 109).

Outro tópico de grande interesse para o nosso trabalho é a tipologia das expressões idiomáticas. Não sendo um aspeto tratado por muitos autores de língua portuguesa, Alvarez Ortiz (2000: 116-120), apresenta uma proposta de classificação das expressões idiomáticas mas, ao contrário de Xatara e Vilela, que distinguem “sintagmas” e “sequências”, prefere as seguintes denominações: expressões idiomáticas verbais, expressões idiomáticas conjuntivas, expressões idiomáticas nominais,

expressões idiomáticas adverbiais, expressões idiomáticas adjetivas, expressões idiomáticas com diferentes tipos de anomalias, expressões com homónimo livre. Nesta classificação, a autora destaca as várias funções que as expressões idiomáticas nominais ou substantivas podem assumir nas orações (sujeito, complemento nominal ou de modo), bem como as várias circunstâncias de modo e lugar que as expressões idiomáticas adverbiais podem exprimir. Entretanto, vale salientar que apesar de denominações diferentes, todas as propostas de classificação cumprem as mesmas funções.

A distinção que Alvarez Ortiz faz entre as expressões idiomáticas e as restantes unidades fraseológicas é de extrema importância para o nosso estudo, na medida em que, por um lado, persistem as sobreposições conceptuais na literatura teórica, e, por outro, precisamos de identificar com precisão as expressões idiomáticas angolanas. Por termos já tratado desse assunto nos pontos anteriores, não iremos descrever a distinção feita pela autora. No entanto, esta dá uma atenção especial à metáfora, por entender que “é um dos principais recursos com que o homem pode enriquecer a língua, é um dos processos mais importantes e úteis ao qual a teoria fraseológica pode-se recorrer diante da necessidade de dar nome aos novos objetos e fenómenos que surgem com o desenvolvimento da ciência e a técnica” (Alvarez Ortiz (126-127)).

Ao concluir o seu trabalho, Alvarez Ortiz (269-275) faz várias constatações das quais destacamos a definição de expressão idiomática, que, segundo ela, “é uma unidade de significação associada a uma estrutura indecomponível e relativamente estável ao longo do tempo”. De acordo com Alvarez, tanto as expressões idiomáticas quanto as expressões livres apresentam as mesmas estruturas, ou seja, são estruturas sintagmáticas que diferem apenas pelo facto de umas serem convencionalizadas e outras, canónicas; as expressões idiomáticas têm um núcleo sintático, mas o sentido não depende deste núcleo, pois continua a ser uma unidade semântica que nada tem a ver com a segmentação em constituintes semânticos; a contextualização é fundamental para a interpretação semântica da expressão idiomática; há escassez de trabalhos que estabelecem a relação existente entre a língua e a cultura, e que analisam o papel do ensino das expressões idiomáticas nas aulas de línguas estrangeiras; há necessidade de propor a elaboração de exercícios a serem utilizados na sala de aulas; há ainda a necessidade de elaboração de um dicionário bilingue de expressões idiomáticas em português-espanhol.

Em Angola, não há registos de estudos aprofundados no âmbito da fraseologia de um modo geral e no das expressões idiomáticas, de modo particular. Geralmente, as

expressões idiomáticas são referenciadas de forma muito vaga em trabalhos académicos como monografias, dissertações de mestrado e teses de doutoramento, sem quaisquer informações de natureza científica (definição, classificação, etc.), por um lado e, por outro, aparecem em obras literárias de autores angolanos.

Dentre os trabalhos efetuados a respeito das expressões idiomáticas, destacam-se os de Loureiro (2015) - *Neologismos do Português de Angola: Proposta de constituição de base de dados com vista à construção de um Observatório Linguístico*, no qual menciona as expressões “Estamos Juntos” e “Cara Podre”. Loureiro (2015: 73) explica que as referidas expressões são neologismos que resultaram da extensão semântica por meio da metaforização. No entanto, importa salientar que a expressão “Estamos Juntos” se transformou, ao longo dos tempos, em fórmula rotineira, uma vez que é usada como despedida. Já a expressão “Cara Podre” permanece como um neologismo.

No seu trabalho de licenciatura com o título *Texto proverbial e expressões idiomáticas em José Luandino Vieira nas obras “Luanda” e “Laurentinho, Dona Antónia de Sousa Neto e Eu”*: Os valores patenteados nos provérbios e expressões idiomáticas que podem ser englobadas na cultura tradicional angolana, Gaspar (2005) sugere uma proposta de interpretação das expressões idiomáticas presentes nas citadas obras de Luandino Vieira. Ao debruçar-se sobre as expressões idiomáticas, a autora refere que se trata de unidades complexas do ponto de vista da sua interpretação pelo facto de muitas vezes apresentarem valor estilístico (Gaspar, 2005: 34). Nas propostas de interpretação sugeridas, a autora organiza-as por temas, nomeadamente: rir, honestidade, dependência, sujar, pensar, gargalhar, entristecer-se ou ideias, ter fome, tropejar, chover, o interior, conhecer, ter medo, anoitecer, acalmar, bater, ter problemas, tranquilidade, silenciar, revelar, o vento, intrometer-se.

Vejamos alguns exemplos:

- Sujar: “Os carros cuspiendo lama na cara das cubatas (LU, 1997: 16)”. pág. 37.
- Gargalhar: “... e os risos de todas as bocas ficaram no ar (LU, 1997: 142)”. pág. 38.
- Anoitecer: “o sol fugia para noite; o sol raivoso, queimava (LU, 1997: 44)”. pág. 42.

Para estes exemplos foram propostos os seguintes significados: “os carros que passavam salpicavam lama nas paredes das casas”; “gargalharam todos ao mesmo tempo”; “fim da tarde, mas com sol ainda ardente”, respetivamente.

Ao analisarmos estas frases, levantamos algumas questões sobre as características das expressões idiomáticas, a saber:

1. Nas frases apresentadas, quais são as combinações que correspondem às expressões idiomáticas? “Carros cuspiendo lama”, “cara das cubatas”, “risos de todas as bocas”, “ficaram no ar”, “o sol fugia para noite”, o sol raivoso” ou “o sol queimava”?
2. Se forem estas, estão cristalizadas no seio da comunidade linguística angolana?
3. Do ponto de vista sintático e semântico, que grau de fixidade e de idiomaticidade apresentam?

Constatámos que são formas de falar muito próprias do autor, recriações que ele faz com as palavras a partir dos recursos estilísticos para embelezar e dar maior expressividade aos seus textos. Sobre isso, Gomes e Cavaca (2004: 48) consideram que os artistas tendem a criar, com as suas obras, idioletos e socioletos, expressões que muitas vezes resultam da intuição, e uma construção gramatical próprios e que ficam fora da norma aceite pela comunidade. Na verdade, as expressões em análise não apresentam frequência de uso, variação, lexicalização nem tão pouco transitaram do sentido literal para o sentido figurado, tal como sugere Corpas Pastor (1996).

A exemplo do que se verifica na obra de José Luandino Vieira, em *Manana* (2014) de Uanhenga Xitu, outro escritor de renome na literatura angolana, faz-se também recurso às expressões típicas com vista a dar maior expressividade aos seus escritos. Nela podemos ler as expressões “deixar os ossos” = morrer (pág. 8), “despachante oficial” = feiticeiro (pág. 25), e “ver de lado” = olhar com desprezo (pág. 25). Dessas expressões, “ver de lado” vigorou durante certo tempo e caiu no esquecimento, tendo sido substituída pela expressão “ver com falha”. As outras duas expressões nunca se cristalizaram.

A verdade é que as expressões aqui analisadas não fazem parte do uso diário das pessoas e, por isso, o uso de textos literários com expressões do género em provas de avaliação no sistema de ensino tem criado grandes dificuldades aos alunos dos mais variados níveis no que diz respeito à interpretação de textos literários. Em função desta realidade, muitas são as razões que estão na base da elaboração deste trabalho, pois o estado da Fraseologia em Angola, em particular das Expressões Idiomáticas, apresenta-se como um terreno ainda virgem, sendo, por isso, necessário desenvolver estudos que visem divulgar e normalizar as expressões idiomáticas, tendo em vista a valorização e preservação dos hábitos culturais e linguísticos do povo angolano.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

CAPÍTULO III: METODOLOGIA

1. Preâmbulo

Qualquer trabalho de natureza científica deve apoiar-se em métodos, técnicas e instrumentos que sirvam de caminhos que conduzem o investigador ao alcance dos objetivos traçados. A identificação do problema, o levantamento de hipóteses e a determinação dos objetivos constituem fatores imprescindíveis para o investigador saber que caminhos deve percorrer para a materialização de tudo quanto foi planejado. Pode dizer-se que há uma relação de dependência ou complementaridade entre os objetivos e os métodos, na medida em que os primeiros levam à seleção dos segundos e estes, por sua vez, garantem o cumprimento dos primeiros. Por isso, Marconi e Lakatos (2003: 83), definem os métodos como “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detetando erros e auxiliando as decisões do cientista”. Imbuídos desse espírito, para a realização do presente trabalho, procuramos percorrer os caminhos mais adequados à natureza deste, adotando técnicas e instrumentos que nos garantam a recolha de informações fíaveis, para assim chegarmos às conclusões, respondendo às questões de partida e confirmando ou não as hipóteses que sejam, de facto, contribuições para o conhecimento da fraseologia no Português angolano. Tais técnicas e instrumentos são descritos nos pontos que se seguem.

2. Métodos quantitativos e qualitativos

As informações recolhidas junto dos nossos informantes mereceram um tratamento minucioso do ponto de vista estatístico, ou seja, os dados recolhidos foram alvo de metodologia quantitativa, para depois, a partir dessa quantificação, se fazer uma análise qualitativa. Isso equivale a dizer que, a exemplo do que acontece entre os objetivos e os métodos, há também uma dependência ou complementaridade entre a análise quantitativa e a análise qualitativa. A esse propósito, Marconi e Lakatos (2003: 104) afirmam que as transformações qualitativas não são resultados do acaso nem tão pouco de meras ilusões; elas procedem sempre das transformações quantitativas.

Neste sentido, achamos que a adoção de apenas um método não seria suficiente para responder às exigências do nosso estudo, visto que é impossível chegar a conclusões representativas sem antes quantificar os dados, e, do mesmo modo, não é possível apresentar conclusões apenas com dados estatísticos. Para elucidarmos o que acabámos de dizer, aponte-se como exemplo o levantamento feito para aferir a proveniência das expressões idiomáticas usadas em Angola. Logo, o recurso aos dois métodos, o

quantitativo e o qualitativo, pareceu-nos o mais aconselhável pelos motivos já evocados. Assim, na visão de Reis (2018: 78), o método quantitativo permite que o estudo assente em grandes amostras representativas, embora também seja possível chegar a conclusões com base em dados reduzidos. Em relação ao método qualitativo, o mesmo autor (Reis 2018: 78) considera que este responde à necessidade de analisar dados impossíveis de serem quantificados, o que requer do investigador uma análise mais descritiva que possibilite a compreensão dos fenómenos em apreço. A combinação dos dois métodos levou-nos aos melhores resultados, justificando assim a sua escolha para a investigação.

3. População estudada

Partindo do princípio de que as expressões idiomáticas ocorrem em todas as línguas, em todas as classes sociais, em todas as áreas (urbanas e suburbanas), assim como em todos os registos linguísticos, elegemos como população alvo uma amostra de falantes de português, residentes na província de Luanda, com idades compreendidas entre os 14 e 70 anos. A escolha desta faixa etária justifica-se por dois motivos, a saber:

- a) Pelo facto de termos elaborado um questionário complexo que exigia do informante uma certa preparação (escrita, raciocínio lógico) para lhe responder, preparação essa que a grande maioria das crianças abaixo dos 14 anos não tem, sobretudo a das zonas rurais ou suburbanas, devido às insuficiências que o sistema de ensino apresenta, por um lado, e, por outro, a grande maioria das pessoas com idade acima dos 70 anos apresenta pouca habilidade na escrita, em virtude de não ter tido oportunidade de estudar durante a época colonial;
- b) Por entendermos que o uso das expressões idiomáticas não obedece a fronteiras em termos de idade, facto que permite fazer o confronto entre gerações diferentes, em termos de conhecimento e valorização das expressões idiomáticas.

Porém, dada a impossibilidade de trabalharmos com todos os habitantes que reuniam estes requisitos, priorizamos certas faixas sociais representativas de diferentes níveis de instrução e literacia, como é o caso de professores e estudantes de algumas escolas, de todos os níveis de ensino, fiéis da igreja católica, vendedores de um mercado e outros funcionários como empregados de limpeza e pessoal da segurança. Esta é a composição da nossa amostra, uma vez que, de acordo com Reis (2018: 87), representa um subgrupo de outro grupo maior que é a população-alvo. Compõem, pois, o grupo acessível e disponível com o qual trabalhamos. Foram seleccionadas 6 Escolas do Ensino Geral, 4 Instituições do Ensino Superior, 1 Paróquia da Igreja Católica e 1 Mercado. Nestas

instituições, foi possível recolher informações de 75 estudantes, 49 professores, 41 fiéis da Igreja Católica, 42 vendedores de mercado e 35 outros funcionários escolares constituídos por 19 empregadas de limpeza e 16 guardas, como se pode ver na tabela abaixo.

| DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ESTUDADA | M | F | SUBTOTAL | PERCENTAGEM |
|--|-----|-----|----------|-------------|
| Estudantes | 33 | 40 | 75 | 30,9% |
| Professores | 19 | 30 | 49 | 20,2% |
| Empregadas de limpeza e guardas das escolas | 19 | 16 | 35 | 14,4% |
| Fiéis da igreja Católica | 17 | 24 | 41 | 16,9% |
| Vendedores de mercado | 18 | 24 | 42 | 17,3% |
| Total | 106 | 136 | 242 | 100% |

Tabela 2- Composição da população estudada

Os números apresentados perfazem um total de 242 inquiridos, dos quais 106 do sexo masculino, correspondente a 46%, e 136 do sexo feminino, correspondente a 56%, como se pode ver no gráfico abaixo. Estas percentagens traduzem a demografia da população angolana em geral e, em especial, a de Luanda.

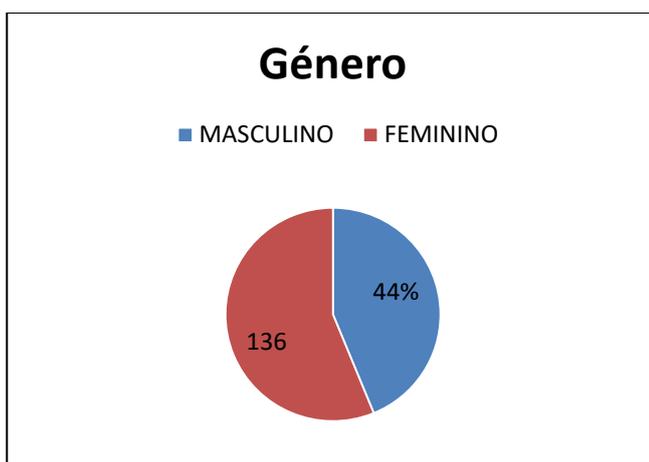


Gráfico 1- Género dos informantes

Como referido, para a escolha deste grupo, levou-se em consideração vários aspetos que determinaram o tipo de informações necessárias à investigação que levámos a cabo. Tais aspetos são as variáveis, baseadas na idade, nível de escolaridade, local de trabalho (incluindo os fiéis da igreja Católica), partilha de EIs, entre outros aspetos.

Em Angola, é comum assistirmos ao uso de expressões idiomáticas desde tenra idade, pelo menos a partir de 6, 7, 8 anos, sobretudo as expressões que entraram na língua recentemente e que são veiculadas pela música do estilo "kuduro", visto ser muito apreciada pelas crianças e jovens. No entanto, existem expressões que entraram no léxico do Português falado em Angola a partir da década de 1980 que são de maior domínio pelos mais velhos, menos frequentes no uso diário, pelo facto de não terem a

mesma divulgação que as expressões idiomáticas que mais recentemente entraram no léxico. Daí a pertinência da variante “idade” no presente estudo.

No que diz respeito à escolha das Escolas de Formação de Professores “Garcia Neto” e “IMNE Marista”, ambas do II Ciclo do Ensino Geral, e da FLUAN – Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, UCAN – Universidade Católica de Angola, UNIPIAGET – Universidade Jean Piaget de Angola e ISCED – Instituto Superior de Ciências da Educação, instituições do Ensino Superior, existem vários motivos: por um lado, nestas instituições ministra-se o curso de Língua Portuguesa e, portanto, esperávamos recolher contribuições valiosas por parte dos professores e estudantes, pressupondo que estes possuíam maiores conhecimentos e eventualmente teriam produzido alguns trabalhos sobre as expressões idiomáticas; por outro lado, a localização destas instituições permitiu inquirir professores e, sobretudo, estudantes dos mais variados bairros da cidade de Luanda e de vários extratos sociais, de maneira a verificar se os fenómenos em apreço são socialmente transversais, não obedecendo a barreiras sociais, económicas, culturais, etc.

Por termos verificado que grande parte das novas expressões idiomáticas tem origem ou tem maior divulgação nos mercados e nos serviços de táxi, devido à confluência de distintos níveis sociais, académicos e culturais, entendemos ser pertinente a inclusão de vendedores do mercado do Km 12, localizado no bairro da Estalagem, município de Viana.

Pelo cuidado que têm com a linguagem, tornou-se relevante apurar entre os fiéis da Igreja Católica o conhecimento e uso das expressões idiomáticas, visto tratar-se de uma franja da sociedade que prima pela preservação de valores, incluindo uma linguagem apropriada em todas as ocasiões e lugares, motivo por que se contemplou na amostra a Paróquia do Verbo Divino, situada no bairro Estalagem, município de Viana. Relativamente aos Complexos Escolares “Teresiano de Viana nº 5005” e “Escolinha da Paz nº 5056”, e à Escola do I Ciclo nº 5008, todas localizadas no bairro Estalagem, Km 12A, município de Viana, a escolha deveu-se ao facto de albergarem estudantes com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos, facto que nos permitiu trabalhar com adolescentes e jovens, considerados os principais consumidores do estilo musical “kuduro”, que hoje constitui um dos veículos de neologismos no Português de Angola, incluindo expressões idiomáticas.

Os resultados obtidos com os vendedores do mercado do Km12A seriam os mesmos se tivéssemos aplicado o inquérito noutros mercados da cidade de Luanda, visto que a população que vende nestes mercados apresenta características similares

como: a idade (compreendida entre os 18 e 60 anos), o baixo nível económico, social e de escolarização.

4. Técnicas e instrumentos

O processo de recolha de dados envolveu a adoção de várias técnicas e instrumentos de trabalho. Depois da elaboração do inquérito, cujas características atrás apontámos, o passo seguinte foi procedermos à seleção da população alvo e, em seguida, durante cerca de dois meses, a sua aplicação no terreno, processo moroso e cheio de dificuldades. Como essa população está associada a várias instituições, foi necessário dirigir pedidos de autorização às autoridades que as dirigem, acompanhados do inquérito, explicando as motivações da pesquisa. Tão logo recebemos a autorização dessas instituições, passámos a fase de distribuição dos questionários.

Foram distribuídos 500 questionários, que ficaram sob a responsabilidade das Direções Gerais, Administrativas, Pedagógicas e Secretarias-gerais. Após terem sido encaminhados para as áreas competentes, os questionários foram aplicados à população visada. Graças a esses responsáveis, o andamento do preenchimento e a sua conclusão foram sendo acompanhados com regularidade. O trabalho na Paróquia do Verbo Divino foi feito em duas etapas: num sábado, durante as aulas de catequese, trabalhámos com adolescentes e jovens e, no dia seguinte, aproveitámos a missa para trabalhar com adultos⁷. Embora tenhamos distribuído 500 inquéritos, apenas 242 foram efetivamente respondidos, facto que se explica por dois aspetos:

- a. A escola do Ensino Geral nº 5008, localizada no município de Viana, e a Universidade Católica de Angola, localizada no bairro Palanca, município de Belas, não devolveram qualquer questionário;
- b. Das outras instituições, dos 50 exemplares recebidos, algumas devolveram metade, outras, mais da metade e outras, ainda, menos da metade.

Com a finalidade de atestarmos a existência de trabalhos produzidos sobre as expressões idiomáticas, solicitámos aos Departamentos de Língua Portuguesa das Instituições do Ensino Superior que ministram o Curso de Linguística que nos permitissem o acesso aos trabalhos de fim de curso dos estudantes ou os estudos dos docentes. Todavia, devido a impedimentos de natureza burocrática, tal acesso apenas foi possível no Instituto Superior de Ciências da Educação – ISCED, onde pudemos consultar algumas monografias e dissertações. Não foi possível fazer o mesmo trabalho na FLUAN – Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, porque a chefe de

⁷ Embora tivéssemos já trabalhado com jovens e adultos nas escolas enquanto estudantes, voltámos a fazê-lo com os mesmos na igreja, por congregar estes níveis etários em diferentes momentos: missa, aulas de catequese, etc.

Departamento nos disponibilizou apenas uma lista de temas das teses defendidas pelos estudantes finalistas. O mesmo ocorreu no Instituto Jean Piaget de Angola, em concreto na Faculdade de Ciências e Humanas em que se integra o Departamento de Português, cuja decana não autorizou o acesso aos referidos trabalhos.

Apesar destes constrangimentos, conseguimos recolher questionários suficientes para a extração de dados necessários ao nosso trabalho sobre as EIs, inquiridos que, no seu conjunto, se caracterizam conforme segue.

4.1. O inquérito

Após a identificação da problemática e a definição dos objetivos, entendemos que, dada a escassez de estudos sobre a fraseologia angolana e, ainda, a inexistência de algum *corpus* que já reunisse unidades fraseológicas, o trabalho deveria basear-se na recolha de informações que nos permitissem uma análise detalhada das expressões idiomáticas em Angola. Por esta razão, recorreremos ao inquérito, instrumento de recolha que, segundo Ghiglione e Matalon (1995: 8), consiste numa “interrogação particular acerca de uma situação, englobando indivíduos com o objetivo de generalizar”. O inquérito materializou-se por meio de um conjunto de perguntas, isto é, um questionário para orientar os informantes e obter informações.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003: 201), este é “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Na nossa pesquisa, para se alcançar a população-alvo do estudo, o trabalho de campo era necessário como também era vantajoso, visto que, por um lado, possibilita a cobertura de várias áreas da cidade de Luanda, e, por outro, proporciona aos informantes maior liberdade nas respostas, por ser documento anónimo, assegurando assim respostas reais e seguras.

Tendo em vista os objetivos, o questionário elaborado (Cf. Apêndice) para a recolha de dados comporta cinco partes, a saber:

- I. **Objetivos do questionário**, em que os informantes são elucidados acerca da finalidade do estudo;
- II. **Descrição do informante**, em que se pedem alguns dados identificativos do informante, tais como idade, sexo, habilitações literárias, ocupação, local de trabalho e outras informações;
- III. **Nível de conhecimento explícito sobre expressões idiomáticas**, em que se procura saber o que os informantes sabem e explicitam sobre a definição de expressão idiomática, os critérios de identificação de uma expressão idiomática e a distinção entre expressão idiomática e provérbio;

- IV. **O uso das expressões idiomáticas**, parte do inquérito em que se pretende apurar a frequência com que os informantes usam as expressões idiomáticas, a consciência que têm do seu uso, os locais em que as usam, com quem as partilham, a proveniência das mesmas, a importância que atribuem às expressões idiomáticas no contexto sociocultural angolano, o nível de divulgação das expressões idiomáticas;
- V. **Interpretação das expressões idiomáticas**, em que se apresentam várias expressões idiomáticas aos informantes, para que estes as interpretem, atribuindo-lhes significados de acordo com os usos angolanos, ao mesmo tempo que se pede aos informantes para indicarem algumas expressões idiomáticas com os respetivos significados, igualmente de acordo com os usos angolanos.

Apesar de o inquérito incluir elementos identificadores dos informantes, por motivos de reserva de identidade e confidencialidade dos dados recolhidos, todos os inquéritos foram codificados por meio de letras iniciais do local da recolha, uma numeração para cada informante e a letra inicial do sexo. Assim, temos, por exemplo, para os vendedores de mercado, MER003F, para os fiéis da igreja, IGRE014M, para as escolas, PIAG0075F, ISCEDE097M, TERES044F, CETV006F, ESCOPAZ008M, MERC102M, e assim sucessivamente.

De acordo com os objetivos da investigação, elencámos uma série de questões de modo a recolhermos as informações pretendidas. Este facto levou-nos a elaborar perguntas fechadas e outras, abertas. O recurso aos dois tipos de perguntas justifica-se na medida em que, por um lado, as perguntas de resposta aberta permitiriam aos informantes expressarem livremente opiniões com as suas próprias palavras e, por outro, as perguntas de respostas fechadas, apesar de condicionarem as respostas, permitiram orientar os informantes de modo a recolhermos informações sobre aspetos considerados pertinentes para a compreensão do fenómeno em estudo e que certamente não seriam obtidos em respostas livres.

No entanto, a inclusão de perguntas de resposta aberta teve consequências como a demora do seu tratamento, uma vez que, além de serem mais longas, veiculam informações de várias naturezas. Pelo contrário, as perguntas de resposta fechada, embora tenham condicionado os informantes, possibilitaram um tratamento mais rápido e ágil. Saliente-se que, ao elaborarmos o questionário, ponderámos as vantagens e as desvantagens de um e outro tipo de perguntas, procurando manter um equilíbrio entre a facilidade da resposta por parte dos informantes (tempo de preenchimento e agilidade nas respostas das perguntas) e as necessidades da investigação.

Já aqui foi dito que na elaboração do questionário foram consideradas diversas variáveis julgadas imprescindíveis para as informações que pretendíamos recolher e, conseqüentemente, para o esclarecimento do fenómeno que identificámos. Passamos a explicar as razões da escolha de tais variáveis.

4.1.1. Nível de escolaridade

Quanto ao nível escolar dos informantes, levámos em consideração o facto de que quanto mais elevado é o nível académico maior será o nível de consciência a respeito das expressões idiomáticas e sua importância no contexto sociocultural angolano, embora saibamos que o sistema de ensino não privilegia as EIs. Por outro lado, tanto a idade como o nível académico podem determinar o local onde as usam e as pessoas com quem os informantes partilham as expressões idiomáticas, algumas delas tidas, para muitos falantes, como expressões impróprias (calão), ideia que se acentua em função da idade e do nível académico.

Apurámos que 12 são do Ensino Primário, sendo 6 informantes do sexo masculino e 6, do feminino; 68 possuem o I Ciclo, 28 homens e 40, mulheres; 114 têm o II Ciclo, sendo 41 do sexo masculino e 73, do feminino; 21 licenciados, 18 homens e 6 mulheres; 6 mestres, sendo 4 homens e 2 mulheres; 3 doutorados, 2 do sexo masculino e 1, do feminino. Apurámos ainda que 15 informantes não forneceram informações sobre o seu nível académico, dos quais 7 são do sexo masculino e 8 do sexo feminino. O gráfico abaixo traduz os dados que acabamos de descrever.

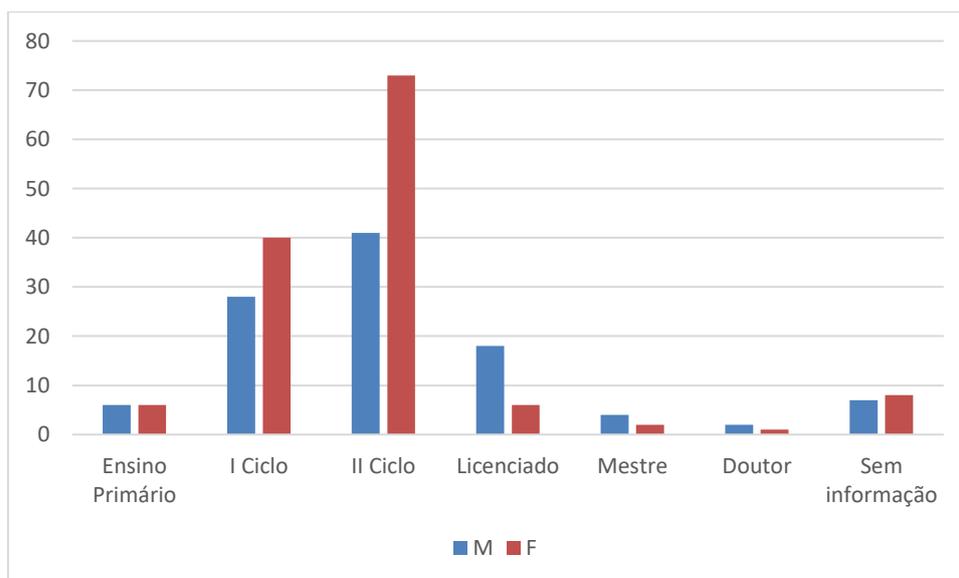


Gráfico 2-Nível escolaridade dos informantes

4.1.2. Conhecimento explícito sobre as EIs

Pretendíamos apurar se os informantes, ao usarem as expressões idiomáticas, realmente tinham consciência de que as usavam, motivo por que foram solicitados a fazer uma definição de EI, a apontar os critérios para a identificação de uma expressão idiomática e a estabelecer a distinção entre uma expressão idiomática e um provérbio. A finalidade deste exercício foi avaliar o grau de conhecimento explícito dos informantes. Os resultados mostraram que 25 informantes, dos quais 14 homens e 11 mulheres, definiram EI de forma aceitável; 103, 39 homens e 76 mulheres, não apontaram uma definição adequada de expressão idiomática; por último, 114 informantes, dos quais 53 masculinos e 49 femininos, não responderam. Sobre os critérios de identificação de uma expressão idiomática, verificámos que 20 informantes, entre eles 10 masculinos e 10 femininos, indicaram alguns critérios aceitáveis; 127 informantes, 57 do sexo masculino e 68 do feminino, não indicaram qualquer critério aceitável, ao passo que um grupo de 95 informantes, 39 masculinos e 58 femininos, preferiram não responder. Ao procederem à distinção entre expressão idiomática e provérbio, 30 informantes, 18 masculinos e 12 femininos, fizeram-no de forma adequada; 118 informantes, dos quais 52 masculinos e 78 femininos, não fizeram uma distinção válida, enquanto 94 informantes, 36 masculinos e 46 femininos, não responderam.

| CONHECIMENTO EXPLÍCITO | ADEQUADO | | | | INADEQUADO | | | | SEM RESPOSTAS | | | |
|---|----------|----|-------|------|------------|----|-------|------|---------------|----|-------|------|
| | M | F | TOTAL | % | M | F | TOTAL | % | M | F | TOTAL | % |
| Definição | 14 | 11 | 25 | 10,3 | 39 | 76 | 115 | 47,5 | 53 | 49 | 102 | 24,1 |
| Critério de identificação | 10 | 10 | 20 | 8,2 | 57 | 68 | 125 | 51,6 | 39 | 58 | 97 | 40,8 |
| Distinção entre EIs e Provérbios | 18 | 12 | 30 | 12,3 | 52 | 78 | 130 | 53,7 | 36 | 46 | 82 | 33,8 |

Tabela 3 - Conhecimento explícito dos informantes sobre as EI

4.1.3. Uso de expressões idiomáticas

Na sequência dos dados apresentados no ponto anterior, procurámos então saber se ao usarem as expressões idiomáticas os informantes o faziam de forma explícita ou implícita, ou seja, se os informantes sabiam que em determinado momento do seu discurso estariam a usar EIs. Os resultados deste exercício poderão dar pistas da necessidade de maior ou menor divulgação das expressões idiomáticas. O gráfico abaixo mostra a situação real dos informantes a este respeito.

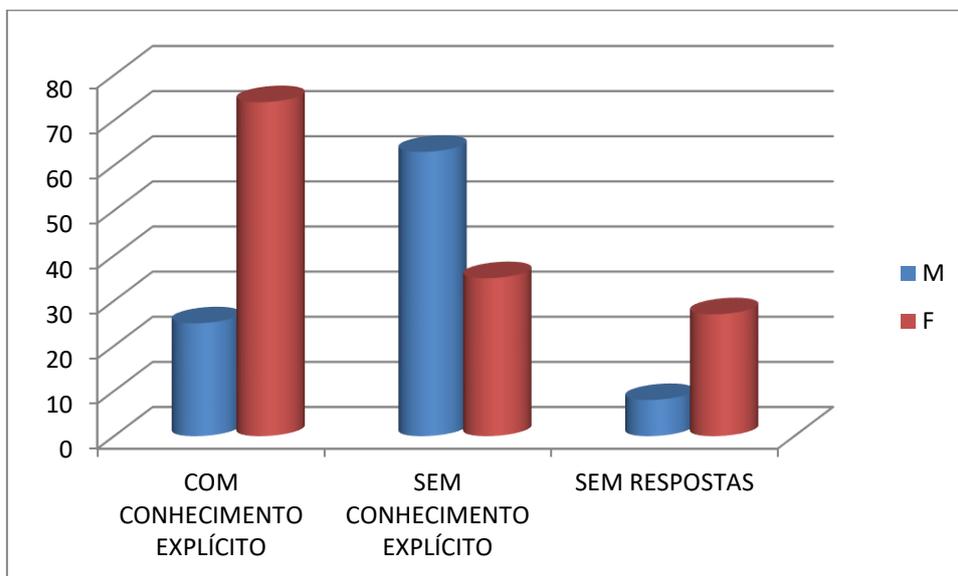


Gráfico 3 - Uso explícito e implícito de EIs por parte dos informantes

4.1.4. Frequência de uso

Constatada a presença de expressões idiomáticas, quisemos saber dos informantes com que frequência as usavam. O objetivo foi fazer a distinção entre o conhecimento e uso explícito das EIs e a frequência com que as usavam, cuja análise detalhada será apresentada no Capítulo seguinte. O quadro abaixo elucida os dados deste exercício.

| FREQUÊNCIA | Nº DE INFORMANTES | | TOTAL |
|----------------|-------------------|----------|-------|
| | MASCULINO | FEMININO | |
| Sempre | 21 | 11 | 32 |
| Algumas vezes | 60 | 128 | 188 |
| Nunca | 3 | 6 | 9 |
| Sem informação | 5 | 8 | 13 |

Tabela 4 - Frequência de uso das EI

4.1.5. Contexto/local de uso

Em relação aos espaços comunicativos em que os informantes usam as expressões idiomáticas, constatámos que o lugar mais referido foi a praça, citada por 219 informantes, sendo que a igreja e o local de trabalho foram os espaços menos referidos, citados por 42 e 36 informantes, respetivamente. A recolha destas informações visou aferir os espaços em que os informantes tinham maiores ou menores limitações no uso de EIs. Procurar-se-á perceber, na análise dos dados, as razões por que alguns espaços foram mais referidos e outros foram menos. Eis os dados deste exercício no quadro que se segue.

| LOCAIS DE USO | INFORMANTES | | | PERCENTAGEM |
|-------------------|-------------|-----|-------|-------------|
| | M | F | TOTAL | |
| CASA | 71 | 107 | 178 | 73,5% |
| ESCOLA | 54 | 83 | 137 | 56,6% |
| IGREJA | 20 | 22 | 42 | 17,3% |
| RUA | 98 | 103 | 201 | 83,5% |
| LOCAL DE TRABALHO | 17 | 19 | 36 | 14,8% |
| PRAÇA | 91 | 128 | 219 | 90,4% |

Tabela 5 - Locais em que se usa as EI

4.1.6. Partilha de EIs

O uso das expressões idiomáticas não ocorre de forma individual. É antes um processo que decorre entre duas ou mais pessoas durante o ato comunicativo. Por esta razão, procurámos saber com quem os informantes partilham as expressões idiomáticas, de modo a aferir a abrangência deste tipo de combinações em termos de faixas etárias e estrato social.

| PESSOAS COM AS QUAIS OS INFORMANTES PARTILHAM AS EIS | RESPOSTAS | | TOTAL | PERCENTAGEM |
|--|-----------|-----|-------|-------------|
| | M | F | | |
| AMIGOS | 101 | 128 | 229 | 94,6% |
| COLEGAS | 96 | 102 | 198 | 81,1% |
| MEMBROS DA FAMÍLIA | 36 | 14 | 50 | 20,6% |
| VIZINHOS | 82 | 93 | 173 | 71,4% |
| SUPERIOR HIERÁRQUICO | 8 | 6 | 14 | 5,7% |
| PESSOAS DESCONHECIDAS | 13 | 37 | 50 | 20,6% |

Tabela 6- Pessoas com quem os informantes partilham as EI

4.1.7. Proveniência das expressões usadas

Os informantes partilham entre si expressões idiomáticas que certamente retiram ou ouvem de alguma fonte. Por isso, quisemos saber a proveniência das expressões com a finalidade de constatar o seu o nível de divulgação e expansão, ou, ainda, para aferir se existia já alguma literatura a este respeito em Angola. As avaliações destes dados serão analisadas no Capítulo seguinte, pelo que se apresenta, aqui, apenas o quadro geral deste exercício mediante o gráfico abaixo.

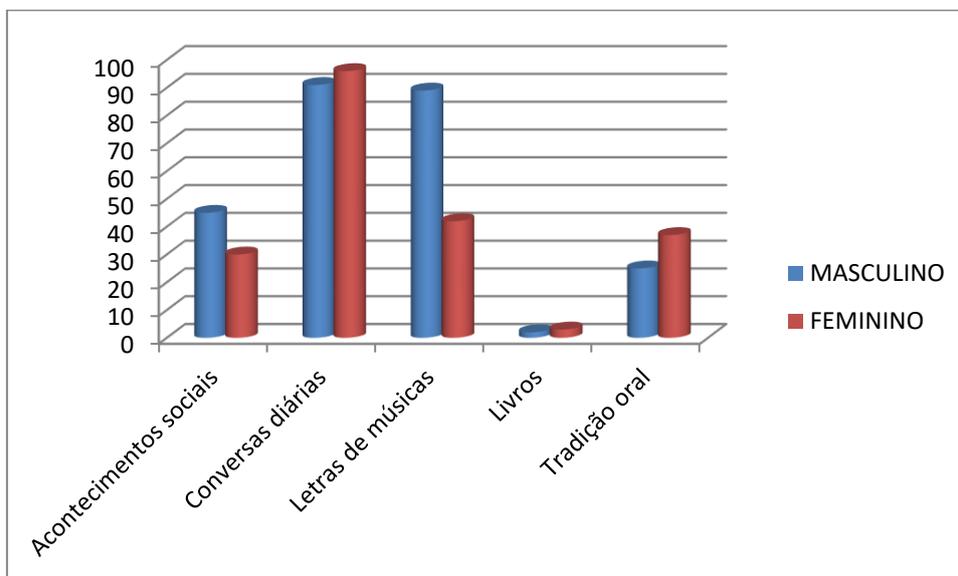


Gráfico 4 - Proveniência das Expressões Idiomáticas

4.1.8. Valor cultural das EIs

Uma vez que as expressões idiomáticas estão intimamente ligadas a fatores culturais, quisemos aferir qual é a importância dada pelos informantes ao contexto cultural angolano. Ao fazermos este exercício, partimos do princípio de que os resultados podem revelar o grau de preocupação que os angolanos têm em relação às expressões idiomáticas, sobretudo no contexto da sua valorização, do ponto de vista cultural. Deste modo, pode-se também verificar, com os resultados obtidos, o nível de divulgação e o estado atual das mesmas. Uma análise sucinta sobre este item será feita no Capítulo que se segue e na secção das conclusões.

| VALOR CULTURAL | INFORMANTES | | TOTAL | PERCENTAGEM |
|------------------|-------------|----|-------|-------------|
| | M | F | | |
| Sem importância | 24 | 35 | 59 | 24,3% |
| Pouco importante | 29 | 22 | 51 | 21% |
| Importante | 27 | 32 | 59 | 24,3% |
| Muito importante | 13 | 25 | 38 | 15,7% |
| Sem resposta | 13 | 22 | 35 | 14,4% |

Tabela 7 - Valor cultural que os informantes atribuem às EI

4.1.9. Grau de divulgação

Em função da frequência de uso, da proveniência e do valor cultural dado às expressões idiomáticas, quisemos apurar a opinião dos informantes sobre o grau de divulgação das expressões idiomáticas em Angola, pois a partir dos resultados obtidos com este exercício é possível ter-se uma ideia do que é necessário fazer em prol das EIs, relativamente à sua divulgação.

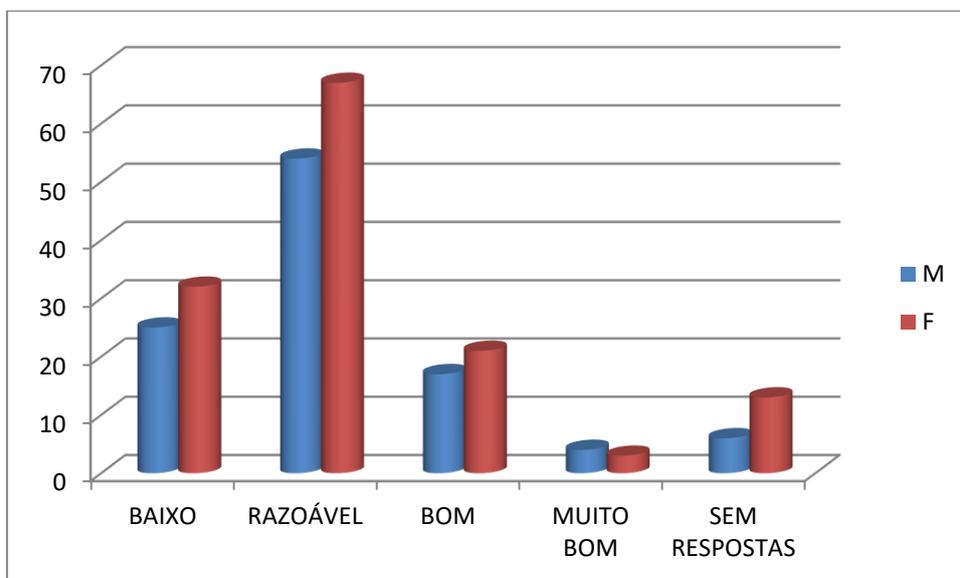


Gráfico 5 - Grau de divulgação das Expressões Idiomáticas

4.1.10. Amostra de EIs

Elaborámos uma lista de 11 expressões idiomáticas extraídas de letras de músicas e jornais, assim como algumas resultantes do nosso conhecimento como falantes nativos. Aos informantes cabia reconhecê-las, atribuindo-lhes um significado. Eis as expressões:

| Nº | Expressões idiomáticas |
|----|--------------------------------|
| 1 | Apanhar a pata |
| 2 | Atirar pedras |
| 3 | Bate bola baixa |
| 4 | Bater na rocha |
| 5 | Cali está no banco |
| 6 | Dar o caldo |
| 7 | Entrar na mente |
| 8 | Está cozinhado/ Está na panela |
| 9 | Partir o lápis cedo |
| 10 | Se bater chão |
| 11 | Wanga wabu |

Tabela 8 - EIs constantes do inquérito e sua interpretação pelos inquiridos

4.1.11. Criação de frases

Como as expressões idiomáticas referidas no ponto anterior não esgotam obviamente o número das usadas pelos informantes, estes foram solicitados a criar frases com outras expressões suas conhecidas e a indicar os respetivos significados. Fruto deste exercício, foram produzidas várias frases, algumas com expressões

idiomáticas incluídas, outras não. A lista destas expressões será apresentada no capítulo que se segue.

4. 2. Outras fontes: jornais, músicas, programas televisivos.

Para a constituição do nosso corpus, não nos limitámos apenas às expressões fornecidas aos informantes nem às que eles indicaram. Com a finalidade de alargar a lista de expressões idiomáticas, recorremos a outras fontes como programas de rádio e televisão, jornais e letras de músicas. Do levantamento feito em 20 números do *Jornal Nova Gazeta*, identificámos apenas 6 expressões em 5 números. São as seguintes:

- a) **Estou a curtir o meu banzelo** – edição nº 190 de 30 de março de 2016, pág. 30;
- b) **Manga de 10** – edição nº 275 de 2 novembro de 2017, pág. 33
- c) **Vizinha zongola** – edição nº 291 de 8 de março de 2018, pág. 6;
- d) **Pé no nguimbo** – edição nº de 31 de maio de 2018, pág. 4
- e) **Bate bola baixa** - edição nº 307 de 28 de junho de 2018, pág. 8;
- f) **Entrar na mente** – edição nº 307 de 28 de junho de 2018, pág. 8;

No levantamento feito no *Jornal de Angola*, em 12 números, apenas registámos a ocorrência de uma única expressão idiomática: **fazer boa muxima** (edição nº 309 de 16 de fevereiro de 2018, pág. 7).

Nos programas *ZAP NEWS* e *No cubico dos Tuneza*, exibidos na ZAP, identificámos as seguintes expressões: **mana Madó** (disponível no Youtube, publicado a 22 de agosto de 2018); **bolo e leite** e **vizinha zongola** (disponíveis no Youtube, publicados a 27 de maio e a 19 de setembro de 2018, respetivamente);

- a) No extinto programa *Sempre a subir*, exibido pela TPA2, identificámos a expressão **bateu na rocha** (disponível no Youtube, publicado a 17 de março de 2013);
- b) No programa de humor *Gozaqui* identificámos as seguintes expressões: **bate bola baixa, seguir bala, manga de 10** (disponíveis no Youtube e publicados a 2 de agosto de 2018), **mata enteado** (disponível no Youtube, publicado a 16 de janeiro de 2018), **entrar na mente** (disponível no Youtube, publicado a 15 de março de 2018), **travar com a jante** e **ver fumo** (disponíveis no Youtube, publicado a 16 de Janeiro de 2018).

Analisando várias letras de música foi possível identificar 27 expressões idiomáticas que, naturalmente, engrossaram o nosso *corpus*. A exemplo do que fizemos com as expressões indicadas pelos informantes, apresentamos apenas algumas, remetendo a lista integral para o anexo nº 2.

| Nº | EXPRESSÃO IDIOMÁTICA | TÍTULO DA MÚSICA | AUTOR |
|----|----------------------|------------------|--------------|
| 1 | Apanhar a pata | CEF | Atrofiar |
| 2 | Parte braço | Parte braço | Zecax |
| 3 | Sukula zwata | Angola | Dog Murras |
| 4 | Babar óleo | Ngaxi | Cristo |
| 5 | Vizinha zongola | Vizinha zongola | Gaby Moy |
| 6 | Wanga wabu | Mujimbos | Eduardo Paím |

Tabela 9 - Expressões idiomáticas extraídas das letras de música

Relativamente ao *corpus*, importa salientar que optámos por analisar as EIs em vários momentos. Primeiro analisámos as EIs constantes da lista elaborada e fornecida aos informantes; o passo seguinte foi analisar as EIs constantes das frases criadas pelos informantes. Depois disto, analisámos as EIs extraídas de outras fontes como jornais, programas televisivos, letras de músicas, etc. A seguir, procedeu-se ao cruzamento dos dados obtidos nos três momentos para verificarmos a generalização das EIs e, a partir deste pressuposto, elaborámos uma lista definitiva de EIs, as quais foram, à luz da literatura especializada tratada no Capítulo teórico, analisámos os seus aspetos mais gerais, como critérios para caracterizar as EIs, características que as tornam típicas ou exclusivas de Angola, sua tipologia, entre outros aspetos, conforme veremos no Capítulo seguinte. Vale ainda salientar que os dados não foram tratados com recurso a algum programa específicos, o que significa que o seu tratamento ocorreu de forma manual.

Em linhas gerais, acabámos de apresentar a metodologia seguida para a aplicação e recolha dos questionários, os ganhos e perdas que tivemos bem como os dados finais que obtivemos e como foram tratados. Em outras palavras, são estes os dados que iremos analisar no Capítulo que se segue.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Este capítulo tem como objetivo apresentar os dados obtidos a partir dos questionários aplicados aos informantes e sua análise. A apresentação dos dados e a sua interpretação levará em consideração algumas variáveis consideradas relevantes para a investigação realizada, a saber, o nível académico dos inquiridos, o tipo de formação, a idade, os locais em que os informantes usam as EIs e as pessoas com quem partilham as expressões idiomáticas, bem como o nível de conhecimento explícito dessas expressões. A análise do *corpus* assentará, ainda, na literatura especializada, para deste modo se chegar a uma tipologia das expressões idiomáticas angolanas.

A análise das referidas EIs será feita em três etapas:

- a) Análise das expressões idiomáticas propostas pelo investigador no inquérito;
- b) Análise das expressões idiomáticas apontadas pelos informantes;
- c) Análise das expressões idiomáticas extraídas de jornais, letras músicas, programas televisivos e outros.

As variáveis consideradas permitirão avaliar a situação das EIs na sociedade angolana, desde a literatura especializada em Angola até ao próprio nível de consciência dos falantes no que respeita ao uso das expressões idiomáticas e à sua assunção como património cultural do povo.

1. Dados do inquérito e de outras fontes

1.1. Dados do inquérito

Conforme referido no capítulo anterior, para a constituição do corpus recorreu-se a um inquérito. No questionário foi apresentado um total de 11 expressões para que os informantes lhes atribuíssem um significado e criassem frases a partir delas. A estas 11 expressões juntam-se 64 que os próprios informantes apontaram, e 48 extraídas de outras fontes (letras de músicas, jornais e programas televisivos).

Do número total, foram excluídas as repetidas, uma vez que a maioria das EIs recolhidas noutras fontes já estava registada no inquérito. Assim, a análise assenta numa lista com um total de 77 expressões.

1.1.1. Análise das expressões idiomáticas propostas no inquérito

Nesta etapa, a análise registou as seguintes ocorrências:

1. *Apanhar a pata*: esta expressão significa “ter domínio de alguém ou de algo” ou ainda “abusar da bondade de alguém”.

| INFORMANTE | SIGNIFICADO | FRASE | USO |
|-------------|---|---|--------------|
| PIAG002M | Dominar algo/ alguém | A esposa do João não me respeita porque já lhe apanhou a pata. | Generalizado |
| IGARNET005F | Estar a ser dominado por alguém | João, tu és tão burro, esta criança vai te apanhar a pata deste jeito? | Generalizado |
| FUAN042F | Abusar de alguém por excesso de confiança | Já me apanhou a pata, não me pede autorização para usar as minhas coisas. | Generalizado |
| IGARNET132F | Faltar com respeito ao outro | Não penses que vais me apanhar a pata | Generalizado |

Tabela 10 - Interpretação da EI “Apanhar a pata” pelos inquiridos

Em PIAG002M percebe-se que, em função da vivência social e dos valores vigentes na sociedade angolana, por falta de autoridade do marido, a esposa não respeita as pessoas que são próximas ao seu companheiro; IGARNET005F mostra a indignação de alguém ao aperceber-se de que uma criança falta ao respeito a um adulto; FUAN042F traduz o abuso de confiança que supõe usar as coisas de outrem sem autorização e, em IGARNET132F, revela-se a chamada de atenção de alguém com a finalidade de evitar uma possível falta de respeito. A interpretação feita por estes informantes reflete o uso que os falantes angolanos fazem da expressão *apanhar a pata*, uso esse que está generalizado. Como se pode observar, o significado geral da EI está contemplado nos exemplos apontados pelos informantes, donde parece legítimo concluir-se que esse será, de facto, o significado da referida expressão idiomática no Português falado em Angola.

2. Atirar pedras – significa “cometer erros de gramática”.

| INFORMANTE | SIGNIFICADO | FRASE | USO |
|--------------|-----------------------------------|---|------------------|
| IGRE049F | Cometer erros orais | Esse quando fala, atira muitas pedras | Generalizado |
| ESCOPAZ052M | Difamar | A Filó atirou pedras na Telma | Não generalizado |
| MERC052F | Ter pouca competência linguística | Ana, está a atirar muitas pedras, melhore a fala! | Generalizado |
| CETV058F | Falar à toa | Basta abrir a boca, já vai atirar pedras | Generalizado |
| IMARISTA065M | Errar ou falar errado | O António atirou tantas pedras ao discursar | Generalizado |
| IGRE067M | Falar sobre a vida do outro | Vamos lhe atirar pedras | Não generalizado |

Tabela 11 - Interpretação da EI “Atirar pedras” pelos inquiridos

O quadro acima mostra as interpretações que os informantes fazem da expressão *atirar pedras* de acordo com o uso. Em IGRE049F ressaltam-se os erros cometidos por alguém durante a fala; em MERC052F recomenda-se à interlocutora uma melhoria da fala, visto esta ter uma fraca competência linguística; em CETV058F considera-se que atirar pedras é falar à toa, o que no português de Angola pode também significar cometer erros gramaticais e, em IMARISTA065M, entende-se que o António cometeu vários erros de gramática durante o seu discurso. No entanto, não é comum os falantes angolanos recorrerem à expressão *atirar pedra* para difamar ou para falar da vida dos

outros, como apontam os informantes ESCOPAZ052M e IGRE067M, o que significa que a interpretação feita por eles não corresponde, de acordo com o que se apurou dos inquiridos, aos usos mais generalizados em Angola. Pelo contrário, com o significado mais geral convergem as interpretações da maior parte dos informantes, donde se conclui que este será o significado fraseológico mais geral. Consideram-se usos mais gerais as interpretações feitas pelos informantes IGRE049F, MERC052F, CETV058F, IMARISTA065M, visto convergirem ao considerarem que *atirar pedra* significa “cometer erros gramaticais”.

Note-se que às vezes a população de Luanda substitui a expressão *atirar pedra* pelo termo “broar”. Para a população, “broa” é sinónimo de duro (pedra, pau), pois, sempre que alguém comete erros de linguagem, é comum dizer-se que a pessoa quase me parte a cabeça com as suas broas. A palavra broa é também aplicada a “pães duros”.

3. *Bater na rocha* – esta expressão é usada em Angola para designar o fracasso ou o insucesso de uma ação, geralmente de atividade desenvolvida por músicos como o lançamento ou a venda de obras discográficas, espetáculos, entre outras.

| INFORMANTE | SIGNIFICADO | FRASE | USO |
|--------------|---|-----------------------------------|------------------|
| ESCOPAZ068M | Fracassar | Essa música vai bater na rocha | Generalizado |
| IMARISTA066M | Deixar de ser famoso ou sucesso esgotou | O Agre-G bateu na rocha | Não generalizado |
| IGRE070F | Não ter sucesso, não render nada | O disco do Anselmo bateu na rocha | Generalizado |
| CETV074F | Alguém que faz mal ao seu próximo | Vais bater na rocha | Não generalizado |
| FLUAN084M | Fracassar, não atingir um objetivo | O mix do Kelson bateu na rocha | Generalizado |

Tabela 12 - Interpretação da EI “Bater na rocha” pelos inquiridos

Ao dizer que “Essa música vai bater na rocha”, o informante ESCOPAZ068M quer dizer que a música não fará o sucesso esperado. As mesmas ideias transmitem os informantes IGRE070F e FLUAN084M, pois referem-se à falta de sucesso ou ao insucesso do disco de Anselmo Ralf e do mix do Kelson. O mesmo não se verifica nas interpretações dos informantes IMARISTA066M e CTEV074F. Na verdade, o Agre-G é um cantor do estilo kuduro que fez muito sucesso, principalmente com a música *Do milindro*, sendo agora apresentador de televisão. Neste caso, a expressão adequada para esta situação seria *wanga wabu*, pois o seu reinado na música acabou. Por outro lado, a informante CTEV074F considera que *bater na rocha* é fazer mal ao próximo, o que não corresponde ao uso generalizado desta expressão.

4. *Bolo e leite* – é uma expressão idiomática que significa pessoa mimada, lenta, preguiçosa, entre outros.

| INFORMANTE | SIGNIFICADO | FRASE | USO |
|------------|--|---------------------------------|--------------|
| MERC080M | Medroso, tímido de mais | João, deixa de ser bolo e leite | Generalizado |
| MERC080F | Burro, mole, alguém que não é dinâmico | O André é bolo e leite | Generalizado |

| | | | |
|----------|--------------------------------|--|--------------|
| CETV101M | Filho protegido e com regalias | O Manuel é um bolo e leite, os pais lhe dão tudo | Generalizado |
|----------|--------------------------------|--|--------------|

Tabela 13-Interpretação da EI “Bolo e leite” pelos inquiridos

MERC080M denota o pedido ou apelo feito a alguém para reagir à timidez, ao medo, à preguiça ou ao comodismo. Por sua vez, MERC080F evidencia a falta de dinamismo do indivíduo, enquanto CETV101M assinala a proteção e os privilégios que um indivíduo recebe do seu pai, tornando-se relaxado, pois pode ter tudo quanto necessita sem fazer esforço. Assim, verificamos que o significado atribuído por estes informantes é, de facto, o mais predominante em Angola.

5. *Cali está no banco* – significa salário disponível no banco.

| INFORMANTE | SIGNIFICADO | FRASE | USO |
|-------------|-----------------------------|--|------------------|
| ISCED018M | O salário está em pagamento | Já podem pagar as dívidas porque o Cali está no banco. | Generalizado |
| PIAG009F | O salário já está no banco | Maria, o Cali está no banco. | Generalizado |
| M23 | Já há salário | Alô! Olha, o Cali já está no banco. | Generalizado |
| IGRE046F | Já há dinheiro | Vou ao KERO porque o Cali já está no banco. | Generalizado |
| ESCOPAZ064M | Espera de oportunidade | O Cali está no banco, não faz parte do 11 inicial. | Não generalizado |

Tabela 14 - Interpretação da EI “Cali está no banco” pelos inquiridos

Os informantes ISCED018M, PIAG009F, PIAG023M e IGRE046F relacionam a expressão *Cali está no banco* com o salário. Na verdade, esta é a interpretação mais geral que os falantes fazem desta expressão. No entanto, o informante ESCOAZ064M apresenta outra aceção que tem outra explicação, uma vez que Cali é o nome de um antigo futebolista do CLUBE 1º de Agosto e da seleção nacional que foi convidado a fazer uma publicidade para um banco comercial privado angolano. No início da publicidade, a frase *O Cali está no banco* visava chamar a atenção dos espetadores que o futebolista se encontrava no banco. No entanto, esta chamada de atenção criou embaraços na interpretação porque a frase joga com a duplicidade de significados no português angolano, já que tanto remete para banco de suplentes como para um banco comercial. Só no fim é que ficou esclarecido que se tratava de um banco comercial, o que motivou que, a partir daquela publicidade, a frase passasse a ser usada sempre que se fala em salário.

6. *Dar o caldo*⁸ – esta expressão significa morrer.

| INFORMANTE | SIGNIFICADO | FRASE | USO |
|--------------|---------------------|-------------------------------|--------------|
| MERC041M | Morrer | Tão jovem e já deu o caldo. | Generalizado |
| CETV062M | Morrer | O tio dele deu o caldo ontem. | Generalizado |
| IMARISTA090M | Dar força em alguém | Dá caldo no gajo. | Não |

⁸ No PE existe a expressão “dar um caldo”, ou “dar um calduço”, que significa “dar uma pequena pancada na cabeça”, entre amigos. Pelo menos, nos anos 80 era assim. Distingue-se da expressão angolana pelo uso do artigo indefinido e, naturalmente, pelo significado. É uma prova de como as mesmas expressões podem ter significados diferentes nas várias variedades do português.

| | | | |
|-------------|--------|------------------------------------|--------------|
| | | | Generalizado |
| ESCOPAZ120M | Morrer | Sabes quem deu o caldo? A Antónia. | Generalizado |

Tabela 15 - Interpretação da EI “Dar o caldo” pelos inquiridos

Com exceção do IMARISTA090M, que considera que *dar o caldo* é o mesmo que dar uma força a alguém, todos os outros usam esta EI com o significado que ela apresenta em geral em Angola: morrer. Se considerarmos “dar força a alguém” no sentido de ajudar, então a expressão usual nesta situação seria *dar sangue*, como indica a informante MERC134F *dar sangue* (ajudar) – “Não terminei a faculdade porque os meus pais não me deram sangue”.

7. *Está cozinhado/ Está na panela* – esta expressão é usada quando se pretende designar o cônjuge, geralmente o homem, submisso à sua companheira, motivado por obsessão ou cegueira pelo amor.

| INFORMANTE | SIGNIFICADO | FRASE | USO |
|-------------|---------------------------------------|---|------------------|
| PIAG002M | Homem feito macumba, enfeitado | Ele não reage às baboseiras da esposa porque está cozinhado | Generalizado |
| ESCOPAZ006M | Quando o homem obedece muito à mulher | Você está a obedecer muito, está cozinhado. | Generalizado |
| MERC080F | Homem enfeitado pela mulher | O Pedro lhe cozinharam na Adriana. | Generalizado |
| ESCOPAZ118F | Algo que se encontra na panela | O arroz está na panela. | Não Generalizado |

Tabela 16-Interpretação da EI “Está cozinhado/Está na panela” pelos inquiridos

PIAG002M traduz a reação de um homem perante o comportamento da sua esposa por estar enfeitado; ESCOPAZ006M traduz a obediência do homem à mulher pelo facto de estar cozinhado (estar preso a uma mulher por forças sobrenaturais) e MERC080F alude a um homem, o Pedro, enfeitado (cozinhado) pela mulher, a Adriana. Para estes casos, é comum dizer-se que este ou aquele homem está cozinhado ou está na panela, isto é, ele submete-se aos caprichos da sua companheira, fazendo-lhe todas as vontades. A informante ESCOPAZ118F, por sua vez, interpretou literalmente a expressão como “algo que se encontra na panela”, donde se concluiu que, neste caso, a EI não foi identificada como tal, já que o significado figurativo ou conotativo, que é um pressuposto da expressão idiomática, não foi decodificado pela informante. O exemplo que apresenta, “O arroz está na panela”, não corresponde, pois, à idiomática da referida EI no português falado em Angola.

8. *Estragar o boneco* – significa cair na noite, embriagar-se, maçar o corpo por meio da dança.

| INFORMANTE | SIGNIFICADO | FRASE | USO |
|--------------|--------------------------------|---|--------------|
| IGREJA070F | Consumir álcool exageradamente | Este Domingos está a estragar o boneco. | Generalizado |
| IMARISTA065M | Embebedar-se | O Paulo estragou o boneco. | Generalizado |
| IGREJA071F | Cansar-se de forma exagerada | Hoje vou estragar o boneco. | Generalizado |

| | | | |
|----------|---------------------------------------|--------------------------------------|------------------|
| MERC072F | É desfazer a forma original do boneco | António, estragaste o boneco porquê? | Não Generalizado |
|----------|---------------------------------------|--------------------------------------|------------------|

Tabela 17 - Interpretação da EI “Estragar o boneco” pelos inquiridos

Para IGREJA070F e IMARISTA065M, a expressão *estragar o boneco* remete para o consumo de bebidas alcoólicas; IGREJA071F apresenta outra aceção – cansar o corpo – que é igualmente frequente em Angola. MERC072F propõe uma interpretação à letra da expressão, o que denota o desconhecimento do valor não literal, isto é, figurado, idiomático, que a mesma possui. Conclui-se, pois, que “embriagar-se, cair na noite e cansar-se de forma exagerada” correspondem aos usos mais gerais da expressão *estragar o boneco*.

9. *Pai ou mãe grande* – significa pessoa com grande poder de influência na sociedade, com grande domínio numa determinada área ou atividade, um perito, pessoa com muito dinheiro.

| INFORMANTE | SIGNIFICADO | FRASE | USO |
|-------------|---|---|------------------|
| IGARNET006F | Alguém influente, poderoso | Agostinho Neto foi pai grande em Angola. | Generalizado |
| FLUAN016M | Responsável, poderoso | Chegou o pai grande. | Generalizado |
| IGARNET005F | Homem ou mulher que sabe muito | Quando se trata de informática, sou pai grande. | Generalizado |
| ESCOPAZ052M | Pessoa irmã mais velha do pai ou da mãe | A mãe grande vem hoje. | Não Generalizado |

Tabela 18 - Interpretação da EI “Pai grande” pelos inquiridos

Ao referir que Agostinho Neto tinha sido pai grande em Angola, a informante IGARNET006F passa a ideia de que Neto foi uma figura importante na história do país; para FLUAN016M, a chegada do pai grande representa a chegada do chefe, do responsável ou do poderoso da empresa ou de outra instituição; em IGARNET005F, a EI remete para as habilidades de alguém numa área profissional (informática). O informante ESCOPAZ052M, por sua vez, ao interpretar *pai ou mãe grande* como irmão/irmã mais velho/velha do pai ou da mãe, cola-se à origem da expressão. Importa aqui referir que, em algumas regiões do país, os irmãos mais velhos dos pais não são tratados por tios, mas, sim, por “pai ou mãe grande”, visto terem, de acordo com os valores tradicionais das famílias angolanas, muito poder na resolução de problemas familiares. Este uso da EI traduz, pois, valores e formas de viver em sociedade que são próprios de Angola e, nesse sentido, a EI traduz um culturema.

10. *Partir o lápis cedo* – significa abandono prematuro dos estudos.

| INFORMANTE | SIGNIFICADO | FRASE | USO |
|--------------|--|---|--------------|
| PIAG002M | Alguém não escolarizado, pessoa analfabeta | Como é que pode mandar carta, se partiu o lápis cedo? | Generalizado |
| IGARNET006F | Deixar de estudar cedo | Por partires o lápis cedo te tornaste mal-educado. | Generalizado |
| IMARISTA010F | Deixou de estudar antes do tempo | Não sei assinar porque parti o lápis cedo. | Generalizado |

| | | | |
|-----------|--------------------------------|--|------------------|
| FLUAN042F | Desviar-se, ter más companhias | É meu irmão, o Carlos partiu o lápis muito cedo. | Não Generalizado |
|-----------|--------------------------------|--|------------------|

Tabela 19 - Interpretação da EI “Partir o lápis cedo” pelos inquiridos

Os informantes PIAG002M, IGARNET006F e IMARISTA010F apontam um significado idiomático que é geral entre os falantes angolanos. Nos seus exemplos sugerem algumas consequências da desistência ou do abandono dos estudos, nomeadamente, não poder enviar uma carta, ser mal-educado e não saber assinar. De FLUAN042F depreende-se que as más companhias levam ao abandono escolar, mas esta é apenas uma hipótese, pois os falantes angolanos geralmente não recorrem à expressão *partir o lápis cedo* para aludir ao mau caminho seguido por um indivíduo ou ao envolvimento deste com más companhias. *Partir o lápis cedo* tem em Angola o valor idiomático correspondente a alguém que abandonou os estudos de forma prematura.

11. *Wanga wabu* – significa perda do reinado, do poder, da vaidade, da fama, da hegemonia, ou seja, o fim infeliz de alguém.

| INFORMANTE | SIGNIFICADO | FRASE | USO |
|-------------|---|---|--------------|
| PIAG002M | Chegar ao fim da carreira de forma ruim | Para os dirigentes usurpadores, uanga uabo. | Generalizado |
| ESCOPAZ050M | Feitiço acabou, o poder acabou | Você já não tem nada, uanga uabo. | Generalizado |
| IGRE070F | Alguém que se envaidecia e acabou mal | Aquela se sentia poderosa, agora? Uanga uabo. | Generalizado |
| MERC080F | Acabar mal | A Ana se dava de bué, agora uanga uabo. | Generalizado |

Tabela 20-Interpretação da EI “Wanga wabu” pelos inquiridos

Para o informante PIAG002M a EI serve para traduzir o fim do desvio de riquezas por parte de dirigentes angolanos, com a atual governação, pois nos últimos tempos vários deles têm sido responsabilizados criminalmente pelas suas práticas; para ESCOPAZ050M, a EI designa alguém que tinha posses e agora não tem nada; na visão de IGRE070F, esta expressão aplica-se a alguém que antes se envaidecia pelo seu poder, e depois o perdeu; o mesmo verifica-se no significado atribuído por MERC080F, ao referir que se trata de alguém que se "dava de bué" (armava-se em importante), mas depois perdeu a importância. Neste caso, importa salientar que *wanga wabu* é uma expressão proveniente do kimbundu que significa “o feitiço acabou”. Ora, como é sabido, devido à sua ancestral herança cultural, o povo angolano associa o sucesso de algumas pessoas a forças sobrenaturais, pelo que o fim dessa força implica o fim do sucesso.

Vale salientar que, no inquérito, o reconhecimento das expressões idiomáticas esteve acima dos 50%, na medida em que apenas 3 das 11 propostas tiveram um reconhecimento abaixo dessa média. Assim, a EI *wanga wabu* foi reconhecida por 107 informantes (correspondente a 42%); *atirar pedras* teve 117 (correspondente a 48%);

Cali está no banco, 125 (correspondente a 52%). Acima dos 50% estiveram as expressões seguintes: *apanhar a pata*, com 154 reconhecimentos (correspondente a 64%); *bater na rocha*, com 183 reconhecimentos (correspondente a 76%); *bolo e leite*, com 181 (correspondente a 75%); *dar o caldo*, com 145 (correspondente a 60%); *está cozinhado/ está na panela*, reconhecida por 139 informantes (correspondente a 57%); *estragar o boneco*, com 161 (correspondente a 67%); *pai/ mãe*, com 189 reconhecimentos (correspondente a 78%), e *partir o lápis cedo*, com 137 (correspondente a 57%). O gráfico que se segue ilustra os dados atrás apresentados.

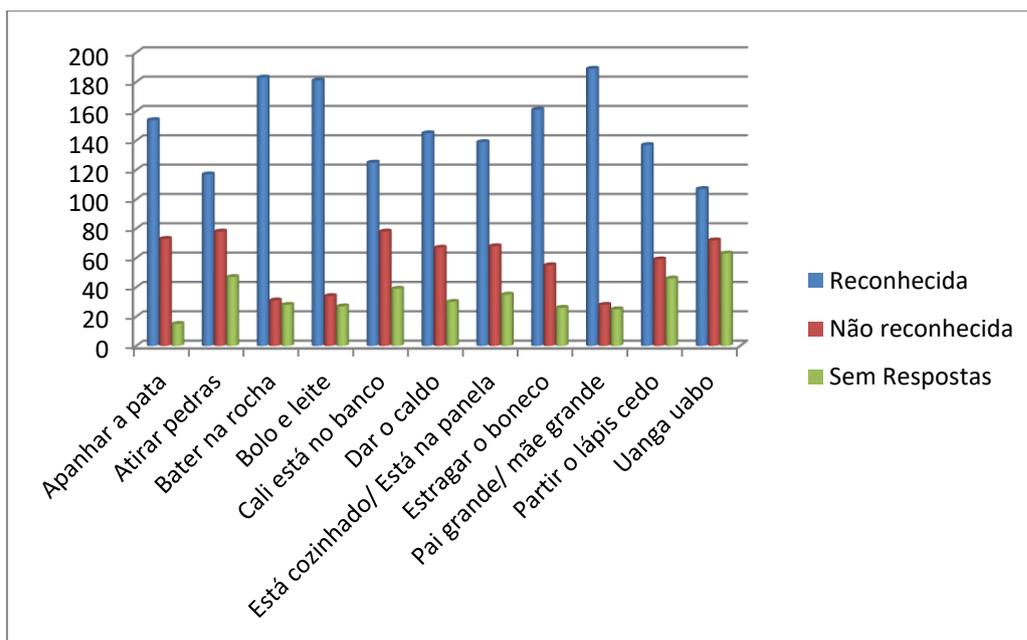


Gráfico 6 - Reconhecimento das EI pelos informantes

1.1.2. Análise das expressões idiomáticas apontadas pelos informantes

Neste ponto, analisar-se-ão as expressões idiomáticas que os próprios informantes indicaram, verificando as frases criadas com essas expressões, e que refletem os usos e costumes do país.

Vejamos as seguintes produções:

1. *Partir o braço*: expressão indicada pelos informantes CETV001M, ESCOPAZ071M e IGRE048F. Ambos coincidem na atribuição do significado, facto que nos leva a deduzir que é, pois, uma expressão geralmente usada para referir extorsão ou exploração de outrem, conforme se pode ver nos exemplos dados pelos informantes em causa.

- CETV001M - (o mesmo que extorquir, "chular⁹") - “Estás a me partir o braço”.
- ESCOPAZ071M - (extorquir) – “A Ana parte o braço do Pedro”.

⁹ O termo "chular", em Angola, exprime a exploração de outrem, a extorsão, significado idêntico à do PE.

- IGRE048F - (explorar ou namorar alguém por dinheiro) - “Essas mulheres de hoje só partem o braço dos homens”.

2. *Mata kassumuna*¹⁰: de acordo com os informantes PIAG002M, ISCED018M, IGRE044M, IGARNET006F e MERC038F, recorre-se a esta expressão quando geralmente se pretende conotar alguém como um desocupado ou preguiçoso. *Kassumuna* é um nome que deriva do kimbundu e designa uma espécie de formiga cuja picada é bastante dolorosa. A presença desta espécie em casa constitui uma ameaça e, por isso, as pessoas apressam-se a matá-la para evitarem danos. Assim, se alguém passa o dia todo a matar *kassumuna*, é porque não tem nada para fazer, é um desocupado. Eis os exemplos:

- PIAG002M - (desempregado) – “Hoje ele é mata kassumuna, só passa o dia em casa”.
- ISCED018M – (preguiçoso)¹¹.
- IGRE044M - (preguiçosa) - “A Maria mata kassumuna todos os dias”.
- IGARNET006F - (kunanga¹², desempregado).
- MERC038F - (pessoa que passa o dia no bairro sem fazer nada).

3. *Estar no banzelo*: esta expressão, segundo os informantes que a indicaram, pode assumir três significados: pensamento, relaxe e diversão. O termo *banzelo* deriva do substantivo *kibanzelo* que, traduzido do Kimbundu para o português, significa pensamento, como explica Maia (2010: 496).

- PIAG002M – (muito pensativo).
- ESCOPAZ122F - (relaxar) – “No domingo gosto de estar no banzelo com a família”.
- CETV101M - *curtir um banzelo* (divertir-se) - “Estou a curtir o meu banzelo em casa”.

4. *Dar feijão*: segundo a indicação do informante ESCOPAZ003M, esta expressão significa morrer. O significado resulta do hábito que as famílias enlutadas angolanas têm de oferecer às pessoas que se juntam à sua dor alimentos como caldo e feijão, durante o “óbito¹³”, sobretudo após o funeral. Por isso, quando morre alguém, é também comum dizer-se que ontem, na semana ou no mês passado, comemos o feijão do fulano ou sicrano.

¹⁰ Termo da língua kimbundu que, segundo Maia (2010: 336), significa formiga grande e brava de mordidela muito dolorosa, de cor vermelha e que anda em fila.

¹¹ Limitou-se a indicar o significado, sem dar exemplo.

¹² Deriva do kimbundu e significa passar o dia sem nada fazer.

¹³ Em Angola, “óbito” é o período que vai desde a morte da pessoa até sete dias após o enterro.

5. *Ver no binóculo*¹⁴: significa, segundo a indicação de CETV005M e IGARNET136F, algo inalcançável, como se pode verificar nos exemplos. No primeiro caso, depreende-se que o pai nunca dará dinheiro ao seu filho e, no segundo, que o povo nunca teve as casas prometidas pelo governo. Vejamos os exemplos:

- CETV005M - (algo impossível ou difícil para conseguir) – “Filho, vais ver o meu dinheiro no binóculo”.
- IGARNET136F - (coisa que não se alcança) – “As casas que o governo prometeu o povo viu no binóculo”.

6. *Estar gato*: usa-se geralmente esta expressão para designar uma situação difícil, desfavorável ao homem em todas as esferas da sociedade. CETV005M não pôde comprar um telefone novo e CETV007F teve um dia mau pelo facto de ambos terem algo a seu desfavor: falta de dinheiro. Confirmam-se os exemplos:

- CETV005M - (não ter nada ou situação complicada) – “Queria comprar um baica (telefone) novo mas estou gato”.
- CETV007F - estar gato (estar fraco, sem dinheiro) - “Hoje estou gato”.

7. *Tirar o pé*: esta expressão é usada para exprimir o movimento de uma pessoa de um lugar para o outro, ou seja, para ir-se embora de um lugar. Os exemplos dos nossos informantes são elucidativos.

- ESCOPAZ006M - (sair de um lugar para o outro) – “ Vou tirar o pé agora”.
- IMARISTA002F: *tirar o pé* - (sair de algum lugar para o outro) – “Vamos tirar o pé antes que nos encontrem”.
- IGRE046F: *tirar o pé*- (sair) – “Vamos tirar o pé daqui”.
- MERC047F: *tirar o pé* - (ir embora) – “Amanhã mesmo vou tirar o pé”.

8. *Cair com a cadeira*: apresenta, de acordo com os informantes que a indicaram, dois significados usuais. Pode significar exoneração ou dificuldade em superar disciplinas escolares, cuja consequência é a reprovação. CETV012M e CETV092F atribuem os seguintes significados à expressão:

- CETV012M - (cair do cargo) – “João Lourenço está a fazer muitos ministros caírem com a cadeira”.
- CETV092F - *cair com a cadeira* (não conseguir superar uma disciplina da escola) - “A Maria não aprovou, está a cair com a cadeira”.

9. *Virar povo*: segundo o informante PIAG021M, a expressão significa alguém que deixa de ser uma figura distinta ou de destaque, em dada área da sociedade, e passa a ser uma pessoa sem notoriedade. Na verdade, este é o significado geral usado em Angola.

¹⁴ Ver no binóculo tem o mesmo significado que “Ver Braga por um canudo”, em Vale (2015: 41): não alcançar o que se deseja.

A partir do exemplo apresentado pelo informante, depreende-se que José Eduardo dos Santos deixou de ter destaque em Angola desde o momento em que abandonou a presidência da república, tornando-se uma figura vulgar, ou seja, *virando povo*.

- PIAG021M - (deixar de ser importante) – “Zé Eduardo virou povo desde que saiu da presidência”.

10. *Passa boca*: é alguma coisa com que se acompanha uma bebida, neste caso, um aperitivo, como se pode ver na indicação do informante IGRE026M - (aperitivo) – “O meu pai só bebe vinho com passa boca”.

11. *Tirar voador*: tem, de acordo com os usos gerais em Angola, o mesmo significado que as expressões “tirar o pé” e “sair voador”, ou seja, significa ir-se embora. Vejam-se os exemplos:

- IMARISTA032M (ir embora), *sair voador* (ir embora) – “Vou tirar o pé daqui” / “Vou sair voador”.
- MERC091F - *tirar voador* - (ausentar-se daquele lugar) - “Terêncio, tira voador”.

12. *Levar ovo*: esta expressão é bastante recente, pois resultou das declarações da filha do antigo presidente da República de Angola, quando afirmou que a riqueza que ostenta era fruto da venda de ovos, quando era mais jovem. Dizer “estar a levar ovos” é uma ironia em relação à Isabel dos Santos, pois sabe-se que os ovos nunca poderiam gerar tanta riqueza como ela quis dar a entender. Nos exemplos dos informantes CETV038M, MERC106M, ESCOPAZ053F e IGRE098F exprimem-se a progressão do indivíduo em termos de nível social e económico, a capacidade financeira de acompanhar a moda, comprando coisas a preços que não estão ao alcance de qualquer pessoa. No entanto, o valor semântico da expressão evoluiu e passou a designar também pessoa que entre a população a população tem um grande carisma, como se vê nos exemplos abaixo:

- CETV038M (estar a vir bem).
- MERC106M: *estar a levar ovo* - (usar algo que está a seguir tendências da moda) - “A Joana está a levar ovo porque tem ténis da FILA”.
- IGARNET006F: *levar ovo* - (arrastar multidões) - “O Nagrelha está a levar ovos por causa da fama”.
- ESCOPAZ053F: *Levar ovo* - (*está a sair-se bem na vida*) - “A Núria está a levar ovo”.
- IGRE098F: *estar a levar ovo* (alguém que veste bem, estar bem apresentado) - “O Nelson e a Suzi estão a levar ovo”.

13. *Está no limão*: esta expressão usa-se quando se pretende dizer que determinada ação ou atividade atingiu o seu ponto mais alto, a perfeição ou o efeito desejado ou esperado. Analisando o exemplo do informante MERC041M, facilmente se chega à conclusão de que o ponto mais alto da ingestão de bebidas alcoólicas é o estado de embriaguez.

➤ MERC041M - (está bêbado) - “O rapaz bebeu, está no limão”.

14. *Pés de galinha*: usada para caracterizar indivíduos que têm os dedos muito afastados uns dos outros. Embora o informante não especificasse se se trata dos dedos das mãos ou dos pés, é comum ver-se em Angola pessoas com este afastamento de dedos nos pés.

➤ MERC041M (dedos muito afastados) – “João, esses pés de galinha”.

15. *Dinheiro é capim*: é uma expressão muito usual em Angola para designar fartura de dinheiro, gente rica. O capim, como se sabe, cresce em grande abundância e, colocando o dinheiro na mesma condição, dá realmente a ideia de fartura, como atestam os informantes IGARNET054M e ESCOPAZ003F nas indicações que se seguem.

➤ IGARNET054M - (ter muito dinheiro).

➤ ESCOPAZ003 - (fartura de dinheiro) – “Para a família do Zedu, dinheiro é capim”.

16. *Manga de 10*: é uma expressão recente e bastante comum, geralmente usada para designar adolescente do sexo feminino, com comportamento desviante, sobretudo por preferir os homens de certa idade para a prática do sexo. Aliás, as indicações dos informantes confirmam que se trata realmente de pessoas com as características que descrevemos.

➤ MERC061M - (miúdas adolescentes) - “O meu tio namora com uma manga de 10”.

➤ IGARNET099M - (jovem a dar show).

➤ F11- (crianças com comportamento de mais velhas)

➤ ESCOPAZ053F - *manga de 10* (menina de 14 a 18 anos) - “Ela é uma manga de 10”.

➤ IGRE061F: *manga de 10* (miúdas que namoram com "papoites", isto é, senhores de idade);

➤ CETV092F - *manga de 10* (criança com vícios sexuais) – “Não me meto com manga de 10”.

➤ IGRE098F - *manga de 10* (adolescente) – “As alunas do I Ciclo são mangas de 10”.

17. *Pé no nguimbo*¹⁵: esta é uma expressão que remonta aos anos 80. A sua origem está ligada a uma banda desenhada que o Jornal de Angola publicava e que incluía a figura de “Man Kiko”. Na referida banda desenhada, era comum ver-se o “Man Kiko” com o pé (mais propriamente a parte do calcanhar) em contacto com o “nguimbo” (crânio), representando o movimento de fuga. Quer dizer que *pé no nguimbo* é o mesmo que correr, fugir. E os significados atribuídos a esta expressão pelos informantes correspondem aos usos gerais da mesma. Vejamos os exemplos.

- MERC061M - (fugir em velocidade) - “Meti o pé no nguimbo quando vi os bandidos”.
- IGRE095F - (correr) – “O amigo do meu filho fugiu com o pé no nguimbo”.

18. *Dar gasosa*: é uma expressão conhecidíssima em Angola, usada para designar suborno. Devido ao elevado nível de corrupção, esta expressão já chegou a ser discutida ao mais alto nível da governação angolana. O significado que o informante atribuiu à expressão nos parece, de facto, corresponder aos usos gerais em Angola.

- MERC061M - (subornar) - “Dei uma gasosa no polícia para não me meter preso”.

19. *Travar com a jante*: significa enfrentar dificuldades. A partir do exemplo do informante, traduz as dificuldades que determinadas pessoas passam devido à crise que se instalou no país.

- MERC061M - (dificuldades) - “Estamos a travar com a jante por causa da crise”;

20. *Fazer boa muxima*: a palavra *muxima*¹⁶ significa coração. Normalmente, usa-se a palavra “coração” para caraterizar o indivíduo, positiva ou negativamente (homem/mulher de bom coração, mulher/homem com coração de pedra, etc.). Neste caso, a tradução literal de *fazer boa muxima* seria “fazer bom coração”, expressão que, dependendo do contexto, pode significar agradar ou agradecer. O nosso informante usa a expressão com significado de agradar, visto que alude a alguém que precisa de convencer o pai, por meio de ações, a comprar-lhe um carro.

- MERC061M - (agradar) - “Faço boa muxima no meu pai para me comprar um carro”.

21. *Saca fácil*: surgiu a partir da publicidade de uma marca de cerveja. A garrafa abria-se com as mãos de modo simples e fácil, sem o auxílio de uma chave. Ainda na publicidade, ouviam-se as pessoas a solicitar uma cerveja, dizendo: “Quero uma saca fácil, por favor”. O nome da marca da cerveja era assim substituído pelo *slogan* da

¹⁵ Palavra que no calão angolano significa crânio.

¹⁶ Palavra da língua kimbundu que significa coração (Cf. Maia, 2010: 167).

publicidade (saca fácil). Desde então, a expressão passou a designar a mulher que facilmente se envolve sexualmente, sobretudo as que estão constantemente em locais de venda de bebidas alcoólicas. Concluímos, pois, que o significado atribuído pelo informante é de uso geral no país.

- MERC061M (mulher que facilmente se envolve sexualmente com um homem) - “A Zefa é uma saca fácil”.

22. *Bate bola baixa*¹⁷: é também uma expressão bastante usual em Angola que significa acalmar-se ou relaxar. Os informantes que indicaram esta expressão apontam o uso geral da mesma, como se pode ver nos exemplos que se seguem.

- MERC061M - (ficar calmo) – “Depois da discussão, o Mateus bateu bola baixa”.
- IGRE049F - *bater bola baixa* (ficar calmo, relaxado) – “Oh! Maria, bate bola baixa!”.
- CETV125F - *bate bola baixa* (acalma-se) - “Não se estressa, bate bola baixa”.

23. *Gira bairro*: é a designação de um campeonato de futebol que se realiza envolvendo os mais variados bairros do país. O evento organizado pelo Movimento Nacional Espontâneo foi criado com o objetivo de animar os bairros aos fins de semana e tirar os jovens da delinquência. A expressão sofreu extensão semântica a partir do momento em que o cantor Vavá lançou a música *Gira bairro*, passando a designar a pessoa que muda de casa a todo o momento, ou seja, uma pessoa nómada. O informante IMARISTA065M atribui esse significado à expressão, o que corresponde ao uso geral em Angola.

- IMARISTA065M - (pessoa que troca de casa toda hora).

24. *PIN e PUK*: esta expressão surgiu na época em que a Polícia Nacional colocou nas ruas de Luanda efetivos que andavam aos pares, montados numa motorizada, tornando-se, assim, inseparáveis. Por esta razão, a população associou a ideia de inseparáveis aos códigos de telefones, o PIN e o PUK, por serem igualmente inseparáveis. Assim, quando o informante ESCOPAZ071M diz “Os PIN e PUK estão a vir”, é o mesmo que dizer “A Polícia vem aí”. Note-se que a expressão PIN e PUK aplica-se para designar também “amicíssimos”, “confidentes”.

25. *Acaba de me matar*: esta expressão surge na sequência das constantes avarias e acidentes de viação que envolviam carros (geralmente Toyota Hiace L200 e Comuter) que prestavam serviço de táxi, devido ao mau estado em que se encontravam. Como alguns acidentes resultavam em mortes, passou a ser usual dizer-se “não quero viajar de

¹⁷ No PE também existe a expressão *baixar a bola*, no sentido de acalmar-se, submeter-se.

acaba de me matar”, o que coincide com o significado que o informante MERC073M atribuiu à expressão ao considerar “carro velho e podre”. Do exemplo deste informante, deduz-se que o carro velho do seu amigo é pouco veloz.

- MERC073M – (carro velho e podre) - “O acaba de me matar do meu camba não anda nada”.

26. *Cai com vento*: a partir do exemplo do informante IMARISTA081M, “A Rosa é cai com vento parece que não come”, supõe-se que a Rosa não come, pelo que é normal que esteja magra e sem peso, estando, por isso, sujeita a quedas provocadas pela força do vento. *Cai com vento* significa, assim, de acordo com o informante e o uso geral em Angola, pessoa magra.

27. *Seguir bala*: significa imitar as ações de outrem, concordar com as opiniões dos outros, sem, no entanto, avaliar as consequências. Os significados que os informantes atribuíram a esta expressão são convergentes e correspondem ao uso generalizado da mesma. Vejamos os exemplos.

- PIAG087M: *seguir bala* - (concordar ou imitar o que o outro faz) – “Não sei de quem é a ideia, só segui a bala”.
- ESCOPAZ027F: *seguir bala* (seguir ou fazer tudo o que outra pessoa faz, tanto de bom como de mau) – “O Mingo segue muita bala”.
- IGRE049F - *seguir bala* (ser influenciado, deixar-se influenciar) - “Ele não é assim, está só a seguir bala”.

28. *Rir baixinho*: o exemplo apresentado pelo informante IGARNET099M, revela uma ironia, pois o riso ou sorriso representa a manifestação de um momento de alegria, de satisfação. Tal satisfação é expressa em alto e bom som, ao contrário do que se vê no exemplo, em que o indivíduo ri baixinho. Tratando-se de uma contradição, concluímos que o informante quer dizer que alguém pode vir a chorar ou arrepender-se no futuro de coisas que tem feito, isto é, acaba-se-lhe a vontade de rir.

- IGARNET099M - (arrepender-se) - “Um dia vais rir baixinho por causa das coisas que estás a fazer”.

29. *Ver fumo*: é uma expressão bastante comum em Angola que significa enfrentar dificuldades, tal como indicaram os informantes abaixo.

- ESCOPAZ102M - (ter dificuldade em alguma situação) – “Quem não estudar, verá fumo na prova”.
- IGARNET099M - *ver fumo* - (ter dificuldades em fazer algo) – “A Zita está a ver fumo na defesa do trabalho”.
- IGRE071F- *ver fumo* - (ter dificuldades) – “Vi fumo na prova de Física”.

30. *Entrar na mente*: é uma expressão que pode ganhar vários significados de acordo com o contexto. Embora o informante IGARNET099M tenha indicado apenas um significado (mentir), sem o respetivo exemplo, é também comum usar *entrar na mente* para designar “gozo” ou “persuasão”.

31. *Chamar diogo*¹⁸: é uma expressão relativamente antiga, usada mais frequentemente para designar alguém que vomita como consequência do consumo elevado de bebidas alcoólicas. Note-se que a expressão não é usada para os casos em que o vómito resulta de doença ou um simples mal estar. *Chamar diogo* foi aplicada pelo informante CETV101M de acordo com o uso geral.

- CETV101M - (vomitar) – “Na festa, a Ana fez mistura de bebidas e não aguentou, chamou diogo”.

32. *Mana Madó*: esta expressão emergiu com o programa de humor exibido pela Televisão Pública de Angola – TPA, intitulado *Fora de Série*, em que se destacou a personagem “mana Madó”. Mana Madó era uma senhora que gostava de ganhar protagonismo em todos os lugares e eventos.

- CETV101M - *mana Madó* - (o que gosta de dar nas vistas) - “O João é mana Madó”
- MERC091F: *mana Madó* - (alguém que faz coisas que despertam a atenção) - “A Joana é uma mana Madó”.

33. *Vizinha zongola*¹⁹: trata-se de uma expressão bastante comum em Angola que surgiu com a música com o mesmo título, do cantor Gabi Moi. Na música, o cantor conta a história de vizinhas que controlam a vida dos outros para depois fazerem fofoca. *Vizinha zongola* significa, assim, “fofoqueira”, “coscuvilheira”, isto é, o significado indicado pelo informante abaixo.

- CETV101 (fofoqueira) - “A Joana é uma vizinha zongola”.

34. *Dar café*: o mesmo que morrer pois, de acordo com os costumes de algumas regiões de Angola, é comum a família enlutada servir café aos presentes, durante a noite, com a finalidade de se evitar que os mesmos adormeçam. Uma das funções das pessoas que acorrem aos óbitos em Angola é animar o evento com cânticos fúnebres e danças, razão pela qual não devem dormir. Diz-se, por isso, que *dar café* é sinónimo de morrer, conforme indicado pelo informante CETV101, que no entanto, não indicou uma frase em que incluísse a expressão.

¹⁸ No PE existe “cantar ao Gregório” com o significado de vomitar. No Ciberdúvidas, consta: “chamar o Gregório/chamar pelo Gregório e gritar pelo Gregório”. E é comum, entre os jovens portugueses, ouvir-se “regar-se”, com o sentido de “vomitar”, também.

¹⁹ Zongola é um verbo da língua kimbundu que traduzido para o português significa ver (Cf. Maia, 2010: 664).

- CETV101 – *dar café* (morrer).

35. *Dar mbaia*: é uma expressão mais frequentemente usada pelos taxistas e pelos seus passageiros para dizer “fazer ultrapassagem”. Os significados indicados pelos informantes abaixo são convergentes e correspondem aos usos gerais em Angola. Vejamos:

- ESCOPAZ003F - (ultrapassar) – “Ó motorista, dá mbaia para chegarmos rápido”;
- IGRE048F - *dar mbaia* - (ultrapassar, fazer ultrapassagens durante a condução) – “Os taxistas de Luanda dão muitas mbaias”.
- ESCOPAZ053F - *dar mbaia* - (acelerar) - “Dá mbaia, estou atrasado”.
- MERC090F - *dar mbaia* - (fazer ultrapassagem) - “Motorista, dá mbaia, está tarde”.

36. *Estar fundo e raso*: esta é uma expressão muito recente, pois está relacionada com o desvio de quinhentos milhões de dólares, em 2017, do Fundo Soberano de Angola, pelo filho do antigo presidente da república. A partir desta altura, passou a dizer-se que o Fundo ficou raso e, mais tarde, evoluiu para “fundo e raso” para transmitir a ideia de pobreza, de estar sem dinheiro. Este significado prevalece até aos dias de hoje, conforme revela a informante abaixo.

- IGARNET006F - (ficar sem dinheiro) – “A Ana não vai a boda, ela está funda e rasa”.

37. *Bater cabeça*: é uma expressão que vigora desde os anos de 1980. Normalmente, as pessoas recorrem a esta expressão quando pretendem exprimir a ideia de luta pela sobrevivência, sacrifício, escolha de alternativas para a resolução de determinado problema. É o que se pode entender da indicação feita pela informante CETV007F.

- CETV007F - (lutar pela resolução de um problema, sacrificar-se) - “Todos os dias bato cabeça para sustentar a minha família”

38. *Galinha rija*: sendo uma expressão bastante comum, é usada para designar uma pessoa que apesar do avanço da idade apresenta uma fisionomia jovem. Confirmam-se as indicações das informantes.

- ESCOPAZ029F - (mais velho com aparência de jovem) – “O avô do Rui é galinha rija”.
- IGARNET136F - *galinha rija* - (mais velho com boa massa) – “Estás a dar a Rita de criança, é galinha rija então”.

39. *Sair voado*: o mesmo que ir-se embora, conforme indicação da informante IGRE035F (ir embora) – “Como a festa não estava boa, saí voado”.

40. *Udia uzeka*²⁰: é uma expressão que designa pessoa sem ocupação ou preguiçosa. A tradução literal desta expressão, do kimbundu para o português, é “come e dorme”. Vejamos a indicação da informante IGRE035F que, no seu exemplo, aconselha alguém a não se casar com um desempregado, sob pena de sofrer:

- IGRE035F - (alguém que só come e dorme, sem ocupação) – “Não case com este *udia uzeka*, senão vais sofrer”.

41. *Boca da Minga*: reflete a história de uma mulher chamada Minga que controlava e contava a vida de todas as pessoas do bairro onde vivia. Como é óbvio, este tipo de pessoas é comumente apelidada de fofqueira em Angola. Dizer *boca da Minga* a alguém é conotá-la com a pessoa que gosta de bisbilhotar a vida alheia.

- IGRE041F - (fofqueira) – “A Meury tem a boca da Minga”.

42. *Subir os calundus*²¹: *calundus* é um termo que designa um estado em que a pessoa se encontra, durante um ritual que se realiza em várias regiões de Angola. O certo é que a pessoa neste estado se parece com alguém enfurecido, fora de si. Por extensão semântica, a expressão *subir os calundus* é hoje usada para caracterizar alguém que se encontra nervoso. Assim, a indicação da informante confere, de facto, os usos gerais da expressão em Angola, na medida em que, no seu exemplo, evidencia o apelo de alguém que já está nervoso e pede que não seja chateado.

- IMARISTA044F - (quando alguém está muito chateado, estar nervoso) - “Não me chateie, meus *calundus* subiram”.

43. *Tropa de choque*: esta expressão reflete a postura dos efetivos da Polícia de Intervenção Rápida – PIR, que encantou a população de Angola aquando do seu surgimento, no início dos anos de 1990, sobretudo em Luanda, onde a Polícia anteriormente não era respeitada. Tal postura caracterizava-se pela capacidade de os agentes se manterem de pé por largas horas, sem rir nem falar com o povo, resistindo ao sol, à chuva, à fome e à sede. Assim, para a população, a PIR passou a ser símbolo de resistência, persistência, superação de obstáculos, etc., sendo, a partir dessa altura, apelidada de “tropa de choque”. Hoje, a expressão é usada para designar o indivíduo que apresenta as características descritas atrás, tal como fez a informante IGARNET136F. Já a informante IMARISTA044F limitou-se apenas a indicar a expressão sem, no entanto, dar um exemplo, pelo que não se sabe qual o significado que deu à expressão, como se pode ver mais abaixo.

²⁰ Verbos “comer” e “dormir”, conjugados na terceira pessoa do singular na língua nacional kimbundu.

²¹ Designação atribuída ao estado psicológico e espiritual, durante um ritual a que se submetem as pessoas de determinadas regiões de Angola, que se manifesta pelo enfurecimento e pela força sobrenatural do indivíduo.

- IMARISTA044F - *tropa de choque*.
- IGARNET136F - *tropa de choque* (persistente) - “O meu colega vai trabalhar mesmo com fome por causa do dinheiro que está a juntar, ele é tropa de choque”.

44. *Última bolacha do pacote*: de acordo com o uso que se faz em Angola, esta expressão aplica-se de forma irónica a pessoas convencidas de que são mais importantes, mais bonitas, mais disputadas ou mais desejadas, mas que aos olhos da sociedade não passam de pessoas vulgares. É também com este significado que a informante indicou esta expressão, como se vê no exemplo abaixo.

- IGRE049F - (alguém que se envaidece por ser disputada, desejada) - “Moça, estás armada em última bolacha do pacote?”

45. *Aguentar o barulho*: esta expressão emergiu devido à música com o mesmo nome, da autoria do grupo “Os Lambas do Sambizanga”, um dos mais influentes grupos do kuduro em Angola. A informante abaixo apenas indica a expressão, sem, no entanto, dar um exemplo.

- IGRE049F: (assumir as responsabilidades até às últimas consequências).

46. *Azuis e brancos*: é uma expressão bastante comum no país, principalmente para aqueles que todos os dias recorrem aos serviços de táxi como meio de transporte. A denominação representa as cores convencionais dos carros que realizam estes serviços. A indicação da informante IGRE070F, seguida do exemplo, confirma o que acabámos de dizer.

- IGRE070F - (taxistas de Angola) – “Os azuis e brancos fazem muita confusão na via”.

47. *Boca doce*: tem o mesmo significado das expressões *vizinha zongola* e *boca da Minga*, isto é, significa fofoqueiro/a. A partir do exemplo da informante, percebe-se o cuidado a ter com a Rosa, visto ser alguém que não guarda segredos.

- IGRE071F- (fofoqueiro/a) - “Não contes isso à Rosita, ela tem boca doce”.

48. *Apanhar do ar*: esta expressão é usada para designar a pessoa que passa por uma situação sem se aperceber, como roubos, enganos, etc.

- IGRE071F- (não ver as coisas a acontecerem, ser enganado).

49. *Bolo fofo*: o mesmo que bolo e leite, que significa pessoa mimada, preguiçosa.

- IGRE071F (mimado) - “Esse bolo fofo está mal acostumado”.

50. *Ligar o burro*²²: usa-se para exprimir mau comportamento de alguém ou reação a um insulto (zangar-se).

- MERC089F - (comportar-se mal, zangar-se) – “Simão, se continuares a rir, vou ligar o meu burro”.

51. *Sukula zwata*: deriva do Kimbundu que, traduzido à letra, significa “leva e veste”, como se pode confirmar em Maia (2010: 408-667). Geralmente, as pessoas que possuem pouco vestuário fazem o sacrifício de o lavar todos os dias e, por esta razão, são vistas como pessoas pobres, sendo chamadas de *sukula zwata*. Na indicação feita pela informante MERC090F, percebe-se que uma mulher não admite a possibilidade de o Mauro vir a ser o homem dos seus sonhos pelo facto de ele ser um *sukula zwata*, ou seja, um pobre.

- MERC090F’ (lavar à pressa a única peça de roupa que usa) - “O Mauro não é homem para mim porque ele é um *sukula zwata*”.

52. *Mata enteado*: esta expressão surgiu a partir da altura em que se começaram a vender, em Luanda, pães de tamanho invulgar que atingiam o triplo do tamanho normal. Como existe ainda o mito de que padrasto/madrasta não pode ter boas relações com enteados, então dizia-se que aquele era o pão ideal com o qual se podia intoxicar, empanturrar um enteado. Mais tarde, dizia-se que, se se quisesse matar um enteado, bastava mandá-lo acabar um pão com aquele tamanho. Assim, o pão de tamanho grande ficou conhecido como *mata enteado*, expressão que perdura até aos nossos dias, conforme indicam os informantes abaixo.

- MERC090F - (pão muito grande) - “Para o matabicho, compra mata enteado”.
- IGARNET136F - (pão com tamanho grande) – “Hoje na padaria estão a vender mata enteado”.

53. *Bebe me deixa*: o surgimento desta expressão está ligado ao aparecimento de refrigerantes em garrafas de plástico com a capacidade de 500 ml. Devido ao hábito que as pessoas tinham, ao longo de vários anos, de consumirem refrigerante em garrafas de tamanhos mais reduzidos, os consumidores sentiram dificuldade em acabar um refrigerante de 500ml, situação que motivou frases como “Este refrigerante é grande demais, é para beber e te deixar lá”. Desde então, usa-se a expressão “bebe me deixa” sempre que se quer referir esse tipo de refrigerante. Vejamos o exemplo do informante:

- MERC090F - (refrigerante grande) – “Compra uma bebe me deixa para chegar para todos”.

54. *Se bater*: tem a mesma equivalência da expressão *se bater no chão*.

²² Correspondente à expressão “amarrar o burro” no PE. Trata-se, pois, de duas variantes que se distinguem pelos verbos “ligar” e “amarrar”.

➤ MERC091F - (não querer ceder alguma coisa).

55. *Raspar o porco*: significa, de acordo com a indicação da informante CETV092F, estar sem dinheiro.

➤ CETV092F- (ficar sem dinheiro) - “Esses dias as coisas estão duras porque estou a raspar o porco”.

56. *Babar óleo*: esta expressão surgiu com a célebre música do cantor Kristo, intitulada *Ngaxi*. Na referida música, o cantor narra a história de uma mulher, Ngaxi, que, apesar de ostentar uma beleza atraente, tem o interior deteriorado devido ao excessivo consumo de bebidas alcoólicas e drogas. Percebe-se isso mesmo no refrão: “Ngaxi, Ngaxi wakodiua²³, chaparia por fora está bala (boa), mas o motor está a babar óleo”. A partir desta música, passou-se a usar a expressão *babar óleo* para designar seres ou coisas que estejam deteriorados, apesar da boa aparência que apresentam. Vejamos a indicação da informante CETV092F.

➤ CETV092F - (está estragado, não está bom) - “Este carro está a babar óleo”.

57. *Pisar as uvas*: desconhece-se a origem desta expressão. Sabe-se apenas que, de acordo com o uso geral em Angola, significa andar a pé, consoante indica o testemunho abaixo.

➤ CETV092F - (andar a pé) - “Vou à escola a pisar as uvas”.

58. *Dar o gás*: tem a mesma equivalência das expressões *tirar o pé*, *tirar voador* e *sair voador*, pois significa ir embora. Dependendo do contexto, estas expressões podem significar, além de ir embora, fugir, uma vez que as circunstâncias obrigam a uma retirada urgente e apressada. Veja-se a indicação do informante abaixo.

➤ IGR129F - (ir embora, fugir) – “Hoje vou dar o gás de casa”.

59. *Cortar água e luz*: esta expressão revela as dificuldades que enfrentam as populações, quando confrontadas com a falta de abastecimento de água e energia elétrica, elementos indispensáveis a uma vida com condições mínimas. A partir dessa realidade, é hábito dizer-se que “vou te cortar água e luz”, “me cortaram água e luz”, quando se ameaça cortar o apoio que se dá a alguém ou quando alguém vê cortado o apoio que vinha recebendo. Essa é também a ideia da informante abaixo.

➤ CETV131F - (castigar, impor restrições) – “Se comportaste mal, vou te cortar água e luz”.

60. *Cola marido*: emergiu com a música *Cola marido* de Rey Weba. No clip da música, via-se uma mulher a seguir o marido por onde quer que ele fosse e a atacar qualquer pessoa que o contactasse. Desde então, a expressão passou a ser usada para

²³ Está embriagada, tradução do kimbundu para o português (Cf. Maia, 2010: 238).

designar uma mulher com ciúmes excessivos. Daí que os informantes IGARNET132F e IGARNET136F não tenham tido dificuldades em indicar a expressão e os respetivos exemplos, de acordo com o uso geral em Angola.

- IGARNET132F - (mulher ciumenta) – “Sara, os homens não gostam de cola marido”.
- IGARNET136F - *cola marido* (ciumenta) – “A minha dama é cola marido, não pode me ver com os cambas”.

61. *Dar sangue*: esta expressão significa, tal como indica a informante MERC134F, ajudar. É bastante usual no seio da população angolana, sobretudo na camada jovem. A popularidade desta expressão atingiu o auge quando Puto Lilas, um conceituado cantor do estilo kuduro, lançou a música *Dá só sangue*. Desconhece-se a origem da mesma, mas supõe-se que se funde no facto de que dar sangue é ajudar a preservar a vida de outrem. Eis a indicação da informante acima referenciada:

- MERC134F - (ajudar) – “Não terminei a faculdade porque os meus pais não me deram sangue”.

62. *Luz foi geral*: os constantes cortes de energia em Angola deixam os mais variados bairros às escuras, o que facilita a vida aos marginais. No entanto, algumas vezes os cortes têm sido parciais, mas noutras vezes, gerais. Quando os cortes são gerais, a escuridão é mais acentuada e, habitualmente, as pessoas dizem “luz foi geral”. Com o passar do tempo, esta expressão passou a ser usada para, de forma pejorativa, aludir a um indivíduo de cor muito escura. Vejamos o exemplo:

- CETV135F - (pessoa muito escura) – “Esse gajo é luz foi geral”.

63. *Sempre a subir*: esta expressão constitui o refrão da célebre música *Kazukuta dance* do cantor Virgílio Fair. A música surgiu num momento especial da vida política do país, uma vez que as partes até então em conflito (MPLA e UNITA) tentavam uma reconciliação e a formação de um Governo de Unidade Nacional. Ainda no mesmo período, a seleção sénior de basquetebol conquistava mais um título no Campeonato Africano das Nações. Tais factos levaram ao aproveitamento do refrão da música para caracterizar Angola naquele momento, que, para as pessoas, estava *sempre a subir*. A expressão generalizou-se de tal maneira que chegou a ser usada pelos deputados no Parlamento, pelo antigo Presidente da República, pela Televisão Pública de Angola para designar um programa dedicado ao movimento “kuduro” e passou a ser usada por todos os cidadãos que quisessem exprimir alguma situação de evolução, sucesso, progresso. Podemos dizer, portanto, que a indicação e interpretação feita pela informante IGARNET136F reflete o que atrás se explicou.

- IGARNET136F - (progredir, somar sucesso) – “Desde que JLO entrou no poder, o país está sempre a subir”.

64. *Se bater no chão*: esta expressão tem sido usada para exprimir a ideia de persistência. De acordo com a indicação da informante IGARNET136F, percebe-se a persistência de alguém em prosseguir os estudos na universidade, para garantir o seu futuro. A ideia de persistência é também transmitida pelo renomado músico angolano Yuri da Cunha, na música intitulada *E tudo mudou*, como veremos na secção em que procederemos à análise de expressões extraídas das letras de músicas.

- IGARNET136F - (persistir, não se deixar) – “Vou se bater no chão até conseguir fazer a fau (universidade) para garantir o meu futuro”.

1.1.3. Análise das expressões idiomáticas extraídas de jornais, letras músicas e programas televisivos

Estou a *curtir o meu banzelo* (também indicada pelos informantes PIAG002M, ESCOPAZ122F, CETV101M) – Registada no Jornal Nova Gazeta (JNG), é uma EI que ganhou popularidade graças ao grupo *Os Banah*, com a sua música *Banzelo*, em cujo refrão se repete essa expressão. O termo *banzelo* deriva do Kimbundu e significa “pensamento”. O termo é definido pelo grupo como um “estado de espírito”, adianta o JNG. Atualmente, a expressão é usada para exprimir “diversão”, “relaxe”. (Cf. *Jornal Nova Gazeta*, edição nº 190 de 30 de março de 2016, pág. 30).

Manga de 10 (indicada também pelos informantes MERC061M, IGARNET099M, ESCOPAZ053F, IGRE061F, CETV092F, IGRE098F) – O JNG usa esta expressão para anunciar a exibição de uma peça teatral da Companhia de Teatro Horizonte Njinga Mbandi, intitulada “Hora H”, que retrata os problemas do dia a dia na sociedade angolana, com destaque para o fenómeno social “Manga de 10”, apontado como uma das principais causas de desentendimento entre casais. “Manga de 10” denomina as adolescentes do sexo feminino que têm como preferência, para namorar, homens com idades acima dos 40, visto estes poderem proporcionar-lhes conforto material (Cf. *Jornal Nova Gazeta*, edição nº 275 de 2 novembro de 2017, pág. 33).

Vizinha zongola (apontada pelo informante CETV101M) – esta expressão aparece numa crónica do JNG que conta a história da tia Madó. Tendo nascido e crescido na província do Uíge, esta decidiu ir morar em Luanda e lá tentar a sorte. Para a sua sobrevivência e da sua família, tia Madó dedicou-se à venda de “micates” (bolinhos fritos) à porta de casa. O dinheiro que ganhava dessa venda dava para sustentar a família, manter os filhos na escola, e, ainda, para abrir outros negócios. O

sucesso da tia Madó causou inveja na vizinhança, que a acusou de usar feitiçaria nos seus negócios, como confirma a seguinte passagem: “Um mujimbo²⁴ difundido por uma vizinha zongola dava conta que a tia Madó, vinda do Uíge, fazia dinheiro de miscaria, isto é, usava feitiço nos negócios, pois só assim se podia explicar o facto de a senhora sustentar cinco bocas e ainda ter kunbu para a escola dos filhos”. (Cf. *Jornal Nova Gazeta*, edição nº 291 de 8 de março de 2018, pág. 6).

Pé no nguimbo (também indicada pelos informantes MERC061M e IGRE095F) – esta expressão surge numa crónica do JNG, a propósito de homem que foi repreendido pelas sucessivas faltas à igreja. O homem prometeu ser regular e no domingo seguinte foi à igreja, mas, envergonhado, decidiu ser discreto, evitando saudações e preferindo sentar-se no penúltimo banco para facilitar a saída no fim do culto. Já no fim das atividades, quando se preparava para sair discretamente, foi interpelado por um irmão que procurava saber dele se havia ido à igreja para ficar ou apenas para uma visitinha. Entretanto, aproveitando uma distração daquele irmão, o homem desapareceu da vista de todos, conforme se vê no último parágrafo da referida crónica: “Noé, ainda a pensar no que acabara de ouvir, puxou os olhos para outro lugar, momento que o irmão Godinho aproveitou, com destreza, para pôr o nguimbo e o pé a fazerem parelha”. (Cf. *Jornal Nova Gazeta*, edição nº de 31 de maio de 2018, pág. 4).

Bate bola baixa (também indicada pelo informante MERC061M, IGRE049F e CETV125F). Encontrámos esta expressão também numa crónica que relata as peripécias do jovem Manucho cuja preferência ia para as mulheres mais velhas, com idades acima dos 40 anos. Entretanto, ao ser aconselhado pela mãe, que discordava da vida que o filho levava, Manucho pede calma dizendo: “Ó velha, *bate bola baixa*, pah”, o que significa: “Ó mãe, acalme-se” (Cf. *Jornal Nova Gazeta*, edição nº 307 de 28 de junho de 2018, pág. 8).

Entrar na mente (também indicada pelo informante IGARNET099M) – Foi identificada também numa crónica do *Jornal Nova Gazeta*, no qual o cronista explica, nos seguintes termos, a intenção de a mãe convencer o filho a abandonar a vida que levava: “A mãe até lhe tentava *entrar na mente*, meu filho, faxavor, nunca te pedi nada, deixa dessa vida, arranja outro emprego...”. Daqui se conclui que “entrar na mente” significa convencer, gozar com alguém (Cf. *Jornal Nova Gazeta*, edição nº 307 de 28 de junho de 2018, pág. 8).

Fazer boa muxima (também indicada pelo informante MERC061M) – A expressão foi recolhida de uma crónica do *Jornal de Angola* que fazia alusão ao

²⁴ Notícias, rumores (Língua Nacional Kimbundu).

carnaval. A expressão exprime a satisfação de um homem agraciado com um presente simbólico dado por um parente seu, manifestando-se nos seguintes termos: “... a maioria mesmo, ramos de palmeiras que um parente trouxe para nos fazer boa muxima”, que significa agradecer, agradecer (Cf. *Jornal de Angola*, edição nº 309 de 16 de Fevereiro de 2018, pág. 7).

Mana Madó (também indicada pelos informantes CETV101M e MERC091F) – Esta expressão foi identificada no programa *ZAP NEWS*, durante uma conversa entre os apresentadores, Daniel Nascimento e Hennesse Cacoma, e os seus convidados, os humoristas Tia Bolinha e Momó (General Foge a Tempo). Zangado pelo facto de terem convidado a sua esposa (a Tia Bolinha), Momó ameaça de morte a produção, caso esta voltasse a convidá-la. Em resposta às ameaças do marido, Tia Bolinha diz ao Momó: “Você é *mana Madó* em pessoa: queres aparecer”. A expressão é usada para designar pessoas que falam muito, falam da vida dos outros, que gostam de ganhar protagonismo em todos os momentos e lugares em que se encontram (Cf. *Zap News*, disponível no Youtube, publicado a 22 de agosto de 2018).

Bolo e leite (também indicada pelo investigador e identificada por 75% dos informantes) – identificada durante a gravação de uma das edições de *No cubico dos Tuneza*, a expressão designa uma pessoa mimosa, frágil ou preguiçosa. Na peça, os membros de uma família tentam ganhar coragem para comunicar a um general muito temido a gravidez da sua filha. Como todos hesitavam, o filho da dona da casa ofereceu-se a dar a notícia ao general. Mas a Tia Bolinha, conhecendo as fragilidades do seu filho, aconselha-o a não enfrentar o general, sob pena de sofrer pesadas consequências, dizendo: “Você é bolo e leite, filho” (Cf. *No cubico dos Tuneza*, disponível no Youtube, publicado a 27 de maio de 2018).

Bateu na rocha (também indicada pelo investigador e identificada por 76% dos informantes) – No conhecidíssimo programa *Sempre a subir*, do canal 2 da Televisão Pública de Angola, apresentado pelo exímio kudurista Sebem, estiveram dois convidados, o Bolax Raro e o Fininho do Pongue. Durante o espaço de "bifes", isto é, "provocações" que o programa reserva aos convidados, um deles, mostrando os seus talentos e ao mesmo tempo provocando o outro, cantou: “esses putos que cantam semba, mas são chamados de kuduristas, jovens com cara de velhos são bonitos por falta de espelho, vossos bifes *bateu na rocha*, ou estou a dar fintas tipo Okocha... Fininho do Pongue queria dizer que as provocações de Bolax Raro não surtiram o efeito desejado, portanto, “bateram na rocha” (Cf. *Sempre a subir*, disponível no Youtube, publicado em 17 de março de 2013).

Bate bola baixa e manga de 10 – Numa apresentação de humor, durante o programa *GozAqui*, a humorista Renata Torres apela à calma dos homens por causa da implicância destes com os homossexuais, dizendo: “Pausem, *batem bola baixa* porque eu acho que quem devia se preocupar somos nós as mulheres”. Mais adiante, a humorista introduz a frase “Uma minha amiga veio ter comigo a lamentar dizendo que o marido arranhou uma *manga de 10*”. Vendo o perigo que corria de perder o marido para uma mulher muito mais jovem do que ela, neste caso uma adolescente, a mulher aflita foi obrigada a pedir ajuda à igreja no sentido de recuperar o marido por meio de orações. A humorista usa a expressão *bate bola baixa* para recomendar calma e recorre à expressão *manga de 10* para se referir a uma adolescente que se envolve com um adulto comprometido (Cf. *GozAqui*, disponível no Youtube, publicado a 2 de agosto de 2018).

Mata enteado (também indicada pelos informantes MERC090F e IGARNET136F) – Durante uma apresentação de humor, o humorista Skait Borrabeu recorre a esta expressão para se referir a uma espécie de pão, geralmente de tamanho grande. A piada apresentada pelo humorista retratava a história de um jovem que desconfiava que não era filho do pai por causa do tipo de pão que todos os dias o pai comprava para o pequeno-almoço, conforme se observa nas seguintes palavras: “Uma das coisas que me leva a desconfiar que não sou filho do meu pai é o tipo de pão que ele compra para o matabicho – pão mata enteado. Quem tem filho dentro do cubico, não compra mata enteado”. Na sociedade angolana existe a ideia de que os padrastos fazem tudo para se livrarem dos seus enteados; pensa-se, por isso, que oferecendo um pão de tamanho enorme ao enteado este morrerá de congestão (Cf. *GozAqui*, disponível no Youtube, publicado a 16 de janeiro de 2018).

Seguir bala (também indicada pelos informantes PIAG087M, ESCOPAZ027F e IGRE049F) - Patty Metralhadora, outra humorista que participava do mesmo programa, conta a piada de um casal de namorados que tece o plano de pedir dinheiro emprestado a um comerciante para tomarem umas cervejas. Como a ideia foi da mulher, o namorado limitou-se a imitar todos os passos da companheira. Essa intenção foi manifestada pela humorista da seguinte maneira: “Meu damo também só me *segue bala*. Damo tem que ser assim”. Isso quer dizer que o namorado imita ou segue tudo o que a namorada faz (Cf. *GozAqui*, disponível no Youtube, publicado em 02 de agosto de 2018).

Entrar na mente – Numa apresentação de humor cujo tema era “O dia do amor”, o humorista Arroz Doce diz que quem mais sofre no amor é o homem, pois

muitas vezes chega a morrer por causa da sua amada. E exemplifica dizendo: “Adão só morreu porque a Eva só lhe *entrou na mente*”. É o mesmo que dizer que Adão morreu porque a Eva o aconselhou mal, o convenceu a fazer coisas proibidas (Cf. *Gozaqui*, disponível no Youtube, publicado a 15 de março de 2018).

Travar com a jante e ver fumo (também indicadas pelos informantes MERC061M e ESCOPAZ102M, IGARNET099F e IGRE070F, respetivamente) – As duas expressões têm o mesmo significado, vale dizer, "enfrentar dificuldades". A humorista Renata Torres usou-as no programa *Gazaqui*, quando contava uma piada sobre os incumprimentos de pagamentos no fim de ano e as dificuldades financeiras criadas pela governação anterior, sobretudo pelo desfalque do Fundo Soberano, protagonizado pelo filho do antigo presidente do país. Considerando que o dinheiro é do povo, a humorista faz um apelo no sentido de se devolver todo o dinheiro desviado, referindo-se ao sofrimento do povo da seguinte forma: “Pedir para devolver é mal? Pai, nós estamos a passar mal, estamos a travar”. E continua dizendo: “As divisas do BNA já foram distribuídas no Mártires e não vivo no Mártires, então eu não apanhei nada, estou mesmo a travar, inclusive tem muita gente a ver fumo, eu não sou a única”. Note-se que “travar” é a forma reduzida que muitos falantes usam da expressão “travar com a jante” (Cf. *Gozaqui*, disponível no Youtube, publicado a 16 de Janeiro de 2018).

Apanhar a pata (também indicada pelo investigador e identificada por 64% dos informantes) – Esta expressão foi identificada nas músicas *Atrofiar* de Cef e *Apanhar a pata* do grupo Makongo (com a participação de Danny L). Tanto um como outro usam a expressão com a mesma aceção, uma vez que na música de Cef percebe-se a intenção de um marido dominar e abusar da bondade da sua esposa – “Queres me apanhar a pata só porque deste conta que quero ser boa mulher” –, a mesma que se constata na música dos Makongo e Danny L, quando os cantores referem “acusações, difamações e um tiro que eu respondo com canhões, porque eu te *apanho a pata*; recua mas não deixa de dançar, vou te *apanhar a pata*”. *Apanhar a pata* significa ter o domínio sobre alguém ou sobre alguma coisa (Cf. Secção de Análise das EIs propostas aos informantes).

Wanga wabu (também indicada pelo investigador e identificada por 42% dos informantes) – Yuri da Cunha e Maya Cool, na música *Ancoró* (2010), contam a história de um homem rico e vaidoso que não teve cuidado ao gerir a sua fortuna e ficou pobre, perdendo o poder que tinha, conforme se vêem seguinte trecho: “A mulher não cuidou, as crianças abandonou, a família maltratou e agora *wanga wabu*”. Por outro lado, corria o boato de que Eduardo Paim deixara de cantar para trabalhar como ajudante de pedreiro, em Lisboa, devido a dificuldades financeiras. Em resposta a este

boato, o cantor lança a música *Mijimbo* (1998), em que dizia: “Tanto zuelaram e curibotaram, disseram Paim *wanga wabu*, estou aqui então, ai sempre na mesma posição” (falaram muito, espalharam boatos, disseram que o Paim perdeu o poder de cantar e a fama). O cantor mostrava, assim, que continuava firme na música, que o poder e a fama se mantinham e tudo não passara mesmo de um boato. Para o grupo MB-Gang Star, a expressão *wanga wabu* é usada para exprimir o fim do reinado de uma jovem que era muito vaidosa da sua beleza. Entretanto, ao perder a beleza e toda a vaidade, a jovem tornou-se motivo de gozo para os rapazes do bairro que, ao vê-la passar, diziam: “estás acabada, a banga acabou, *wanga wabu*”. Como referido atrás, *wanga wabu* em Kimbundu significa feitiço, pelo que a EI acima traduz o fim de carreira, da vaidade, do poder, etc..

Cair com a cadeira (também indicada pelos informantes CETV012M e CETEV092F) – Esta é uma expressão muito recente. Surgiu com a música de Pé de Galo, intitulada *Cair com a cadeira*. A música é acompanhada por uma dança estranha e perigosa para os seus executantes, visto terem de atirar-se ou lançar-se às mesas e cadeiras disponíveis nos locais em que dançam. A aceção atual desta EI tem uma clara motivação social, pois propaga-se a partir do momento em que o novo Presidente da República de Angola começa a proceder a exonerações no aparelho do Estado. Desde essa altura, é comum ouvir-se que o Ministro X “caiu com a cadeira”. Por outro lado, associou-se a expressão aos estudantes que deixam cadeiras pendentes nas escolas.

Tirar voadado – identificada na música *Dinheiro kumbu*, de Matias Damásio, exprime a ação de fugir, abandonar ou ir-se embora. De acordo com o conteúdo da letra, um homem ganhou estatuto de doutor, enquanto teve dinheiro e, por isso, foi considerado o mais bonito da cidade, namorou meninas belas, teve ninhos de amizades, viveu grandes mundos. Mas quando o dinheiro acabou, o homem foi abandonado por todos, até por aqueles que pensava serem seus amigos verdadeiros, conforme se pode ler a seguir: “Dinheiro kumbu, no dia que fugiste da minha vida, acreditei na magia porque todos sumiram, acreditei na magia porque tudo evaporou; quem me chamava de doutor, hoje me chama atrasado, quem dizia que me amava, *tirou voadado*”.

Bate a bola baixa – É outra expressão identificada numa das músicas de Matias Damásio, intitulada *Lombongo*. Nesta música, Damásio conta a história de um homem que, por ter um salário muito baixo, é incapaz de satisfazer a sua esposa com bens materiais de alta qualidade e muito caros. Por isso, o homem dizia à esposa: “Carro, joias, kumbu não tenho, mas tenho o amor que vive aqui dentro do peito. Não tenho dinheiro para te levar a passear em Lisboa, mas posso levar-te aqui perto na Gabela.

Dinheiro não chega para comprar cabelo brasileiro²⁵, meus trocos só chegam para comprar postiço no São Paulo. Kumbu não chega para fazer manicure no salão, melhor é esperar os miúdos que passam no bairro. Salário é tão pouco que só dá para comer, eu prometo, pão não vai faltar. Salário é coxito²⁶ que só dá para vestir roupa do fardo. Mas um dia a vida vai mudar, casa nova, um carro vou te comprar, Lisboa, Paris vamo juntos viajar, aquelas amigas que te consomem vão te sentir. Mas agora *bate a bola baixa*, não vale a pena comparar a vida luxuosa do vizinho”. O homem promete à esposa que um dia a vida vai mudar, mas pede calma e paciência.

Sukula zwata (também apontada pela informante MERC090F) – Esta expressão foi identificada em duas letras de músicas: *Angola e Ancoró*, respetivamente de Dog Murras e Yuri da Cunha /Maya Cool. Em ambos os casos, a expressão é associada à ideia de pobreza. No primeiro caso, Dog Murras fazia uma crítica à anterior governação pelo facto de os angolanos viverem em situação de pobreza extrema, não obstante o país ter muitas riquezas naturais. O cantor diz que Angola é apenas boa para os cidadãos estrangeiros, mas muito má para os próprios angolanos, conforme se comprova no passo seguinte: “Angola dos kota bué, que têm, que fazem, que tudo podem, Angola dos inocentes que na calçada morrem de fome, Angola que para o angolano é rica, é boa, é maravilhosa, Angola que para o angolano é só desgraça, aiué fidacaxa²⁷, Angola tubanga kievi²⁸, casas de praia, carros de luxo, Angola *sukula zwata*, estrada é buraco, casa sem teto, Angola que tem de tudo, que estende a mão e ajuda os outros, Angola que não tem nada, está desgraçada, está bué rebentada. Boa Angola para chinês, boa para o libanês, boa Angola para o senegalês, boa Angola para o inglês, hum, hum para o angolano”. No segundo caso, Yuri da Cunha e Maya Cool recorrem à expressão *sukula zwata* para caracterizar o estado de um homem que perdeu toda a riqueza por má gestão, donde se conclui que *sukula zwata* significa pobreza, pobre.

Vizinha zongola – Esta expressão difundida na sociedade angolana em 1993 graças ao cantor Gabriel Moisés Ferreira, conhecido simplesmente como Gaby Moy. A popularidade da canção fez com que a população passasse a associar qualquer vizinha a uma pessoa invejosa, fofoqueira e intrometida. Veja-se a letra: “Não quero *vizinha zongola* que me odeia, *vizinha zongola*, apanha chapada, aquela vizinha que me odeia, *vizinha zongola*, apanha chapada”.

²⁵ Cabelo postiço importado do Brasil, geralmente usado pelas mulheres africanas, para fazer a extensão do cabelo natural.

²⁶ Calão angolano que significa pouco, baixo, irrisório.

²⁷ Interjeição angolana que significa “filho da mãe”.

²⁸ Expressão da língua Kimbundu que significa “O que vamos fazer”?

Arrasta o pato – Significa voltar a ter um caso com a ex-namorada. É o que fica patente quando Limas do Swag diz “juro que hoje eu *arrasto esse pato*”, a dado passo da música *Arrasta esse pato*. Leia-se o seguinte trecho:

Hoje eu vou p´ra noite e eu sei que ela está lá.

Já não é meu mambo, mas ainda arrasto

Já não sou dono, mas eu lhe comando

Juro que hoje eu arrasto esse pato.

Partir o lápis muito cedo (expressão indicada pelo investigador e identificada por 57% dos informantes) – Identificada na música *Eu só-segunda parte*, de Dj Naile, exprime o abandono prematuro dos estudos por parte de um jovem que se sente marginalizado na sociedade. No trecho seguinte, comprova-se isso mesmo: “os meus pais sempre acreditaram que o Dj Naile será alguém na sociedade de Angola, lutaram para me meter na escola, mas alguém me tirou da escola, e me obrigaram a pegar pistola, *parti o lápis muito cedo*, meus manos não é porque eu quis, nunca me deram oportunidade...”. Conclui-se, pois, que o jovem trocou os estudos pelas ruas.

Nesta apresentação descritiva, as expressões idiomáticas recolhidas por uma via tripla – as indicadas pelo inquiridor, as facultadas pelos inquiridos nas suas respostas e as extraídas de jornais e músicas – verificou-se que o uso das mesmas é generalizado na sociedade angolana, uma vez que, das EIs por nós analisadas, a maioria foi reconhecida pelos informantes e, ao mesmo tempo, está registada em letras de música, programas televisivos e jornais, o que permite afirmar que tais expressões estarão provavelmente consolidadas na fraseologia do Português em Angola (oral e escrito), não sendo, portanto, um fenómeno linguístico efémero, pelo menos na sua maior parte.

Note-se, por outro lado, que o reconhecimento destas expressões idiomáticas, por parte dos inquiridos, não depende do grau de escolaridade, nem, tão pouco, de uma formação especializada, dada a natureza e o carácter popular das mesmas, na medida em que muitos informantes com grau de escolaridade baixo foram mais produtivos, em termos de respostas, do que muitos com grau de escolaridade elevado. Depreende-se, pois, que as EIs são usadas por qualquer pessoa, em qualquer lugar e a todo o momento, de forma espontânea e generalizada, por pessoas que partilham um contexto socioeconómico e cultural. Isso explica o facto de termos verificado, em todos os grupos seleccionados, uma generalização, homogeneidade e padronização quer quanto às EIs identificadas, quer quanto ao valor idiomático que lhes é atribuído. Assim, por exemplo, na Paróquia do Verbo Divino, afeta à Igreja Católica, os resultados não divergiram dos obtidos no mercado, já que as expressões reconhecidas e indicadas pelos

informantes foram praticamente as mesmas. No entanto, apesar da heterogeneidade de idades dos frequentadores na referida igreja, chamou-nos a atenção o facto de, nos dias subsequentes, aquela população ser a mesma que depois da missa afluí às escolas (crianças e jovens) e aos mercados (jovens e adultos). Importa, pois, salientar que os fiéis da Igreja Católica, apesar de não terem trazido informações relativas a expressões idiomáticas de cariz religioso, conforme pudemos constatar, confirmaram a generalidade das EIs em Angola, visto terem feito a mesma interpretação e, ainda, terem indicado as mesmas EIs por outros grupos (professores, estudantes e vendedores). E, provavelmente, os resultados seriam os mesmos se o inquérito fosse aplicado aos fiéis de outras igrejas, pois acreditamos que em nenhuma outra igreja são usadas expressões específicas.

Em relação ao grupo constituído por professores e estudantes, os resultados foram os mesmos em termos de reconhecimento e identificação de expressões idiomáticas. As expressões partilhadas por professores e estudantes da escola de determinado bairro serão seguramente as mesmas que ocorrem noutros locais com as mesmas características.

Embora não seja objetivo do trabalho estabelecer um contraste entre as expressões idiomáticas angolanas, portuguesas e brasileiras, é importante ressaltar que, do levantamento que se fez em jornais, as expressões idiomáticas tipicamente angolanas foram apenas identificadas em crónicas, em detrimento de outras EIs oriundas da tradição fraseológica dos países referidos, como “bode expiatório”, “ver navios”, “calças na mão”, “bicho de sete cabeças”, “pulga atrás da orelha”, “vender gato por lebre”, “puxão de orelha”, “mão de ferro”, “pontapé de saída”, “falso alarme”, “banho Maria”, “bater na mesma tecla”, “banho de sangue”, “hora H”, entre outras, que aparecem em qualquer secção.

2. Análise do corpus

Feita a apresentação das expressões obtidas mediante 3 tipos de fontes - as fornecidas aos informantes, as apontadas pelos informantes e as extraídas das outras fontes - que constituem o corpus do trabalho, segue-se a sua análise à luz do que a literatura estabelece relativamente a aspetos como definição, critérios de classificação, tipologia, fatores de surgimento, processos de interpretação, nível de língua em que se inserem, entre outros aspetos. Esta secção será concluída com a elaboração de um glossário geral de todas as expressões recolhidas.

2.1. Para uma definição de EI no Português de Angola

Apesar de termos apresentado várias combinações de palavras com os seus respetivos significados, torna-se necessário descrever, com base na literatura especializada, as suas características gerais e específicas e aferir o seu estatuto de expressões idiomáticas, uma vez que existem outras combinações que, em função das características que apresentam, podem ter outra classificação sem ser a de EI. Neste sentido, importa sublinhar que uma EI é antes de mais uma unidade fraseológica como qualquer outra combinação e, de acordo com os critérios propostos por Corpas Pastor (1996: 18), deve ser constituída por pelo menos duas palavras ortográficas, apresentar um certo grau de lexicalização e alta frequência na língua. (Cf. Cap. 1, Secção: Classificação das unidades fraseológicas). Vejamos o quadro abaixo:

| Combinação | Nº de unidades lexicais | Grau de lexicalização | Frequência |
|-------------------|-------------------------|-----------------------|------------|
| Acaba de me matar | 4 | Estável | Alto |
| Bolo e leite | 3 | Estável | Alto |
| Bater na rocha | 3 | Estável | Alto |
| Ver fumo | 2 | Estável | Alto |
| Tirar voador | 2 | Estável | Alto |

Tabela 21 - Características das EI angolanas

As combinações no quadro acima são, de acordo com os critérios referidos, unidades fraseológicas (UFs), pois todas elas estão constituídas por mais de uma unidade lexical, estabilizaram-se no léxico do português falado em Angola e ocorrem com alta frequência na língua e nos discursos dos falantes durante o ato comunicativo. Uma vez que as UFs não se resumem apenas às expressões idiomáticas, visto existirem outras como refrões, ditados, colocações, frases proverbiais, por exemplo, torna-se igualmente necessária a seleção de critérios que permitam determinar e definir as expressões idiomáticas angolanas como tal.

Há pelo menos três critérios principais que devem ser levados em consideração sempre que se pretende classificar uma UF como “expressão idiomática” no Português de Angola, a saber:

1. A indecomponibilidade, que, de acordo com Vilela (2002: 163), consiste na impossibilidade de dissociação de uma sequência, ou, ainda, na impossibilidade de substituição de um dos constituintes. Xatara (1998) e Alvarez Ortiz (2000) salientam este critério nas definições que propõem para expressão idiomática. Em *acaba de me matar*, não é possível obtermos o seu significado decompondo os seus constituintes. Se assim o fizermos, o resultado não seria o generalizado

“carro velho”, uma vez que a interpretação da expressão por partes podia resultar em “tira-me a vida”. O mesmo aconteceria se substituíssemos um dos seus constituintes por outro (*acaba de me bater*, por exemplo).

- ii. A idiomaticidade, através da qual ocorre a transferência do sentido literal para o sentido figurado, tal como afirmam Corpas Pastor (1996: 27) e Santos (2016: 19). Vejam-se os seguintes casos: *acaba de me matar* (carro velho e em mau estado técnico), *bolo e leite* (mimoso/a ou pessoa sem atitude), *bater na rocha* (ter insucesso), *ver fumo* (experimentar dificuldades) e *tirar voador* (ir-se embora). Qualquer das expressões indicadas perdeu o seu sentido literal em favor do figurado, por meio de processos metafóricos ligados a aspetos sociais e culturais angolanos, isto é, verdadeiros culturemas angolanos.
- iii. A cristalização é o critério que permite aferir a convencionalidade ou a estabilidade de uma dada expressão idiomática numa língua. A cristalização, segundo Corpas Pastor (1996: 24-26), efetiva-se mediante a combinação de vários outros processos como a frequência, por exemplo, até a expressão se entranhar completamente no léxico da língua que a acolhe. As expressões indicadas no ponto anterior encontram-se já cristalizadas no léxico do português falado em Angola, pois passaram pelos processos descritos e são transversais aos vários âmbitos sociais e reconhecidas pela generalidade dos falantes.

Com base nestes critérios, várias definições de expressão idiomática foram propostas por autores como Xatara (1998: 149), que a define como “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”, ou Alvarez Ortiz (269-275), que a define como “uma unidade de significação associada a uma estrutura indecomponível e relativamente estável ao longo do tempo”. Ao analisarmos as expressões *dar o caldo*, *subir os calundus*, *sukula zwata*, *cortar água e luz* verificámos que são indecomponíveis, conotativas e estáveis tendo-se cristalizado no português falado em Angola, ao longo do tempo, devido à tradição cultural específica do país.

Apesar de serem constituídas por mais de uma unidade lexical, cada qual com o seu valor semântico, estas expressões representam novas unidades semânticas (Cf. Santos, 2012: 66). Assim, temos “morrer”, “enervar-se”, “pobre”, e “castigar”, respetivamente. Por outro lado, tais expressões não constituem por si sós um ato de fala com sentido completo (salvo algumas exceções, como o caso de *Cali está no banco*, como veremos no ponto referente à tipologia das EIs), funcionando apenas como elementos oracionais, tal como afirma Corpas Pastor (1996: 33) na sua proposta de

definição de expressão idiomática, ao defini-la como “Una combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario consabido no se justifica, sin más, como una suma normal del significado normal de los componentes.”

De facto, isoladamente, *dar o caldo*, *sukula zwata*, *cortar água e luz* não constituem por si sós atos de fala completa, pelo que os seus significados só podem ser entendidos quando inseridos na oração, como se verifica nas produções dos informantes:

- a) MERC041M - “Tão jovem e já *deu o caldo*”.
- b) IMARISTA44F - “Não me chateie, meus *calundus subiram*”.
- c) MERC090F - “O Mauro não é homem para mim porque ele é um *sukula zwata*”.
- d) CETV131F - “Se comportaste mal, vou te *cortar água e luz*”.

A partir dos critérios e características observados, podemos concluir que as expressões que vimos analisando são, de facto, idiomáticas. Dito isto, torna-se necessário apurar se são tipicamente angolanas ou não.

Sabe-se que as expressões idiomáticas constituem uma riqueza linguística para qualquer comunidade; elas refletem as vivências, a história, as experiências, as tradições culturais de um povo. De acordo com Oliveira e Rocha (2016: 62-63), a partir do léxico já compartilhado por determinada comunidade linguística, os falantes procedem à criação extralinguística, por meio de neologismos e culturemas. É, pois, a partir dos culturemas que se fazem criações novas e se constituem as expressões idiomáticas. Segundo Xatara e Riva (2015: 288), por exemplo, culturema é “qualquer elemento simbólico referente a um objeto, ideia, atividade ou fato, e reconhecido pelos membros de uma sociedade, utilizado como meio comunicativo e expressivo na interação comunicativa entre os usuários da língua dessa sociedade” (Cf. relação entre EIs e culturemas, Cap. Teórico). Estes autores propõem quatro fases de formação de EIs, a partir dos culteremas, que serão aqui demonstradas com exemplos angolanos.

Em primeiro lugar, deve haver a disponibilidade do símbolo (“caldo”, um alimento típico da província de Luanda, feito à base de peixe); em seguida, ocorre a configuração do culturema (diferentes momentos ou ocasiões em que o caldo está presente); em terceiro lugar, surge o tema (homenagem a título póstumo a um indivíduo que o caldo represente); e, por último, acontece a criação da expressão idiomática (*dar o caldo*). Uma vez que o caldo constitui um dos elementos em homenagem a um indivíduo a título póstumo, a expressão *dar o caldo* significa morrer. Na verdade, em algumas regiões de Angola, como Luanda, por exemplo, é comum ver-se, nos velórios, a família

enlutada a servir caldo para as pessoas que ali se encontram como gesto de agradecimento, pelo facto de se terem juntado à sua dor, o que representa uma honra para o defunto, pois entende-se que, mesmo depois de morto, continua a merecer a admiração e o carinho dos que ficaram.

A exemplo desta expressão, todas as outras passam pelo mesmo processo de formação até se cristalizarem, visto cada uma ter a sua história. Vejamos algumas histórias, embora já nos tenhamos referido a elas na secção da análise das expressões indicadas pelos informantes:

- *Bolo e leite* - É uma expressão que marca as diferenças sociais entre cidadãos, sobretudo a divisão que outrora existia entre a população da cidade e a do subúrbio. Houve uma época em que o leite e o bolo constituíam alimentos para gente rica, ou seja, ter acesso a bolo e a leite transmitia, perante a sociedade (a angolana pelo menos), uma ideia de fartura, proteção, mimos, e pertencer a uma classe que tinha tudo sem precisar de fazer esforço algum, graças ao poder económico e político ostentado pelos seus pais, por serem altas patentes da Polícia e das Forças Armadas, dirigentes do Partido, diretores provinciais e nacionais. Por isso, os filhos acabavam por se transformar em autênticos mimosos e preguiçosos. Os filhos dos pobres, pelo contrário, não tendo acesso ao bolo e ao leite, tinham de fazer sacrifícios para estudar e ajudar os pais na venda de produtos que garantissem o sustento da casa. Hoje, “bolo e leite” passou a ser uma designação não só para as pessoas (crianças, adolescentes e jovens) que têm tudo e mais alguma coisa, mas também para as pessoas sem atitude, sem reação, tidas como “boelas”.
- *Estar cozinhado ou estar na panela* - É uma expressão cuja história está ligada a rituais a que um dos cônjuges (geralmente a mulher) recorre para ter o outro sob seu total domínio. O ritual, que é feito por um “curandeiro”, consiste em submeter-se a tratamentos à base de banhos ou a preparar determinados alimentos que devem ser cozidos numa panela especial, comprada para o efeito. A panela é, assim, tida como símbolo da conservação e preservação do mal que contém o poder de ter o/a parceiro/a sob o seu controlo. Diz-se que enquanto não for destruída a panela, o feitiço continua a fazer o seu efeito e um dos cônjuges a dominar o outro. “Estar na panela” ou “estar cozinhado” é o mesmo que estar sob o jugo do companheiro. Geralmente, é o homem que se submete aos caprichos da mulher.

- *Pai ou mãe grande* - De acordo com a cultura de algumas regiões de Angola, pai ou mãe grande é a designação que se dá, por respeito, ao irmão mais velho do pai ou à irmã mais velha da mãe, os quais chegam a ter mais autoridade sobre os sobrinhos do que os próprios pais em determinadas situações (em casamentos tradicionais, conflitos familiares e outros), fruto da experiência que acumularam. Deste modo, o pai grande e a mãe grande são vistos pelos jovens como alguém com saberes superiores aos dos seus progenitores. Esta autoridade, patenteada pelo pai ou mãe grande, foi sendo atribuída a outras pessoas, ao longo do tempo e, hoje, a expressão é, por extensão semântica, usada para referir alguém que é perito, conhecedor ou exímio numa determinada área do saber. Porém, por motivos financeiros, há uma tendência para alargar a expressão a membros mais novos de uma família ou seja, nos dias de hoje, “pai” ou “mãe grande” atribui-se também aos membros mais jovens da família que têm mais dinheiro do que os restantes membros da família.
- *Apanhar a pata* - Em Angola, a expressão é originária de um suposto ritual que consiste em recolher a pata (pegada) deixada por alguém a quem se quer fazer mal. Essa pegada é levada a um “curandeiro”, “quimbandeiro” ou feiticeiro, com a qual fará tudo o que o cliente pedir (provocar a morte, loucura, obediência, azares, etc). Depois do ritual, a pessoa visada fica sob total domínio do causador do mal, até que este decida desfazer o feitiço. Desta forma, hoje, “apanhar a pata” é ter o domínio de alguém ou de algo.
- *Wanga wabu*: Esta expressão deriva do kimbundu, língua em que significa “o feitiço acabou”. O seu surgimento assenta no facto de até há algum tempo se acreditar no mito segundo o qual ninguém atingia o auge da sua carreira sem que estivesse comprometido com forças ocultas ou sobrenaturais. Assim, o músico, o político, o vendedor, o desportista, o político, o chefe de uma área, o bailarino, etc., que estivesse a viver um período de graça (sucesso), era conotado como alguém que recorria a tratamentos obscuros ou que tivesse feito pacto com o demónio. E dizia-se, então, “ele/a tem feitiço. No entanto, se, por qualquer motivo, o sucesso ou fama, a riqueza, o dinheiro acabasse, então dizia-se “wanga wabu”. Porém, as consciências foram mudando com o decorrer do tempo, e hoje já se acredita que o sucesso é fruto da formação, do trabalho, da abnegação, da disciplina e do rigor. Essa mudança de consciência não inibiu a expressão que continua até hoje a ser usada para as mesmas situações, porém sem se associar a

forças sobrenaturais. Ela exprime apenas a perda do poder, da hegemonia, do protagonismo, do reinado.

São apenas alguns casos que ilustram como os culturemas em Angola propiciam o surgimento de várias expressões idiomáticas. Neste caso, pode dizer-se que, de acordo com os contextos em que as expressões surgiram, representando as histórias vivenciadas no dia-a-dia do povo angolano, trata-se, de facto de expressões idiomáticas especificamente angolanas. Outro aspeto que sustenta a nossa afirmação é o facto de algumas expressões idiomáticas resultarem das línguas africanas faladas no país ou de as incluírem na sua composição.

A partir de tudo o que foi dito, julgamos estarem criadas as condições para a elaboração de uma definição de Expressão Idiomática adaptada à realidade angolana. Uma EI é, para nós, uma recriação linguística feita pelos falantes a partir das vivências de âmbito social, político e cultural, constituída por unidades do léxico português e das línguas nacionais de Angola. A EI angolana caracteriza-se, como as EI de outras variedades do Português (PE, PB), pela indecomponibilidade, pela idiomaticidade e pelo valor semântico deduzido da globalidade dos seus componentes, como um todo, isto é, a EI não resulta do valor individual das suas unidades, nem do facto de ser composta por unidades de línguas africanas ou de uma combinação destas com unidades de origem portuguesa. É no processo social de “recriação”, figuração e metaforização que surgem e se instalam as EIs angolanas.

2.2. Conhecimento explícito das expressões idiomáticas

A aquisição e a aprendizagem em contexto formal das expressões idiomáticas em determinada língua (materna e não materna) têm sido amplamente estudadas. Discute-se se elas devem ser adquiridas naturalmente, junto com as demais estruturas da língua materna ou da língua estrangeira, ou se, pelo contrário, devem ser objeto de uma aprendizagem formal, caso em que têm de ser alvo de um processo de didatização. A aprendizagem das expressões idiomáticas por um falante de língua materna processa-se mais rapidamente do que a aprendizagem por um falante de língua segunda, já que as expressões idiomáticas carregam traços culturais cujo entendimento passa pelo conhecimento da cultura associada a essa língua. A este propósito, Afonso (2015: 12) atesta que “enquanto que na Língua Materna, as EI são adquiridas num contexto social de imersão linguística, na aprendizagem de uma língua estrangeira, em princípio deparamo-nos com um contexto escolar”, logo, artificial. Com efeito, de acordo com Xatara (1995: 200), a maioria dos falantes adquire-as implicitamente no dia-a-dia, de

forma não sistemática, mediante leituras e conversas. Para Rubert (2016: 21), por sua vez, “as expressões idiomáticas costumam ser reconhecidas pelos falantes socializados nessa língua”, o que constitui um desafio para os estudantes estrangeiros, exatamente pelo desconhecimento da cultura e pela falta de familiarização com os chamados "culturemas".

Conforme exposto no capítulo I (Cf. Classificação das unidades fraseológicas), por terem uma carga semântica que não decorre da soma do significado individual das palavras que as compõem, as expressões idiomáticas são ainda tomadas como elementos desviantes ou "anómalos" em relação a outras estruturas da língua, motivo por que têm pouco espaço nos programas de ensino, pelo menos em Angola. De facto, em relação às EIs, a situação angolana é certamente distinta da portuguesa e da brasileira. Por se considerar que tais expressões fazem parte da fala de gente inculta, que recorre a uma linguagem pobre, as EIs não são valorizadas como parte da riqueza e dos recursos expressivos do Português em Angola, herdado dos portugueses e influenciado pelas tradições locais; são, pelo contrário, vistas como fenómenos de exclusão ou baixa condição social, o que faz com que não sejam divulgadas, nem pela literatura nem, muito menos, pelo sistema de ensino. Só assim se explica o facto de muitos dos inquiridos, quando chamados a explicitar a definição de EI, confundirem este tipo de expressão com outras que pertencem ao calão ou aos provérbios, muito embora reconhecessem e apontassem expressões idiomáticas em uso em Angola. Os informantes CETV013M e IGRE047M revelam isso mesmo, porquanto definem as expressões idiomáticas, respetivamente, como “termos ou expressões que têm a ver com o calão” e como “tipo de calão ou gíria geralmente usada por pessoas com um nível baixo de escolaridade”. Entre os angolanos inquiridos verifica-se, pois, uma ausência de conhecimento explícito a respeito das EIs, em contraponto com o uso que delas fazem na interação social, donde se conclui que a aquisição de tais expressões aconteceu num processo natural, inconsciente ou implícito, e não formal, como de resto é habitual numa língua materna. A este propósito, Jorge (1991: 102) afirma que a imersão social em que se encontra o falante coloca-o em permanente socialização, possibilitando-lhe o contacto e a apropriação das estruturas linguísticas, entre elas a fraseologia e, em concreto, as EIs. A autora destaca igualmente o papel do contexto situacional na aquisição e interpretação de enunciados com lexemas idiomáticos. Ora, é isto que explica o facto de os nossos informantes terem sido capazes de reconhecer as expressões que lhes foram apresentadas e de, ainda, serem também capazes de indicar outras, pese embora a falta de conhecimento explícito, já que a escola angolana não

promove a aprendizagem formal e a divulgação de expressões que, no entanto, já caracterizam a variedade angolana do Português.

Vejamos o gráfico ilustrativo sobre o conhecimento explícito das expressões idiomáticas dos informantes, incluindo a definição, os critérios de identificação e a distinção entre EI e provérbio.

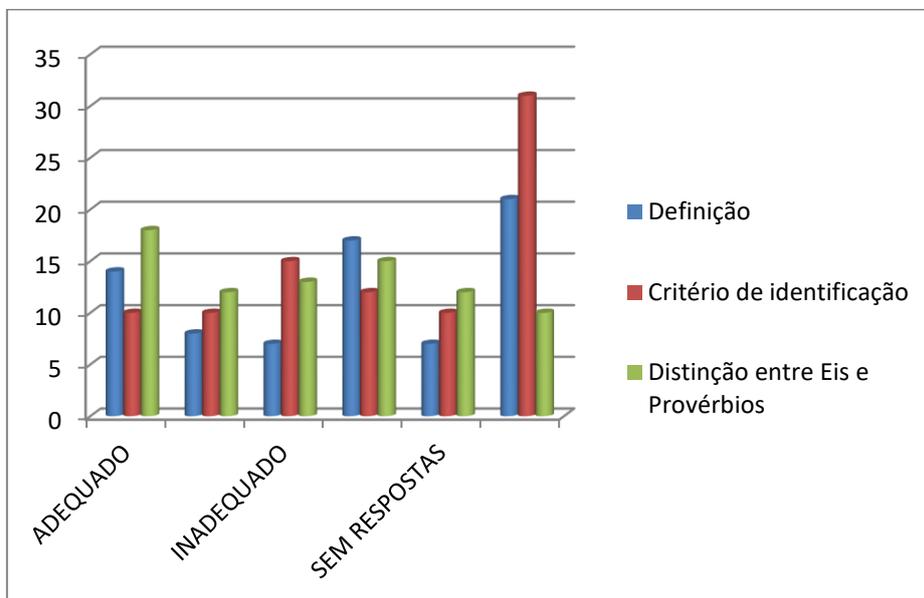


Gráfico 7 - Conhecimento explícito dos informantes sobre as EIs

Como esperado, foram os professores e os alunos das instituições vocacionadas para o ensino da Língua Portuguesa os informantes que mais e melhor conseguiram definir uma EI, apontar critérios para identificar uma expressão idiomática e estabelecer a diferença entre esta e um provérbio. Os restantes elementos da população estudada confundiram, em geral, as expressões idiomáticas com os provérbios e o calão. Muito provavelmente, os resultados seriam os mesmos se estendêssemos o estudo às demais escolas, quer do ensino geral, quer de formação de Professores, incluindo o curso de Linguística.

2.3. Uso e interpretação de expressões idiomáticas na variedade angolana do Português

Com base no que atrás ficou exposto, é claro que, apesar dos condicionalismos antes referidos, as expressões idiomáticas ocorrem na variedade angolana do Português e têm características próprias, seja por integrarem unidades lexicais de uma língua nacional angolana, seja por atribuírem valor semântico específico a unidades lexicais portuguesas, cuja combinação se operou no Português angolano ou neste adquiriu um

significado idiomático específico, associado à realidade e cultura locais. O seu uso é de certa forma generalizado e acontece, de acordo com os resultados do inquérito, com elevada frequência, em locais como a rua, a escola, a igreja, a casa, a praça, o local de trabalho, e são partilhadas entre colegas, vizinhos, membros da mesma família, amigos, pessoas desconhecidas, entre outras. São ainda absorvidas e expandidas através da música e, principalmente, por meio de conversas diárias.

No entanto, devido ao preconceito a que estão sujeitas, as expressões idiomáticas são geralmente usadas na comunicação informal. Quanto à publicidade, a realidade é ainda mais curiosa, pois raramente se registam anúncios, seja nas rádios e televisões, nos jornais, em revistas ou até em placas publicitárias espalhadas pelas ruas de Luanda, que recorrem a expressões de origem angolana, o que traduz o referido preconceito associado aos traços próprios do Português falado em Angola.

Quanto ao valor semântico da EI, vale salientar que, como defende Corpas Pastor (1996: 24), uma expressão idiomática resulta sempre de uma expressão não idiomática, ou seja, antes da interpretação figurada, carregada de idiomaticidade, ocorre uma interpretação literal. A interpretação figurada ocorre mediante o processo de especialização semântica ou processo de fixação que permite a incorporação de determinada expressão no léxico de uma dada língua e a sua conseqüente renovação. Desta forma, “se establece una asociación directa y unívoca entre la UF y su interpretación semántica por parte de la comunidad hablante, dicha unidad ya está lista para sufrir un cierto cambio semántico.” (Corpas Pastor, 1996: 24).

A peculiaridade de algumas expressões reside no facto de apresentarem anomalias do ponto de vista gramatical, situação que leva um gramático como Perini (2010: 324) a considerar a violação de uma regra gramatical como uma característica essencial para a determinação de uma expressão idiomática. Apesar desta anomalia do ponto de vista gramatical, estas expressões conservam o seu valor semântico, permitindo a interação entre os falantes da comunidade linguística que as acolhem, pois, uma vez alteradas, perdem o seu valor e deixam de constituir expressões idiomáticas para aquela comunidade. Em Angola, identifica-se o caso de “se bater no chão”, que é interpretada sem dificuldades, apesar da anomalia que apresenta. Na expressão, há a irregularidade na posição do pronome, proclítico no lugar de enclítico. Se a alterarmos para “bater-se no chão”, não será reconhecida pelos falantes angolanos como expressão idiomática. Apesar de constituir desvio à norma de certas estruturas da língua, esta e outras expressões satisfazem as necessidades comunicativas dos falantes e estão incorporadas no léxico do português falado em Angola, resistindo ao tempo e à

indiferença de quem as encara como anómalas. Ora, isto parece ser uma reação normal das línguas, conforme salientam Peres e Mória (2003: 89), quando descrevem os desvios como sendo “sintomas de evolução que possivelmente vingarão”, apoiando-se no princípio de que “o normal de hoje foi rutura ontem”. Em Angola, muitas são as palavras e expressões que, no princípio, foram encaradas como desvios, sobretudo por serem introduzidas pelo movimento “kuduro”, e que hoje figuram na linguagem corrente, sendo partilhadas pelos falantes, apesar de certo preconceito. São os casos de “Nagrelha”, “bifar”, “queima-bilhas”, “uauera”, “kuduro”, entre outras.

2.4. Tipologia das expressões idiomáticas angolanas

As expressões idiomáticas apresentam peculiaridades na estrutura morfossintática e semântica que, de acordo com Xatara (1998: 170), podem assumir, no interior das orações, categorias gramaticais estudadas como parte da língua. Segundo os critérios de classificação de Xatara (1998) e Vilela (2002), do ponto de vista morfossintático, as estruturas apresentam combinações de unidades lexicais centradas num núcleo. Estas formam os sintagmas ou sequências que, por sua vez, recebem uma designação de acordo com o núcleo (Cf. Capítulo I, 1.2.2. tipologia das expressões idiomáticas). Do ponto de vista semântico, as estruturas apresentam um grau de idiomaticidade que pode ser forte ou fraco, total ou parcial.

Analisemos os constituintes das seguintes expressões: *ver fumo* (V+N), *bolo e leite* (N+N), *de Maria para Meury* (Prep+N+Prep+N), *boca doce* (N+Adj), *pai grande* (N+Adj), *partir o braço* (V+Det+N), *sempre a subir* (Adv+Prep+ V). No primeiro caso, temos o verbo como núcleo; no segundo, temos o nome; no terceiro, a preposição; no quarto, o adjetivo; no quinto, adjetivo; no sexto, o verbo e, no sétimo caso, temos o advérbio como núcleo. Assim, de acordo com o critério de natureza estrutural, proposto por Xatara, ou, ainda, segundo o critério da fixidez, proposto por Vilela, temos as seguintes classificações:

- *Ver fumo* – sintagma verbal ou sequência verbal;
- *Bolo e leite* - sintagma nominal ou sequência nominal;
- *De Maria para Meury* - sintagma preposicional ou sequência preposicional;
- *Boca doce* – sintagma nominal ou sequência nominal;
- *Pai grande* – sintagma nominal ou sequência nominal;
- *Partir o braço* – sintagma verbal ou sequência verbal;
- *Sempre a subir* – sintagma adverbial ou sequência adverbial.

No entanto, há que salientar que se, do ponto de vista gramatical, os constituintes das expressões acima formam os sintagmas mencionados, do ponto de vista semântico pode não ser assim, pois, como se sabe, os significados das expressões idiomáticas não resultam de regras gramaticais nem do somatório dos seus constituintes, mas, sim, de fatores socioculturais e políticos, intimamente ligados aos contextos do seu surgimento. Para o caso de Angola, alguns dos sintagmas mencionados ganham outras designações, exatamente pelas razões que acabámos de explicar. Vejamos alguns exemplos:

- João, deixa de ser *bolo e leite* (mimado, preguiçoso, medroso, tímido de mais) – neste caso, o sintagma tem valor adjetival, uma vez que qualifica o nome;
- Ela passou *de Maria para Meury* (mudança de aparência) – sintagma de valor nominal;
- Não contes isso à Rosita, ela tem *boca doce* (é fofoqueira) – sintagma de valor adjetival;
- Agostinho Neto foi *pai grande* em Angola (poderoso, influente, notável) – sintagma de valor adjetival.

Este facto mostra que, para a análise e compreensão das expressões idiomáticas, não basta o conhecimento da gramática, sendo necessários outros conhecimentos extralinguísticos, conforme afirma (Santos, 2016: 19). E a maioria das expressões idiomáticas angolanas funciona desta maneira. A lista integral da tipologia das expressões idiomáticas angolanas será apresentada na secção dos anexos (Cf. Anexo 3).

Há ainda a destacar, ao nível da natureza estrutural ou da fixidez, a classificação atribuída às EIs que, de forma excepcional, funcionam como enunciados sintáticos completos de fala. Nesta perspetiva, temos, segundo Xatara (1998: 171) e Vilela (2002: 170-171), os sintagmas frásicos ou as sequências frásicas. Ao longo da nossa investigação, encontrámos apenas duas expressões com esta classificação.

- *Cali está no banco.*
- *Dinheiro é capim.*

Os autores que seguimos como referência para a determinação da tipologia das expressões idiomáticas propõem, além dos critérios de natureza estrutural ou da fixidez, o critério de valor conotativo ou estrutural semântico, com os quais avaliam o grau de idiomaticidade das expressões.

Vejam-se as expressões: *manga de 10* (adolescente do sexo feminino), *partir o braço* (extorquir), *dar o gás* (ir-se embora), *estragar o boneco* (embriagar-se, cair na noite), *atirar pedras* (cometer erros de linguagem). Verificámos que todos os

constituintes perderam o seu sentido original ou literal em favor do sentido global, ou, se quisermos, todas as sequências foram abrangidas pela idiomaticidade e perderam os seus significados anteriores. Neste caso, estas expressões são fortemente conotativas ou totalmente idiomáticas, de acordo com as propostas de classificação de Xatara (1998: 171) e Vilela (2002: 171), respetivamente.

Atentemos agora nas seguintes expressões: *dinheiro é capim* (fartura de dinheiro), *está no limão* (está ótimo, está no ponto), *sair voado* (sair às pressas), *estar gato* (estar miserável). Ao analisarmos os seus significados, verificámos que só uma parte da expressão perdeu o sentido literal, enquanto a outra o conservou, ou seja, a idiomaticidade não abrangeu todos os constituintes da sequência. Neste caso, seguindo a proposta de classificação de Xatara (1998: 171) e Vilela (2002: 171), dizemos que estas expressões são fracamente conotativas ou parcialmente idiomáticas.

2.5. Caraterização geral das EIs do Português de Angola

Depois da análise feita às expressões idiomáticas no Português de Angola, verificámos algumas particularidades que não ocorrem no PE nem no PB, merecendo ser aqui destacadas.

- I. As expressões idiomáticas angolanas aqui estudadas dividem-se em três grupos:
 - Um grupo em que figuram as expressões cujas unidades lexicais derivam apenas do português (corresponde à grande maioria), tais como *galinha rija*, *com todos os molhos*, *partir o lápis cedo*, *rir baixinho*, *estragar o boneco*, *última bolacha do pacote*, *azuis e brancos*, etc.
 - Um grupo em que se situam as expressões que combinam unidades do léxico das línguas africanas faladas em Angola. Neste estudo foi apenas possível identificar algumas da língua Kimbundu, tais como *sukula zwata*, *udia uzeka*, *wanga wabu*.
 - Um grupo que congrega as expressões que resultam da mistura de unidades lexicais do português e do léxico das línguas locais, nomeadamente *mata kassumuna*, *fazer boa muxima*, *subir os calundus*, *curtir um banzelo*.
- II. Quanto à tipologia, as expressões angolanas são, do ponto de vista da estrutura morfossintática ou da fixidez, predominantemente constituídas por sintagmas verbais (*bater cabeça*, *atirar pedras*, *cortar água e luz*, *dar gasosa*, *tira o pé*). Do ponto de vista do valor conotativo ou estrutural semântico, predominam as fortemente conotativas ou

totalmente idiomáticas (*estragar o boneco, dar o caldo, galinha rija, saca fácil*).

III. Por se revestirem de particularidades resultantes da própria realidade sociocultural, as expressões idiomáticas angolanas são caracterizadas pelos seguintes aspetos:

- Algumas expressões assumem um único sentido: *sukula zwata* (pobre), *travar com a jante* (enfrentar dificuldades), *partir o lápis cedo* (abandono prematuro dos estudos), *chamar diogo* (vomitar), *subir os calundus*²⁹ (enervar-se), entre outras expressões, nunca recebem outros sentidos além dos indicados.
- Outras dependem do contexto para que o seu sentido esteja definido. São os casos das expressões *estar a levar ovos* (bem apresentado/ requintado, ou bem sucedido na vida), *PIN e PUK* (confidentes ou agentes da polícia), *cair com a cadeira* (ser exonerado ou deixar cadeira em atraso na escola), *galinha rija* (pessoa adulta fisicamente bem conservada ou carro de marca Toyota Starlet, modelo antigo), entre outras.
- Importa ainda considerar o caso de expressões que, apesar de serem diferentes, têm o mesmo significado, dando aos falantes a possibilidade de escolha da que acharem melhor para o ato comunicativo. Assim, para a ideia de “morrer”, existem as expressões *dar o caldo, dar café e dar feijão*”; para designar uma pessoa “fofoqueira”, existem *vizinha zongola, boca da Minga, boca doce*; para referir “dificuldades”, existe *ver fumo, travar com a jante*; para designar uma pessoa preguiçosa, *udia uzeka e mata kassumuna*, entre outras expressões.

Embora a literatura estabeleça (Cf. cap. I, secção 1.3.) que uma EI se compõe de um mínimo de duas palavras que, em conjunto, adquirem valor específico, os falantes angolanos, por partilharem usos, costumes e valores culturais da comunidade conhecidos de todos, tendem a reduzir algumas expressões a uma só palavra, como se pode constatar nos exemplos apresentados pelos seguintes informantes:

- ESCOPAZ034F – “O Anderson bebeu muito e diogou”;
- IGARNET132F – “A Antonieta broa muito, yhá!”;
- IGARNET032M – “Conquistava a Amélia, mas rochei”;
- CETV033M – “Estou no banzelo ou a banzelar”.

²⁹ Designação que se dá ao ritual que consiste no “xinguilamento” da pessoa para, segundo consta, chamar os espíritos que a coloca em contacto com os Deuses.

Ainda que essas palavras deixem de constituir verdadeiras expressões idiomáticas, mantêm o valor semântico das expressões das quais derivam, permitindo a interação entre os falantes. Vejam-se os seguintes casos:

- Bater na rocha, reduz-se a “rochar”;
- Chamar diogo, reduz-se a “diogar”;
- Curtir um banzelo, reduz-se a “banzelar”;
- Dar mbaia, reduz-se a “mbaiar”;
- Fazer boa muxima, reduz-se a “boamuximar”;
- Travar com a jante, reduz-se a “travar”;
- Vizinha zongola, reduz-se a “zongolar” ou “zongolice”.

Importa ainda salientar que as reduções resultantes das expressões acima constituem novas entradas lexicais no Português falado em Angola. Assiste-se, pois, a um fenómeno interessante de formação de novas palavras a partir de combinações tão peculiares como são as EIs. Assim, *rochar*, *diogar*, *banzelar*, *mbaiar*, *boamuximar*, *zongolar* e *zongolice* formaram-se a partir do processo de derivação sufixal que transforma um nome em verbo.

As expressões idiomáticas são, tal como os vocábulos em geral, distribuídas por diversos registos de língua, embora estejam, na maioria dos casos, vinculadas ao nível informal, face à discriminação de que são alvos (Fontes, 2016: 18). Com as EIs angolanas ocorre exatamente o mesmo, conforme mostram os quadros relativos aos locais em que os informantes usam as EIs e às pessoas com as quais as partilham (Cap. III). De acordo com esses quadros, 201 informantes usam as EIs na rua e 178, em casa, ao passo que 229 informantes as partilham com os amigos, 198 com os colegas e 173, com os vizinhos. Logo, uma vez que o diálogo entre amigos na rua não requer o uso de vocábulos rebuscados, conclui-se que as EIs angolanas são preferencialmente usadas num nível de linguagem popular ou vulgar.

Expressões como *dar gasosa*, *dar o caldo*, *fazer boa muxima*, *travar com a jante*, *babar óleo*, *pai grande*, *apanhar a pata*, *Cali está no banco*, *está na panela*, *partir o lápis cedo* e tantas outras são frequentemente admitidas numa linguagem corrente. No entanto, as expressões *sair voado*, *dar o gás*, *dar café*, *dar feijão*, *arrastar o pato*, *pé no nguimbo*, entre outras, figuram nos níveis popular e vulgar da linguagem.

Devido ao contexto em que surgiu, a expressão *sempre a subir* chegou a figurar na linguagem formal, tendo sido usada na Presidência da República, no Parlamento círculos importantes do país.

Quanto à interpretação das EIs mediante o processo de transferência de significados, as expressões angolanas apresentam o seguinte quadro:

- a) Há um grupo, por sinal composto pela maioria das expressões, cuja interpretação passa primeiro pelo sentido literal e só depois adquire sentido figurado, ocorrendo o processo de transferência de significado, por meio da metáfora, conforme afirmam Corpas Pastor (1996: 27) e Martins (2015: 16). Neste grupo encontramos expressões como *dar o caldo*, *cair com a cadeira e partir o braço*, que a partir do sentido literal (ação de entregar o caldo a alguém, sofrer uma queda com uma cadeira e fraturar o braço), evoluíram para “morrer”, “ser exonerado ou deixar cadeira escolar” e “extorquir ou explorar alguém”, no sentido figurado, respetivamente.
- b) Há um grupo, composto por uma minoria de EIs, cuja interpretação se limita ao sentido figurado, visto não haver a possibilidade de transferência de significado, de literal para o figurado. Como exemplo, temos as expressões *apanhar do ar* (ser enganado, não ver as coisas a acontecerem), *virar povo* (vulgarizar-se), *sair voado* (ir-se embora). Estas expressões, além do sentido figurado, não apresentam sentido literal, tal como as outras, pelo menos na realidade angolana, pelo que a sua interpretação é automaticamente processada no sentido figurado.

Algumas expressões angolanas têm correspondência em outras variedades do português. São os casos de *dar o caldo* (morrer) vs *esticar o pernil* (morrer), *apanhar a pata* (ter alguém sob domínio) vs *vir à mão de alguém* (ficar sob domínio de alguém), *estragar o boneco* (embriagar-se) vs *estar com os copos* ou *estar cuma varga* (estar embriagado), *pai grande/ mãe grande* (poderoso, perito) vs *ser batuta em algo* (poderoso, exímio numa área), *chamar diogo* (vomitar) vs *cantar ao Gregório* (vomitar), *bater a bola baixa* (acalmar-se) vs *baixar a bola* (acalmar-se).

Todos os pares apresentam semelhanças no significado, têm os componentes livres e independentes em termos de contextos de surgimento. No entanto, só o último par se diferencia dos demais por apresentar constituintes ou componentes parcialmente idênticos. Por esta razão, apesar de uma ter forma encurtada, constituem variantes (Corpas Pastor, 1996: 27-28).

2.6. Expressões idiomáticas e competências comunicativas dos falantes angolanos

Os membros de uma dada comunidade necessitam de interagir entre si para a satisfação das suas necessidades. Esta interação concretiza-se por meio da língua, vista por Labov (1991: 215) como forma de comportamento social usada pelos seres

humanos, a fim de que possam exprimir emoções, trocar ideias e experiências. Ao interagir, as pessoas servem-se do conjunto de palavras pertencentes à língua para criar um enunciado de fala com significação completa. A compreensão dos enunciados por parte dos interlocutores passa pelo conhecimento da língua, ou seja, para que haja comunicação, é necessário que os envolvidos conheçam as palavras dessa língua e os seus significados, como as palavras se organizam na frase. Dito de outro modo, afirma-se que os falantes devem ter o domínio do que é convencional na língua, quer em termos de significados quer em termos de regras gramaticais. A este conhecimento, Lima (2006: 31) chama de “conhecimento semântico”.

No entanto, existem sequências de palavras que surgem ao longo do discurso e da interação que não obedecem às normas previamente estabelecidas e cuja interpretação ultrapassa o conhecimento a que nos referimos atrás. Tais sequências ocorrem porque, segundo Lima (2006: 14), muitas vezes os falantes tendem a exprimir nos seus enunciados muito mais do que as palavras significam. Para a interpretação deste tipo de enunciados, em que os falantes queriam exprimir muito mais do que as palavras significam, é necessário que se leve em consideração aspetos como o contexto do enunciado, conhecimento dos hábitos culturais, tradicionais, sociais e políticos que refletem as vivências da sociedade em que se inserem os falantes e os enunciados. A este tipo de conhecimento, Lima (2006: 31) chama de conhecimento pragmático, pois é nesta dimensão que se analisa o modo como os utentes usam as palavras de uma língua com a finalidade de satisfazerem as necessidades comunicativas.

Na verdade, em determinados contextos a compreensão de certos enunciados remete o interlocutor para fatores extralinguísticas, fazendo com que a língua seja encarada não apenas como uma entidade abstrata, mas também concreta que não se deve dissociar do mundo real. A este propósito, Austin (1990) afirma:

Podemos afirmar, então, que quando analisamos a linguagem nossa finalidade não é apenas analisar a linguagem enquanto tal, mas investigar o contexto social e cultural no qual é usada, as práticas sociais, os paradigmas e valores, a "racionalidade", enfim, desta comunidade, elementos estes dos quais a linguagem é indissociável. A linguagem é uma prática social concreta e como tal deve ser analisada. Não há mais uma separação radical entre "linguagem" e "mundo", porque o que consideramos a "realidade" é constituído exatamente pela linguagem que adquirimos e empregamos (Austin, 1990:10).

Ainda segundo Austin (1990: 10) a linguagem é uma ação ou uma forma de atuação, refutando todas as teorias que consideram a linguagem uma mera representação ou correspondência com o real. Para ele, o significado de um enunciado não devia ser deduzido a partir da análise dos seus constituintes, mas devia, sim, ser inferido a partir das condições de uso dos enunciados.

É o que acontece com as expressões idiomáticas, uma vez que a sua interpretação não se realiza por meio da contribuição dos seus constituintes, mas em função do contexto, das condições de uso e das práticas socioculturais da comunidade que as acolhem. Desta forma, a interpretação das expressões, pelas suas especificidades, exige dos falantes competências comunicativas que abarcam o conhecimento da língua em que comunica e o conhecimento dos fatores sociais, culturais, políticos, etc.

Em Angola, os falantes servem-se das experiências resultantes dos factos sociais para fazerem criações fora das normas da língua, como já se viu. O reconhecimento destas criações e dos valores semânticos que veiculam torna-se possível não pelo facto de os falantes serem grandes conhecedores das normas da língua, mas por serem nativos e por terem domínio dos fatores que estiveram ou estão na base de tais criações. Isto pode considerar-se uma competência linguística, visto serem criações que congregam o conhecimento linguístico e o pragmático, o que lhes permite interpretar EIs sem grandes dificuldades.

Vejamos o seguinte caso, ligado à política angolana.

Depois de cerca de três décadas no poder, José Eduardo dos Santos cede a Presidência da República a João Lourenço. Este inicia uma campanha de luta contra a corrupção, responsabilizando judicial e criminalmente todos aqueles que desviaram os fundos públicos e que colocaram o País no caos em que está. No entanto, a ideia não agradou aos colaboradores do antigo presidente, que tudo tentam fazer para impedir a ação do atual chefe de Estado. Apercebendo-se da intenção deste grupo, João Lourenço, aquando da sua visita de trabalho a Portugal, disse, em conferência de imprensa, que havia um grupo muito reduzido de pessoas devidamente identificadas que tentavam impedir o processo de reforma em curso no País. Estes, segundo João Lourenço, estavam escondidos no “ninho do marimbondo”. Ora, o acesso a esse ninho é extremamente difícil pelo facto de o marimbondo, com as suas picadas, ser um inseto muito agressivo. Na verdade, com a expressão “ninho do marimbondo”, João Lourenço referia-se aos colaboradores do antigo presidente, detentores de poderes que se opõem aos interesses do País.

João Lourenço quis dizer mais do que as palavras realmente significavam, usando deste modo, segundo Lima (2006: 51), um ato de fala indireto. Contudo, ao contrário dos portugueses, os angolanos facilmente conseguiram compreender o significado de “ninho do marimbondo”, pois são conhecedores da realidade política angolana, o que certamente não aconteceria com pessoas desconhecedoras dessa realidade.

A maneira como os falantes angolanos usam as expressões idiomáticas, reduzindo-as, aplicando-as neste ou naquele contexto, fazendo-as variar em número, tempo, modo, nos casos em que é possível, mantendo-se o seu valor idiomático, revela que o uso não depende, obviamente, do conhecimento explícito das EIs. Contudo, a aprendizagem destas e de outras expressões em contexto formal, assim como a explicitação do seu valor semântico e a sua importância na comunicação, contribuirão, sem dúvida, para um exercício linguístico mais adequado aos contextos e às situações, e, portanto, para uma comunicação socialmente mais eficaz.

3. Glossário geral das EIs angolanas

Apresentamos em seguida a lista geral das expressões idiomáticas recolhidas para este trabalho e que constituiu, afinal, o seu *corpus*.

| Nº | Expressão idiomática | Significado |
|----|--------------------------------|--|
| 1 | Acaba de me matar | Carro velho, em mau estado técnico |
| 2 | Aguentar o barulho | Assumir as consequências de determinados atos |
| 3 | Apanhar a pata | Ter alguém ou algo sob domínio, aproveitar-se da bondade de alguém |
| 4 | Apanhar do ar | Ser enganado, não ver as coisas a acontecer sem se dar conta |
| 5 | Atirar pedra | Cometer erros de linguagem |
| 6 | Azuis e brancos | Taxistas |
| 7 | Babar óleo | Coisa danificada |
| 8 | Bater cabeça | Sacrificar-se, procurar alternativas para solucionar problemas |
| 9 | Bater bola baixa | Acalmar-se |
| 10 | Bater na rocha | Ter insucesso |
| 11 | Bebe me deixa | Refrigerante de tamanho enorme |
| 12 | Boca da Minga | Mulher fofoqueira |
| 13 | Boca doce | Pessoa fofoqueira |
| 14 | Bolo e leite | Pessoa mimosa, lenta, preguiçosa, sem reação |
| 15 | Bolo fofo | Pessoa mimosa |
| 16 | Cai com vento | Pessoa magra |
| 17 | Cair com a cadeira | Ser exonerado, não superar as cadeiras escolares |
| 18 | Cali está no banco | Salário disponível |
| 19 | Chamar diogo | Vomitar |
| 20 | Cola marido | Mulher ciumenta |
| 21 | Com todos os molhos | Requintado, completo. |
| 22 | Cortar água e luz | Castigar, impor restrições |
| 23 | De Maria para Meury | Mudança de aparência |
| 24 | Dar café | Morrer |
| 25 | Dar feijão | Morrer |
| 26 | Dar gasosa | Subornar |
| 27 | Dar mbaia | Fazer ultrapassagem de carro |
| 28 | Dar o caldo | Morrer |
| 29 | Dar o gás | Ir-se embora |
| 30 | Dar sangue | Ajudar |
| 31 | Dinheiro é capim | Fartura de dinheiro |
| 32 | Entrar na mente | Mentir alguém, zombar com alguém |
| 33 | Está cozinhado/ está na panela | Homem sob domínio da mulher, “enfeitado” |
| 34 | Estar fundo e raso | Estar sem dinheiro |

| | | |
|----|--------------------------|--|
| 35 | Estar gato | Estar em situação difícil |
| 36 | Estar no banzelo | Divertir-se, relaxar, estar despreocupado |
| 37 | Estar no limão | Estar ótimo |
| 38 | Estragar o boneco | Embriagar-se excessivamente, cair na noite |
| 39 | Fazer boa muxima | Agradar alguém ou agradecer a alguém |
| 40 | Levar ovo | Estar bem na vida, apresentar-se bem na sociedade, ostentar bens |
| 41 | Galinha rija | Pessoa bem conservada fisicamente, apesar da idade, carro de marca Toyota STARLET, modelo antigo |
| 42 | Gira bairro | Pessoa nómada, que muda sempre de casa, girando de bairro em bairro |
| 43 | Ligar o burro | Comportar-se mal, zangar-se |
| 44 | Luz foi geral | Pessoa de pele muito escura |
| 45 | Mana Madó | Pessoa que gosta de protagonismo |
| 46 | Manga de 10 | Adolescentes (meninas) que se envolvem com homens casados |
| 47 | Mata enteado | Pão de tamanho enorme |
| 48 | Mata kassumuna | Preguiçoso, desocupado, desempregado |
| 49 | Pai/ mãe grande | Poderoso, perito numa área, pessoa rica |
| 50 | Partir o braço | Extorquir |
| 51 | PIN e PUK | Agentes da Polícia motorizada que andam aos pares, amicíssimos |
| 52 | Partir o lápis cedo | Abandonar os estudos prematuramente |
| 53 | Passa boca | Aperitivo |
| 54 | Pé no nguimbo | Fugir às corridas |
| 55 | Pés de galinha | Dedos muito afastados |
| 56 | Pisar as uvas | Andar a pé |
| 57 | Raspar o porco | Estar sem dinheiro |
| 58 | Rir baixinho | Arrepende-se |
| 59 | Saca fácil | Mulher que facilmente se relaciona sexualmente |
| 60 | Sair voado | Ir-se embora (às pressas) |
| 61 | Se bater | Não ceder, teimar |
| 62 | Se bater no chão | Persistir, não desistir |
| 63 | Seguir bala | Imitar o que alguém faz, seja algo bom ou mau |
| 64 | Sempre a subir | Progredir, somar vitórias ou conquistas |
| 65 | Subir os calundus | Enervar-se |
| 66 | Sukula zwata | Pobre |
| 67 | Tirar o pé | Ir-se embora |
| 68 | Tirar voado | Ir-se embora |
| 69 | Travar com a jante | Enfrentar dificuldades, sofrer |
| 70 | Tropa de choque | Persistente, insistente, duro |
| 71 | Udia uzeka | Pessoa preguiçosa, desocupada. Desempregada |
| 72 | Última bolacha do pacote | Pessoa que se envaidece por se achar a mais bonita |
| 73 | Ver fumo | Enfrentar dificuldades |
| 74 | Ver no binóculo | Não ter acesso a alguma coisa |
| 75 | Virar povo | Vulgarizar-se, deixar de ser importante |
| 76 | Vizinho zongola | Foqueira |
| 77 | Wanga wabu | Perder o poder, o reinado |

Tabela 22 - Glossário geral das EI apuradas ao longo do trabalho

CONCLUSÃO

No início deste trabalho, perspetivámos estudar as expressões idiomáticas que ocorrem na variedade angolana do Português, analisando os contextos de surgimento, sua tipologia e outras características que as tornam típicas de Angola. Para além disso, propusemo-nos também aferir a consciência linguística dos falantes angolanos relativamente aos usos que fazem das expressões, assim como o conhecimento explícito que tinham destas.

No decorrer da investigação foram encontradas limitações de várias ordens. Não foi possível aplicar o inquérito a todas as instituições previstas, na medida em que algumas se negaram a cooperar. Por outro lado, por questões meramente burocráticas, na maioria das instituições vocacionadas para o ensino do português, não foi possível o acesso a alguns dados e a estudos feitos em torno do tema, tanto por docentes como por estudantes. A outra limitação foi o facto de não se ter encontrado nenhuma bibliografia angolana sobre a Fraseologia, de modo geral e, sobre expressões idiomáticas, de modo particular, que servisse de ponto de partida para o nosso estudo. Apesar disso, conseguimos realizar uma investigação cujos resultados apresentamos em síntese a seguir.

De acordo com o inquérito aplicado aos informantes e com o levantamento feito a outras fontes (jornais, letras de músicas e programas televisivos), constatou-se que a existência de expressões idiomáticas na variedade angolana do Português não decorre exclusivamente de uma herança portuguesa. Partindo deste pressuposto, e em função das investigações feitas, foi possível chegar a várias constatações que permitiram dar resposta às questões de partida (Cf. Introdução).

Assim, apurou-se a existência de três grupos de expressões idiomáticas, nomeadamente: a) um primeiro grupo de expressões cujos constituintes derivam única e exclusivamente do léxico português (*dar o caldo, bater na rocha, mãe grande*); b) um segundo grupo de expressões constituída por unidades lexicais derivadas apenas das línguas nacionais (*wanga wabu, sukula zwata, udia uzeka*), o que revela a influência das línguas nacionais na criação de EIs angolanas; c) um terceiro e último grupo de expressões formadas por uma combinação de unidades lexicais do português e de uma língua nacional (*subir os calundus, mata kassumuna, vizinha zongola*).

Os resultados das investigações mostraram também que os informantes dominam os três grupos de expressões referidas e usam-nas nas suas interações do dia a dia. Esta constatação resulta do facto de os informantes, independentemente da idade, do nível académico e do tipo de formação, terem reconhecido as EI sugeridas pelo

investigador e, ainda, do facto de terem sido capazes de indicar várias EI com os respetivos significados e contextos de uso. O cruzamento dos dados resultantes do inquérito com os extraídos de outras fontes (jornais, letras de músicas e programas televisivos) revelou que houve convergência entre ambos, ou seja, as expressões indicadas pelo investigador e as indicadas pelos informantes em geral coincidem, em termos de significado e usos contextuais, com as extraídas de outras fontes, o que permitiu aferir o uso generalizado das mesmas em Angola.

No entanto, embora se verificasse um uso generalizado das EI identificadas, notou-se que os falantes angolanos não possuem conhecimento explícito que lhes permita afirmar que em determinados momentos do ato comunicativo usam tais expressões. Na base desta afirmação estão as respostas dadas pelos informantes relativamente à definição de EI, seus critérios de identificação e distinção entre EIs e provérbio, na medida em que muitos definiram a primeira como linguagem das camadas pobres e incultas, outros confundiram-na com o calão e outros, ainda, com provérbio. Esta falta de conhecimento explícito é, de acordo com os resultados do inquérito, fruto da falta de políticas que valorizem as expressões idiomáticas em contexto de ensino.

É também a falta de conhecimento explícito das expressões idiomáticas e do seu valor linguístico que levou cerca de 80% dos inquiridos a considerar que as mesmas não têm nenhum valor no contexto cultural angolano e, ainda, remetê-las para o registo popular ou vulgar da linguagem, ao mesmo tempo que as consideram expressões de uso coloquial de rua ou usadas entre amigos.

Quanto à tipologia, das 77 expressões que constituíram o corpus do trabalho, a grande maioria é, do ponto de vista da estrutura morfossintática, formada por sintagmas verbais, ao passo que do ponto de vista da estrutura semântica, a grande maioria apresenta um alto grau de idiomaticidade (Cf. Anexo 3. Lista geral da tipologia das EI na secção dos anexos).

As expressões idiomáticas constituem, por si sós, um reforço do léxico da língua a que pertencem. No entanto, no caso particular de Angola, constatou-se um fenómeno muito interessante: a criação de novas palavras a partir da redução que os falantes fazem de determinadas expressões, processo que enriquece o léxico do português angolano.

Por outro lado, apesar do vasto mosaico linguístico existente no país e da grande influência que as línguas nacionais exercem na criação de expressões idiomáticas, apurou-se um número muito reduzido de expressões totalmente oriundas das línguas locais. Curiosamente, as poucas expressões desse tipo que encontramos derivam da

língua nacional kimbundu, embora existam muitas outras em Angola. Este fenómeno pode ter duas explicações possíveis:

1. O crescente desinteresse pelas línguas nacionais por parte das crianças e dos jovens, fruto da alfabetização em português, e a falta de políticas, por parte do Estado, para a sua valorização, o que tem fortes repercussões no panorama linguístico e cultural de Angola;
2. O kimbundu é a língua nacional que mais vocábulos empresta ao português angolano, pois em termos históricos e políticos é a mais prestigiada por ter sido a língua dos primeiros presidentes da república e dos principais líderes do MPLA.

Por tudo isto, para a divulgação das EIs, é necessário que se implemente o seu ensino e aprendizagem nas escolas, a elaboração de dicionários especializados, realização de debates e palestras sobre as EIs nos meios de comunicação social e nas escolas e outros lugares públicos, a criação de alguma plataforma digital em que estejam disponíveis várias informações sobre as EIs, desde o significado, os contextos de surgimento às zonas de origem.

Com este estudo, espera-se vir a contribuir para a divulgação e valorização das expressões idiomáticas, criando condições para o resgate das tradições linguísticas e culturais, por um lado e, por outro, para o enriquecimento do léxico do português falado em Angola. Espera-se, igualmente, que o trabalho sirva de material de apoio a professores e estudantes de instituições ligadas ao ensino do português, em particular, e a toda a população, em geral.

Por estarem associadas a uma cultura popular e de condição social baixa, apesar da sua riqueza linguística e cultural, as expressões idiomáticas em Angola carecem de estudos mais profundos e abrangentes. O que neste trabalho foi apresentado é apenas uma gota no oceano, um ensaio, na medida em que não foi possível estender o estudo às demais províncias do país, além de Luanda (embora aqui haja a confluência de culturas de todo o país), e às outras línguas nacionais, ademais do Kimbundu. Esta será, de resto, uma tarefa para futuros estudos, a serem desenvolvidos por outros investigadores.

Todos os angolanos são, assim, chamados a dar o seu contributo para o resgate e a valorização das tradições culturais do país, por um lado e, por outro para a divulgação das EIs, garantindo a renovação do léxico do português falado em Angola, pois, se na visão de Gomes e Cavaca (2004: 47), quem manda na língua são todos os falantes, na de Costa (2013: 18) “uma língua que não se renova está sujeita à morte”. Se, por um lado os factos sociais, culturais e políticos que ocorrem todos os dias na sociedade

angolana servem de inspiração e de matéria-prima para os diferentes artistas, desde os músicos aos poetas, para realizarem as suas obras, por outro, tais ocorrências propiciam o surgimento de novos contextos de comunicação aos quais a língua dá resposta, satisfazendo as necessidades comunicativas dos falantes.

Por esta razão, julgamos ter demonstrado que na sociedade angolana os culturemas influenciam grandemente o surgimento de EIs. Por isso, concluímos concordando com Reis (2006: 68), cujas palavras se aplicam perfeitamente ao caso de Angola: “quanto mais longa e rica em acontecimentos é a história social e cultural de um povo, quanto mais forte é a contínua tradição literária, quanto mais intensiva e diversificada é a vida individual das pessoas, maiores são as possibilidades de desenvolvimento da língua de um povo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Ana Rita Campina Alves (2015). *Olhares sobre a Água: expressões idiomáticas em português e em italiano*. Dissertação de Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Olhares%20sobre%20a%20%C3%81gua%20-%20disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Ana%20Rita%20Campina%20Alves.pdf>.

Consultado em 20/04/2019.

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do (2012). “Processos migratórios em Rondônia e sua influência na língua e na cultura”. *Linha D'Água*, vol. 25, nº 1, pp. 87-107. Disponível em:

[file:///C:/Users/User/Downloads/Processos migratorios em Rondonia e sua influencia.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/Processos%20migratorios%20em%20Rondonia%20e%20sua%20influencia.pdf). Consultado a 08/06/2019.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (2016). “A fraseologia como marca do léxico regional-popular”. In: Daniela de Souza Silva Costa e Dayme Rosane Bençal, *Nos caminhos do léxico*. Campo Grande: Ed. UFMS, pp. 33-49.

AUSTIN, John Langshaw (1990). *Quando dizer, e fazer palavras e ação* (Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho). Porto Alegre: Artes Médicas.

MARTINS, Beatriz de Ornelas (2015). *Expressões Idiomáticas em crianças com e sem deficiência auditiva*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Fala e da Audição. Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em: [https://ria.ua.pt/bitstream/10773/15134/1/Dissertacao Beatriz Ornelas 2015.pdf](https://ria.ua.pt/bitstream/10773/15134/1/Dissertacao%20Beatriz%20Ornelas%202015.pdf).

Consultado a 20/04/2019.

BUDNY, Rosana (2017). “Unidades Fraseológicas com Zoônias em dicionários bilinguais da escola (português - inglês) e questões de equivalências”. *Alfa, Rev. Linguista*, v. 61, nº 2, pp. 409-423. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981>. Consultado a 24/05/2018.

CAZELATO, Sandra de Oliveira (2003). *A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo*. Tese de Mestrado em Linguística. Campinas: UNICAMP. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/RE/POSIP/270631>. Consultado a 18/08/2017.

CARDOSO, Mara Medeiros (2008). "O estudo dos sintagmas bloqueados no género informe". *Caderno do CNLF*, vol. XI, nº 11, pp. 115-126. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xicnlf/11/o_estudo_dos.pdf. Consultado a 06/03/2019.

CORPAS PASTOR, Gloria (1996). *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos.

COSERIU, Eugénio. (1978). *Sincronia, diacronia e história*. São Paulo: Editora da USP.

COSTA, Teresa (2013). *Os empréstimos das línguas Bantu no português falado em Angola: um estudo lexicológico da variante angolana*. Luanda: Mayamba.

DESMET, Isabel (2003). "Teoria e prática da fraseologia de especialidade: aplicações". *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, vol. 5. n° 5, pp. 27-56. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i5p27-56>. Consultado a 12/03/2019.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003), tomo II (D-MER). Lisboa: Temas e Debates.

FONTES, Jérémy Rua (2016). *Da fraseologia à fraseodidática em corpora / Perspetiva de ensino de PLE a alunos franceses*. Dissertação de Mestrado em Português Língua Não Materna (PLNM) /Português Língua Estrangeira (PLE) – Português Língua Segunda (PL2). Braga: Universidade do Minho. Disponível em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/44374/1/Tese_vf.pdf. Consultado a 10/05/2019.

GALISSON, R. e COSTE, D. (1983). *Dicionário de Didáctica das Línguas*. Coimbra: Livraria Almedina.

GASPAR, Filomena Simões (2005). *Texto proverbial e expressões idiomáticas em José Luandino Vieira nas obras “Luanda” e “Laurentinho, Dona Antónia de Sousa Neto e Eu”*: Os valores patenteados nos provérbios e expressões idiomáticas que podem ser englobadas na cultura tradicional angolana. (Monografia de Licenciatura). Luanda: Instituto Superior de Ciências da Educação.

GHIGLIONE, Rodolphe e MATALON, B (1995). *O Inquérito - Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.

GOMES, Aldónio e CAVACAS, Fernanda (2004). *A Vida das Palavras: Léxico*. Lisboa: Clássica Editora.

GONÇALVES, Maria Filomena (2017). “A paremiologia no Dicionário Histórico do Português do Brasil: os provérbios e a sua função”. In: Cláudia Zavaglia e Angélica Karim Garcia Simão (org.), *Reflexões, tendências e novos rumos dos estudos fraseoparemiológicos*. São José do Rio Preto: Editora UNESP/ IBILCE, pp. 157-173.

INVERNO, Liliana (2018). “Contacto linguístico em Angola: retrospectiva e perspetivas para uma política linguística”. In: Paulo Feytor e Sílvia Melo-Pfeifer, *Políticas Linguísticas em Português*. Lisboa: Lidel, pp. 82-105.

JORGE, Guilhermina (1991). *As expressões idiomáticas da língua materna à língua estrangeira, uma análise comparativa*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Lisboa: Universidade de Lisboa.

KLARE, Johannes (1986). "Lexicologia e fraseologia no português moderno". *Revista de Filologia Românica*, nº IV pp. 355-360. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/download/RFRM8686110355A/13195>. Consultado a 11/12/2018.

LAPA, Manuel Rodrigues (1984). *Estilística da Língua Portuguesa*, 11ª edição. Coimbra: Coimbra Editora, Lda. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/kupdf.net_m-rodrigues-lapa-estilistica-da-lingua-portuguesa.pdf. Consultado a 18/03/2019.

LEGROSKI, Marina (2012). "Reflexões acerca de expressões idiomáticas". *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 4, nº 1, jan./jul, pp. 186-204. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/134.pdf>. Consultado em: 2/3/2019.

LEMOS, Andrea Michiles (2012). *As estratégias da interpretação de unidades fraseológicas do português para a libras em discurso de políticos*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Fortaleza: Centro de Humanidades da Universidade Federal de Ceará. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8279>. Consultado a 5/3/2019.

LIMA, José Pinto de (2006). *Pragmática Linguística*. Lisboa: Editorial Caminho.

LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira (2007). *O idiomatismo como lugar de reflexão sobre o funcionamento da língua*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269040>. Consultado a 15/07/2018.

LOUREIRO, Ana Bela Pereira (2015). *Neologismos do Português de Angola: Proposta de constituição de base de dados com vista à construção de um Observatório Linguístico*. Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/15846/1/1ANA%20Loureiro%20%20DISSERTA%C3%87%20-%20-%20C%C3%B3pia%20-%20C%C3%B3pia.pdf>. Consultado a 15/02/2019.

LOURENÇO, Ricardo Jorge da Silva Pais Martins (2012). *Transferência na aquisição de línguas próximas: expressões idiomáticas*. Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do

grau de Mestre em Ensino de Português. Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em:

<https://ria.ua.pt/bitstream/10773/10406/1/disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Consultado a 18/2/2019.

MAIA, P.^o António da Silva (2010). *Dicionário complementar português-kimbundu-kikongo: Línguas nativas do Centro e Norte de Angola*, 3^a ed. Luanda: Editorial Nzila.

MALHADO, Margarida Isabel Mimoso (2012). *Contributo para o estudo das expressões idiomáticas. Com referência ao processo de aquisição e propostas de didactização*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem e da Comunicação. Évora: Universidade de Évora.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*, 5^a ed. São Paulo: Editora Atlas S.A.

MATEUS, Maria Helena Mira e CARDEIRA, Esperança (2007). *O Essencial sobre Língua Portuguesa: Norma e variação*. Luanda: Editorial Nzila-Lda.

MINGAS, Amélia Arlete (2000). *Interferências do Kimbundu no Português falado em Luanda*. Luanda: Chá de Caxinde.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma (2011). “Fraseologia: uma mão na roda na construção do sentido”. *Synergies Tunisie*, n^o 3, pp. 161-168. Disponível em: <https://gerflint.fr>» Base»monteiro-platin. Consultado a 23/2/2019.

NASCENTES, Antenor (1986). *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, 3^a ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

NOGUEIRA, Luís Carlos Ramos (2008). *A presença das expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/8866>. Consultado em: 06/03/2019.

OLIVEIRA, Francisca Imaculada Santos e ROCHA, Maria de Fátima Sopas (2016). “Unidades fraseológicas em português: expressões utilizadas no falar dos guajajáras (tupi-guarani)”. *Revista Ininga*, vol. 3, n^o 1, jan./jun. pp.60-69. Disponível em: www.ojs.ufpi.br/article/download. Consultado em: 05/12/2018.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luísa (2000). *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. Tese de doutoramento. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269747>>. Consultado em: 4/2/2019.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (2017a). “Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Carmen Mellado Blanco”. *ReVEL*, vol. 15, nº 29, pp. 237-248. Disponível em: www.revel.inf.br. Consultado a 01/03/2019.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (2017b). “Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Gloria Corpas Pastor”. *ReVEL*, vol. 15, nº29, pp. 261-270. Disponível em: www.revel.inf.br. Consultado a: 01/03/2019.

PEDRO, Magalli de Lourdes (2007). *Expressões idiomáticas no Ensino de Português como Língua Estrangeira para estudantes uruguaios*. Tese de Mestrado em Linguística Aplicada. Brasília: Universidade de Brasília. Disponível em: unb.br/bitstream/10482/2834/1/2007. Consultado a 12/11/2018.

PERES, João Andrade e MÓIA, Telmo (2003). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Caminho.

PERINI, Mário Alberto. (2010). *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial. Disponível em file:///C:/Users/User/Downloads/PERINI_GramaticaDescritivaDoPortugue%CC%82s.pdf. Consultado a 19/04/2019.

REIS, Felipa Lopes dos (2018). *Investigação Científica e Trabalhos Académicos – Guia Prático*. Lisboa: Edições Sílabos.

REIS, Victor (2006). *Sociolinguística: Dinâmica Funcional vs Problemas Funcionais da Língua*. Luanda: Editorial Nzila.

REDINHA, José (1965). *Distribuição étnica da província de Angola*. Luanda. CITA – 2º edição.

RENTE, Sofia (2013). *Expressões idiomáticas ilustradas*. Lisboa: Lidel – Edições Técnicas.

RIVA, Huelington Cassiano (2014). “A relação entre os culturemas e a gênese de novas expressões idiomáticas na língua portuguesa”. In: Ángel Marcos de Dios (ed.), *La lengua portuguesa*, vol. 2 (Estudios Lingüísticos). Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 655-668.

ROCHA, Maria Regina de Matos e COSTA, José Mário (2008). *Cuidado com a língua*. Oficina do Livro: Sociedade Editorial.

RUBERT, Andréa de Araújo (2016). *Na ponta da língua: expressões idiomáticas na aula de português como língua adicional*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras do Porto Alegre. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157005/001017985.pdf?sequence=1>. Consultado a 19/04/2019.

- SASSUCO, Daniel Peres (2016). "Pistas essenciais para um português de Angola", *Revista Kadila-Cultura e Ambientes. Diálogos Brasil-Angola*. pp.199-218.
- SANTOS, António Nogueira (1990). *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- SANTOS, Ricardo dos (2016). *Tradução Cultural: o desafio da expressão idiomática*. Dissertação de Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos (tradução especializada). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/tese - versao final corrigida ricardo - duas capas modelo 20.pdf>. Consultado em: 19/03/2019.
- SILVA, Flávia Santos da (2014). "As palavras e a frase: o funcionamento de fraseologismos". *Domínios de Linguagem*, vol. 8, nº 2, dez. pp. 25-40, Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/27123/15764>. Consultado em: 26/1/2019.
- SILVA, Moisés Batista da (2016). "Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas". *Revista de Letras* v. 1, n. 28, jan. pp. 11-20. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2308>. Consultado em: 7/12/2018.
- TINOCO, Dhienes Charla Ferreira e LUQUETTI, Eliana C. França (2007). "Expressões idiomáticas sob perspectiva dos estudos fraseológicos". *Cadernos do CNLF*, vol. XX, nº 02 – *Lexicografia, lexicologia, fraseologia, terminologia e semântica*. pp. 80-89. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_02.htm. Consultado em: 14/2/2019.
- ULLMANN, Stephen (1964). *Semântica – uma introdução à ciência do significado*. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- VALE, Andreia (2015). *Puxar a brasa à nossa sardinha*, 6ª ed. Lisboa: Editora Manuscrito.
- VILELA, Mário (2002). "As expressões idiomáticas na língua e no discurso". In: *Atas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, vol. 2. Porto: Faculdade de Letras, pp. 159-189.
- VILELA, Mário. (2002). *Metáforas do Nosso Tempo*. Coimbra: Almedina.
- XATARA, Cláudia Maria (1995). "O resgate das expressões idiomáticas". *Alfa - Revista de Linguística*, nº39. pp. 195-210. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3980>. Consultado em: 15/1/2019.
- XATARA, Maria Cláudia (2014). "As unidades fraseológicas terminológicas em dicionários bilingues gerais". In: Aparecida Negri Isquerdo e Maria da Graça Krieger

(org), *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol. II. Campo Grande: Editora UFMS, pp.267-273.

XATARA, Maria Cláudia e SUCCI, Thais Marini (2008). “Revisitando o conceito de provérbio”. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas* (atemática), nº 1, pp. 33-48. Disponível em: www.ufjf.br/files/2009/12/artigo31. Consultado em: 23/11/2018.

XATARA, Maria Cláudia e SECCO, Mariele (2014). “Culturemas em contraste: idiomatismos do português brasileiro e europeu”. *Domínios de Linguagem*, vol. 8, nº 1, jan.-jun. pp. 502-519. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Consultado em: 5/10/2018.

XITU, Uanhenga (2014). *Manana*. Lisboa: Ministério da Cultura/ Mercado de Letras.

ZAVAGLIA, Cláudia (2014a). “Um pouco dos estudos fraseológicos e paremiológicos no cenário brasileiro”. *Revista EDUF, Domínios de Linguagem: Fraseologia e Paremiologia*, 2º Semestre, vol. 8, nº2. pp. 6-12. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Consultado em: 31/1/2018.

ZAVAGLIA, Cláudia (org.) (2014b). “Fraseologia e Paremiologia”, *Domínios de Linguagem*. 2º semestre, vol. 8, nº2. Disponível em: <file:///C:/Users/Filomena/Downloads/28546-113870-1-PB.pdf>. Consultado em: 21/01/2018.

ANEXOS

Anexo 1. Expressões idiomáticas indicadas pelos informantes

| Nº | EXPRESSÃO IDIOMÁTICA | SIGNIFICADO |
|----|----------------------|---|
| 01 | Acaba de me matar | Carro velho e em mal estado de conservação |
| 02 | Aguentar barulho | Assumir as consequências |
| 03 | Apanhar do ar | Não perceber algo; ser enganado |
| 04 | Azuis e brancos | Taxistas |
| 05 | Babar óleo | Estragado; danificado |
| 06 | Bater bola baixa | Acalmar-se |
| 07 | Bater cabeça | Encontrar alternativas para a solução de problemas |
| 08 | Bebe me deixa | Refrigerante de tamanho grande |
| 09 | Boca da Minga | Fofoqueira |
| 10 | Boca doce | Fofoqueira |
| 11 | Bolo fofo | Pessoa mimada |
| 12 | Cai com vento | Pessoa muito magra |
| 13 | Cair com a cadeira | Ser exonerado; reprovar na escola |
| 14 | Chamar diogo | Vomitar |
| 15 | Cola marido | Ciumenta |
| 16 | Cortar água e luz | Impor restrições; aplicar castigos |
| 17 | Curtir um banzelo | Divertir-se; relaxar |
| 18 | Dar café | Morrer |
| 19 | Dar feijão | Morrer |
| 20 | Dar gasosa | subornar |
| 21 | Dar mbaia | Fazer ultrapassagem; ultrapassar |
| 22 | Dar o gás | Ir-se embora; fugir |
| 23 | Dar sangue | Ajudar; apoiar |
| 24 | Dinheiro é capim | Fartura de dinheiro |
| 25 | Entrar na mente | Convencer alguém; gozar |
| 26 | Estar fundo e raso | Sem dinheiro |
| 27 | Estar gato | Miserável; ruim |
| 28 | Estar no limão | Estar bom; ótimo |
| 29 | Fazer boa muxima | Agradar; agradecer |
| 30 | Galinha rija | Pessoa de certa idade, mas com aspeto de jovem |
| 31 | Gira bairro | Nómada; que muda frequentemente de casa e de bairro |
| 32 | Levar ovos | Bem apresentado; requintado, bem sucedido |
| 33 | Ligar o burro | Comportar-se mal; zangar-se |
| 34 | Luz foi geral | Pessoa de cor muito escura |
| 35 | Mana Madó | Fofoqueira; que gosta de protagonismo |
| 36 | Manga de 10 | Adolescente |
| 37 | Mata enteado | Pão de tamanho grande |
| 38 | Mata kassumuna | Desocupado; desempregado |
| 39 | Partir o braço | Extorquir; aproveitar-se de alguém |
| 40 | Passa boca | Aperitivo |
| 41 | Pé no nguimbo | Fugir a correr |
| 42 | Pés de galinha | Dedos muito afastados |
| 43 | PIN e PUK | Confidentes; agentes da polícia motorizada |

| | | |
|----|--------------------------|--|
| 44 | Pisar as uvas | Andar a pé |
| 45 | Raspar o porco | Estar sem dinheiro |
| 46 | Rir baixinho | Arrepende-se |
| 47 | Saca fácil | Mulher de fácil alcance; prostituta |
| 48 | Sair voado | Sair às pressas |
| 49 | Se bater | Ser intransigente |
| 50 | Se bater no chão | Persistir |
| 51 | Seguir bala | Imitar o que alguém faz |
| 52 | Sempre a subir | Progredir; alcançar sucessos |
| 53 | Subir os calundus | Enervar-se, enfurecer-se |
| 54 | Sukula zwata | Pobre |
| 55 | Tirar o pé | Ir-se embora |
| 56 | Tirar voado | Ir-se embora |
| 57 | Travar com a jante | Enfrentar dificuldades |
| 58 | Tropa de choque | Insistente; persistente |
| 59 | Udia uzeka | Desempregado; preguiçoso |
| 60 | Última bolacha do pacote | Alguém que se envaidece; que se acha o mais importante |
| 61 | Ver fumo | Ter dificuldades |
| 62 | Ver no binóculo | Não alcançar o desejado |
| 63 | Virar povo | Tornar-se vulgar |
| 64 | Vizinha zongola | fofoqueira |

Anexo 2. Expressões idiomáticas extraídas das letras de músicas

| Nº | EXPRESSÃO IDIOMÁTICA | SIGNIFICADO | TÍTULO DA MÚSICA | AUTOR |
|----|----------------------|--|-------------------------|-------------------|
| 01 | Acaba de me matar | Dar o toque final | Acaba de me matar | Telma Lee |
| 02 | Apanhar a pata | Gozar com alguém; dominar alguém | Atrofiar | CEF |
| 03 | Apanhar a pata | Gozar com alguém; dominar alguém ou algo | Apanha a pata | Makongo e Danny L |
| 04 | Arrastar o pato | Envolver com a ex namorada | Arrasta o pato | Limas do Swagg |
| 05 | Babar óleo | Algo estragado, danificado | Ngaxi | Kristo |
| 06 | Bater a bola baixa | Acalmar-se | Lombongo | Matias Damásio |
| 07 | Bater a bola baixa | Acalmar-se | E tudo mudou | Yuri da Cunha |
| 08 | Bater bola baixa | Acalmar-se | Aqui tasse | Dog Murras |
| 09 | Bater bola baixa | Acalmar-se | História de um angolano | Kelly Silva |
| 10 | Bater na rocha | Ter insucesso | Imperfeito | Dji Tafinha |
| 11 | Bolo e leite | Mimoso; lento; queixinha | Lembidor | W. King |

| | | | | |
|----|---------------------|---|---------------------------|------------------------------|
| 12 | Cair com a cadeira | Ser exonerado; ter cadeira em atraso | Cair com a cadeira | Pé de Galo |
| 13 | Com todos os molhos | Requintado; detalhado; perfeito | Com todos os molhos | Yola Araújo e Preto Show |
| 14 | De Maria para Meury | Mudança de aparência | De Maria para Meury | Puto Português |
| 15 | Entrar na mente | Gozar com alguém, confundir alguém | Vou te entrar na mente | Titiriti do Steid |
| 16 | Gira bairro | Nómada | Gira bairro | Vavá do Kwanza Sul |
| 17 | Meter na panela | Enfeitiçar alguém | Ndoki | Filho do Zua |
| 18 | Partir o braço | Extorquir; apoderar-se dos bens alheios | Parte braço | Zecax |
| 19 | Se bater no chão | Persistência | E tudo mudou | Yuri da Cunha |
| 20 | Sempre a subir | progredir | Kazukuta dance | Virgílio Fair |
| 21 | Sukula zwata | Pobre | Angola | Dog Murras |
| 22 | Tirar voador | Ir-se embora | Dinheiro Cumbu | Matias Damásio |
| 23 | Ver fumo | Enfrentar dificuldades | Vais ver fumo | Leo Príncipe |
| 24 | Vizinha zongola | fofoqueira | Vizinha zongola | Gaby Moy |
| 25 | Wanga wabu | Perda do poder | Mujimbos | Eduardo Paím |
| 26 | Wanga Wabu | Perda do poder | Ancoró | Maya Cool e Yuri da Cunha |
| 27 | Wanga Wabu | Perda do reinado | Wanga Wabu | MB-Gang Star |

Anexo 3. Lista geral da tipologia das expressões idiomáticas angolanas

| Nº | EXPRESSÃO IDIOMÁTICA | TIPOLOGIA | |
|-----|--------------------------------|---------------------|---|
| | | NATUREZA ESTRUTURAL | VALOR CONOTATIVO |
| 1. | Acaba de me matar | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 2. | Aguentar o barulho | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 3. | Apanhar a pata | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 4. | Apanhar do ar | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 5. | Atirar pedra | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 6. | Azuis e brancos | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 7. | Babar óleo | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 8. | Bater cabeça | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 9. | Bater bola baixa | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 10. | Bater na rocha | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 11. | Bebe me deixa | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 12. | Boca da minga | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 13. | Boca doce | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 14. | Bolo e leite | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 15. | Bolo fofo | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 16. | Cai com vento | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 17. | Cair com a cadeira | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 18. | Cali está no banco | Frásico | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 19. | Chamar diogo | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 20. | Cola marido | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 21. | Com todos os molhos | Preposicional | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 22. | Cortar água e luz | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 23. | De Maria de Meury | Preposicional | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 24. | Dar café | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 25. | Dar feijão | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 26. | Dar gasosa | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 27. | Dar mbaia | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 28. | Dar o caldo | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 29. | Dar o gás | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 30. | Dar sangue | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 31. | Dinheiro é capim | Frásico | Fracamente conotativa/parcialmente idiomático |
| 32. | Entrar na mante | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 33. | Estar cozinhado/está na panela | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 34. | Estar fundo e razo | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 35. | Estar gato | Verbal | Fracamente conotativa/parcialmente idiomático |
| 36. | Estar no banzelo | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 37. | Estar no limão | Verbal | Fracamente conotativa/parcialmente idiomático |
| 38. | Estragar o boneco | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 39. | Fazer boa muxima | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 40. | Levar ovo | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 41. | Galinha rija | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 42. | Gira bairro | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 43. | Ligar o burro | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |

| | | | |
|----|--------------------------|---------------|---|
| 44 | Luz foi geral | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 45 | Mana Madó | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 46 | Manga de 10 | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 47 | Mata enteadó | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 48 | Mata kassumuna | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 49 | Pai/mãe grande | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 50 | Partir o braço | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 51 | PIN E PUK | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 52 | Partir o lápis cedo | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 53 | Passa boca | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 54 | Pé no nguimbo | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 55 | Pés de galinha | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 56 | Pisar as uvas | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 57 | Raspar o porco | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 58 | Rir baixinho | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 59 | Saca fácil | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 60 | Sair voado | Verbal | Fracamente conotativa/parcialmente idiomático |
| 61 | Se bater | Preposicional | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 62 | Se bater no chão | Preposicional | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 63 | Segue bala | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 64 | Sempre a subir | Adverbial | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 65 | Subir os calundus | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 66 | Sukula zwata | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 67 | Tirar o pé | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 68 | Tirar o pé | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 69 | Travar com a jante | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 70 | Tropa de choque | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 71 | Udia uzeka | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 72 | Última bolacha do pacote | Adjetival | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 73 | Ver fumo | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 74 | Ver no binóculo | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 75 | Virar povo | Verbal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 76 | Vizinha zongola | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |
| 77 | Wanga Wabu | Nominal | Fortemente conotativa/totalmente idiomático |

Estou a curtir o meu banzelo – Jornal Nova Gazeta, edição nº 190 de 30 de março de 2016, pág. 30.

Cultura

Sucesso do grupo já permite ter 'tournées' na Europa

Os Banah

Começaram no kuduro, mas agarraram o triunfo a cantar 'afro-house'. Agora, preparam-se para uma 'tourné' que os vai levar à Europa, Brasil e Canadá. E foram convidados para actuar no 'Big Brother Angola'. Quase tudo por causa dos sucessos 'Banzelo' e 'Kapri'.

Por Lúcia de Almeida

'Estou a curtir o meu banzelo' deve ser hoje umas das frases mais batidas que se ouve na música e a culpa é do grupo 'Os Banah'. Os artistas definem 'Banzelo' como um "estado de espírito". Além de 'Banzelo', os 'meninos

Começaram no estilo kuduro, mas por causa de alguns dissabores, sobretudo com a actuação falhada há três anos, no festival 'I love kuduro', 'fugiram' do ritmo e apostaram no 'afro-house'.

Depois disso, já sentem que o kuduro foi abafado pelo 'afro-house' e reivindicam para os Banah a responsabilidade "desta fase que o kuduro está a enfrentar".

Enzo Pé Quente faz depender o sucesso que se possa ter com uma música da letra. Explica que se as letras forem "muito grandes acabam por ser cansativas e difíceis de memorizar". Por isso, o grupo opta por escrever músicas curtas e objectivas.

Os três membros do grupo acreditam que o mundo "está a viver os últimos tempos", por estar "a passar muitas atribulações" em que a "juventude é o elo mais fraco e acaba por ser a mais afectada, sofrendo mais perseguições e é a mais fácil de ser manipulada",

Cronicontando



Onélio Santiago,
jornalista

O caçador de mamóites

Embora tivesse apenas 25 anos, Manucho possuía uma estranha preferência pelas quarentonas,* sobretudo as casadas. A mãe até lhe tentava entrar na mente, meu filho, faxavor, nunca te pedi nada, deixa essa vida, arranja um emprego, mas o rapaz explodia com agressividade, ultrapassando os limites da sabestania: “Ó velha, bate bola baixa, pah!”, dizia o jovem, antes de lançar a pergunta a que a mãe desconseguiu de dar resposta: “Qual é a empresa que aceitaria que eu trabalhasse apenas quando tivesse vontade?”

seja, não era circuncidado, um boato prontamente rebatido por Manucho. “Se tiverem dúvidas, perguntem às vossas mulheres”, gritava, ignorando a possibilidade de retaliação dos visados.

Tudo decorria na normalidade, até que um grupo de cinco senhores, cujas as esposas haviam sido possuídas por Manucho, decidiu vingar-se, planeando uma emboscada que deveria resultar na morte do miúdo. Como o rapaz passava a noite em boates, regressando para casa apenas de

Sociedade

CRONICONTANDO



Onélio Santiago,
jornalista

A história da tia Madó

O camião de marca IFA, vindo do Uíge, estava já a descarregar os passageiros no Mercado dos Kwanzas, quando Madalena Lusevikueno, com o coração apertado pela saudade de Maquela do Zombo, percebeu que o marido era um bilingueiro, pois a Luanda que acabava de conhecer era diferente daquela que o esposo lhe prometia. A desilusão de Lusevikueno só não evoluiu para sentimentos mais perigosos por causa da forma calorosa com que foram recebidos pelo primo do marido, naquele memorável Novembro de 1988.

Cuidado de uma meni-

comer funje com as mãos.

Quando a quarta filha nasceu, tia Madó, o marido e os três cabeçudos já tinham mudado de bairro, desenrascando-se num desconfortável cubico de chapas. Para combater a fobadaria, a senhora passou a vender micates à porta de casa, enquanto o marido tentava sem sucesso afogar as mágoas da kunanguice no álcool. Um mujimbo difundido por uma vizinha zongola dava conta que a tia Madó, vinda do Uíge, fazia dinheiro de miscaria, isto é, usava feitiço nos negócios, pois só assim se podia explicar o facto de a senhora sustentar cinco bocas em casa

Sociedade

(RE)FLEXÕES LEIGAS



Soberano Kanyanga
Escritor

Mangodinho na ngelé

Os desistentes, os faltosos e os trancadores de frequência

Mangodinho, crente de sua igreja desde pequeno, dez anos acabados de fazer, naquele ano que precedeu o centenário toda a graça no último dia. Pensa bem.

- Compadre, não sou desistente. Apenas faltoso. Tu que és professor, analisa bem a situação do desistente que pode ou não procurar 'outra escola' e do faltoso que tem direito a exame especial ou recurso. Eu nunca saí e jamais sairei. - defendeu-se, prometendo que seria visto no domingo que vem.

Sete dias depois, realizou a promessa. Prometido e feito. Mangodinho, para não dar nas vistas e

evitar saudações com sabor a cobranças, preferiu o penúltimo banco. Penúltimo porque nem o antepenúltimo, nem o último estavam ocupados. Apenas seria visto na hora do ofertório e de saída.

Penúltimo desisti. Pense nas quatro condições de estudantes que temos: o que frequenta assídua e pontualmente as aulas, o faltoso intermitente, o desistente que já não virá mais e aquele que trancou a matrícula. Eu, irmão Noé, nunca desisti. Tenho direito a recurso e exame especial! - defendeu-se argucioso.

Noé, ainda a pensar no que acabara de ouvir, puxou os olhos para outro lugar, momento que o irmão Godinho aproveitou, com destreza, para pôr o ngimbu e o pé a fazerem parelha.

curso de francês, na Alliance Française, em Luanda, caso não saiba a língua francesa.

Para o prémio especial na modalidade de gravura, o vencedor vai receber 500 mil kwanzas. Os artistas não premiados serão agraciados com menções honrosas e kits de material de pintura, escultura e gravura.

Os candidatos aos prémios Ensa Arte devem ter a partir dos 18 anos, serem nacionais residentes no país ou no estrangeiro e os estrangeiros residentes com cartão de residente válido. As inscrições, que vão até 12 de Janeiro de 2018, podem ser feitas nas instalações da Ensa, nas secretarias provinciais da União Nacional dos Artistas Plásticos e a partir do site www.ensaangola.com.

Por: Amélia Santos

de Angola

olver competências de negócios, bem como credenciar e legalizar a actividade.

Por: Amélia Santos



Horizonte Njinga Mbande

O 'Regresso Marcante' chega em 2018

A companhia de teatro Horizonte Njinga Mbande pretende gravar e lançar a mini-série o 'Regresso Marcante' no próximo ano. Segundo a organização, 90 por cento dos actores para a mini-série serão os formandos da nova temporada de formação que a companhia está a realizar.

'Regresso Marcante' narra os momentos mais marcantes do conflito armado, em Angola, sem descuidar os romances e outras vivências. A produção, que será toda feita em Angola, vai passar pelas províncias de Luanda, Benguela e Malanje.

Horizonte Njinga Mbande, que comemorou este ano 31 anos de existência, conta com a parceria de especialistas brasileiros, portugueses e espanhóis na implementação dos cursos que ministra e para a agravação da mini-série que terá início no próximo ano, após a conclusão das formações em actores, apresentadores, produtores, filmagem entre outras disciplinas. Segundo o director, Adelino Caracol, "está na altura de pensar em projectos mais sérios", por ser um ponto de viragem na história do Horizonte Njinga Mbande e a realização da mini-série é a aposta certa.

De 1 a 5 de Novembro, o Horizonte está a passar a peça em estreia 'Hora H' em três sessões. A obra retrata as 'malambas' do dia-a-dia, como o novo fenómeno da Manga de 10'. Gira ainda em torno dos relacionamentos, os casamentos que não se solidificam, que não se sabe se é fruto da má

Anexo 5. Letras de música

Título: Dinheiro Cumbu

Autor: Matias Damásio

Dinheiro cumbu,
Desde que você fugiu da minha vida
Te procurei por todos os cantos da cidade e descobri que Luanda é grande,

Dinheiro cumbu,
Quando vivias no meu bolso e nas minhas mãos
Ganhei estatuto de Doutor, vida mulata e muito amor
Fui o mais bonito da cidade, namorei miúdas belas
Tive ninhos de amizade
Grandes mundos, coisas grandes, wawe

Dinheiro cumbu,
no dia que fugiste da minha vida
acreditei na magia porque todos sumiram
acreditei na magia porque tudo evaporou
quem me chamava de Doutor, hoje me atrasado
quem dizia que me amava
tirou voado

Dinheiro Cumbu,
Desde o dia que fugiste da minha vida
Te procurei por todos os cantos da cidade
Descobri que Luanda é grande
Te procurei no arreio, no negócio no chinês
Te procurei no Mamado, na cantina do Dialó
Te procurei na Fubu onde o chapéu é Danxareus
Te procurei no Kinguile e na sorte de homem branco

Te procurei na igreja, te procurei na cerveja

E descobri que o dinheiro é mais rancoroso
Que a mulher vigarizada
porque quando baza pode nunca voltar mais

Dinheiro cumbu,
Desde o dia que fugiste na minha vida
Te procurei por todos os cantos da cidade
Descobri que Luanda é grande
Aiué te procurei
Te procurei na igreja
Te procurei na cerveja
E descobri que é o dinheiro é mais rancoroso que
A mulher vigarizada porque quando vai embora
pode nunca voltar mais

oh oh oh oh

É dinheiro ozawapi, okasipi

oh, oh, oh,

dinheiro é...

Título: Mujimbos

Autor: Eduardo Paím

Mano Paim ouvi dizer ouviste o quê

Ouvi dizer que estavas longe

Que estavas longe em sofrimento,

mas ouçam só makamba meto

São só mujimbos, dicas sem sentidos

Só acredita em quem empenha pelo ouvido

Esta na banda bebendo milongo da água do Bengo

O milongo que me fez ser o Kambuengo

É na banda donde busco a inspiração

Faço quetas de coração pra encantar a multidão

Ai, ai, ai

Folgo muito, companheiro ver-te como embondeiro

Sempre forte, sempre inteiro

A verdade é como azeite

Ah, pois é

A verdade é como azeite

Vem sempre ao de cima

A ver é como azeite

mentira tem perna curta

hum, ah, ah, eh

Vai, mano Paulo, vai só segar a malta

pelo menos os que sentem minha falta

Quando chegares diz aos cambos de verdade

Que não tarda para matarmos as saudades

Eu vou falar pra nossa gente, eu vou

Gente que espera lá na cuca

São bocas, fofocas, tudo treta

Tudo se conta nessa queta

Não tem kijila logo, logo ngolobixila

Na maleta queta pra cantar a multidão

Ai, ai, ai

Folgo muito companheiro

Ver-te como embondeiro

Sempre forte, sempre inteiro

A verdade é como azeite

Hum, pois é

A verdade é como azeite

Vem sempre ao de cima

A verdade é como azeite

Hum, hum

Welele welelelela

Zueleram bué, curibotaram

Disseram Paim **wanga wabu**

Eu estou aqui então sempre na mesma posição

olha eu aqui

olha bem

olha eu aqui

Ou duvidas?

Tanto zuelaram, curibotaram

Disseram Paim **wanga wabu**

Eu estou aqui então

ai sempre na mesma posição

Ou ouvidos?

Olha eu

Ver pra crer

Olha eu aqui

Olha bem

Olha eu aqui

Sai de baixo

Título: Atrofiar

Autor: CEF

Tu sabes quantas vezes

pulei janela para estar contigo

Tu sabes quantas vezes

brinquei com os meus pais para estar contigo

Hoje me chamas canuca,

tipo sou miúda da rua

Eu sou tua esposa, mereço respeito acima de tudo

Estás armado em player, hoje não vais sair

Fica aí, quero te ver aí

Bebe aqui, se é música alta

Então toca aqui assim é o quê

Te fiz o quê, do nada, amor

Queres me atrofiar

me atrofiar

Queres me atrofiar

queres me atrofiar

do nada amor do nada amor

queres me atrofiar

Estás a pensar que já não sou moça né?

Tu sais de noite e eu fico aqui sofrendo com a nossa filha

E ela não dorme, só chora que chora e tu na discoteca

Queres me **apanhar pata**?

Só porque deste conta que só quero ser boa esposa

Queres me **apanhar a pata**?

Só porque deste conta que eu quero ser boa mãe

Estás armado em player, hoje não vais sair

Fica aí, quero te ver aí

Bebe aqui

Se é música alta então toca aqui

Assim é o quê

Te fiz o quê do nada amor

Queres me atrofiar

me atrofiar

Queres me atrofiar

Queres me atrofiar

Título: Lombongo

Autor: Matias Damásio

Carro, joia, cumbu não tenho

Mas tenho o amor que vive aqui dentro do peito, mulher

Não tenho dinheiro pra te levar a passear em Lisboa

Não posso levar-te aqui perto mesmo, na gabela é

Dinheiro não chega pra comprar cabelo brasileiro

Meus trocos só chegam pra comprar postiço no São Paulo

cumbu não chega pra fazer manicure no salão

Melhor é esperar os miúdos que passam no bairro

Ndalile, Ndalile, Ndalile, Ndalile, Ndalile, Ndalile,

Salário é tão pouco que só dá pra comer mama

Eu prometo pão não vai faltar

Salário é coxito que só dá pra vestir mamã, mamã roupa do fardo

Ndalile, Ndalile, Ndalile, Ndalile, Ndalile, Ndalile,

Mas um dia a vida vai mudar

Casa nova, um carro vou te comprar

Lisboa, Paris, vamos juntos viajar

Aquelas amigas que te consomem vão te sentir

Mas agora **bate a bola baixa**

Não vale a pena comprar a vida luxuosa do vizinho

Mas agora bate a bola baixa mamã

Não vale a pena comprar a vida luxuosa do vizinho

O lombongo, o lombongo, o lombongo, Sikwete

O lombongo, o lombongo, o lombongo, Sikwete

Ndalile, Ndalile, Ndalile, Ndalile, Ndalile, Ndalile

Título: Eu só-segunda parte

Autor: DJ Naile

Ele nasceu, nasceu

Cresceu e sobreviver

Aprender olhemos da vida

Pela influência descontrolada

Pois se meteu em cenas proibidas

Eu já procurei caminhada

Só que foi longa, mas foi errada

Perdi o prazer da humanidade

Um gajo deixou de ser humilde

Eu só estive a pensar na maldade

E já não quis saber de nada

Tornei-me num verdadeiro desordeiro, fora da lei

Tudo devido a utopia

Exemplo pra humanidade

Irmão de já não serias

Meus pais sempre acreditaram

Que DJ Naile será alguém na sociedade de Angola

Lutaram pra me meter na escola

Mas alguém me tirou da escola

E me obrigaram a pegar pistola

Parti o lápis muito cedo

Meus manos, não é porque eu quis

Quase que eu não tenho formação

Meus manos, não é porque eu quis

Eu não passei na faculdade

Não é porque eu quis

Nunca me deram oportunidade a
 pesar da dificuldade

Caminho com dignidade

Porque é de Deus a terra em que eu piso

É de Deus, é de Deus

A terra que eu piso, meus manos

Aforria

Naile, Naile, Naile (6x)

Sou hoje amado, filho da pátria me deixou

M tornei ambulante mendigo

E a sociedade nem ligou

Sou nómada não é porque eu quero

Fama em Angola só dá mulher, bebida,

mas não dinheiro

Tenho JEOVA acima de tudo

Por essa não me desespero

Já passei tanto sofrimento

E nem com isso eu me fiz de ladrão

Zunguei petróleo e água fresca

Tudo pra conseguir um pão

Por eu exprimir que eu senti

Os meus tios me chamaram atenção

Disseram ninguém me abandonou

Que o sofrimento ensinar a ser homem

Basta ser filho de camponês

Mesmo famoso, anda passas fome

Duplo choque nas vossas mentes

Como um verdadeiro ciclone

Naile é aquele que é

Disso eu não tenho receio

Vida é luta, eu estou a marchar

E cativar pensamentos alheios, meus manos

Naile, Naile, Naile

Simplicidade vive em mim

Venho preservando isso até hoje

E quando a vida me levar

Deixar convosco a minha voz

Deus iluminou o meu caminho

Isso é a voz da profecia

Sou carente e tenho fé

Que a minha vida mudará um dia

Dona Marcela, senhor Pascoal
Deram motivo pra mim chorar
só que eu nasci pra sorrir
Diabo sempre me perseguir
Deus está sempre a me abençoar

Muita gente a me conspirar
Mas sucesso está me seguir
Graças a Deus Hamilton está bem
Já é motivo pra mim sorrir

Laura, minha esposa do sofrimento
Hoje não tenho, mas acredita
Condições virão do meu talento
E darei a vida que tu mereces
Beleza não tá no que vês

Beleza tá no que compreendes
Assim, depois de ter visto
Não tenho mulher de batalha
Porque eu estou sempre a batalhar
E nem que for mandioca com chá
Fome vocês não passar
O que os teus pais te fizeram passar
Fi Ngana Nzambi, ngasakidila
Eu sou teu filho

Papá Jeová

Papá Jeová

Papá Jeová

Eu sou teu filho

preciso de ajuda

Naile, Naile,

Anexo 6. Amostra de inquéritos preenchidos pelos informantes



Escola de Ciências Sociais
Departamento de Linguística e Literaturas
Curso de Mestrado em Línguas e Linguística

I. OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO

Código: PIAG002M

Caro (a) informante:

O português falado em Angola contém traços característicos inerentes a fatores socioculturais que se manifestam por meio de determinadas expressões (expressões idiomáticas, provérbios, e outras) a que os falantes recorrem com ou sem conhecimento explícito. Tais expressões (**apanhar a pata, bater na rocha**) enriquecem o léxico da nossa língua e identificam-nos linguisticamente e culturalmente. O presente questionário visa, portanto, aferir o conhecimento que tem sobre essas expressões bem como as situações em que as usa.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para fins académicos, no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado em Linguística sob o tema **Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no Português de Angola**.

II. DESCRIÇÃO DO INFORMANTE

| | | | | | |
|--------------------|---------------------------------------|--------------------|-----------|-------------|-------------------------------------|
| Idade | 35 | Ocupação: | Estudante | Trabalhador | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Sexo | M | Local onde estuda: | | | |
| Local de trabalho: | Professor na universidade Jean Piaget | | | | |
| Nível académico | Ensino Primário | II Ciclo | | Mestre | |
| | I Ciclo | Licenciado | | Doutor | <input checked="" type="checkbox"/> |

III. NÍVEL DE CONHECIMENTO EXPLÍCITO SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. O que entende por Expressões Idiomáticas?

São recurso estilísticos presentes na fala e na escrita, quando utilizados em contextos específicos, o significado ultrapassa o sentido literal

2. Que critérios usa para identificar uma Expressão Idiomática?

Recorro ao contexto comunicativo relacionando as imagens das entidades

3. Como distingue uma Expressão Idiomática de um provérbio?

Embora ambas as expressões sejam de valores referencial as frases idiomáticas ultrapassam o sentido literal ao passo que o provérbio é completo e tem como fim a instrução

IV. USO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Frequência com que usa as Expressões Idiomáticas

Sempre Algumas vezes Nunca

2. Espaços em que usa as Expressões Idiomáticas

Casa Escola Local de trabalho Rua Igreja Praça

3. Pessoas com que se partilha as Expressões Idiomáticas

Amigos Colegas Membros da família Superiores hierárquicos Vizinhos Desconhecidos

4. Proveniências das Expressões Idiomáticas

Letras de músicas Tradição oral Conversas diárias Acontecimentos sociais Livros

5. Valor cultural atribuída às Expressões Idiomáticas

Sem importância Pouco importante Importante Muito importante

6. Avaliação do nível de divulgação das Expressões Idiomáticas em Angola

| | | | | | | | |
|-------|-------------------------------------|----------|--------------------------|-----|--------------------------|-----------|--------------------------|
| Baixo | <input checked="" type="checkbox"/> | Razoável | <input type="checkbox"/> | Bom | <input type="checkbox"/> | Muito bom | <input type="checkbox"/> |
|-------|-------------------------------------|----------|--------------------------|-----|--------------------------|-----------|--------------------------|

b) Caso o nível seja baixo, o que acha que deve ser feito para o elevar?

R.: É necessário que os Planificadores curriculares didácticos e professor de língua (de 1º) contemplem no programa de português frases idiomáticas como objecto de estudo

V. INTERPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Indique os significados das Expressões Idiomáticas abaixo e crie uma frase com cada uma delas.

a. Apanhar a pata

Significado: dominar algo/alguém

Frase: A esposa do João não me respeita porque já lhe apanhou a pata

b. Cali está no banco

Significado:

Frase: O Cali já caiu; ele já está no banco

c. Partir o lápis cedo

Significado: alguém não escolarizado, pessoa analfabeta.

Frase: Como ele não pode mandar carta, se partiu o lápis cedo!

d. Wanga Wabu

Significado: chegar ao fim da carreira de forma ruim

Frase: Para dirigentes usurpadores, Wanga Wabu.

e. Dar o caldo

Significado:

Frase:

f. Bater na rocha

Significado: Não obter o pretendido; falhar o objectivo

Frase: O artista pensou que ia vender, mas bateu na rocha

g. Estragar o boneco

Significado: Entregar a vida; morreu

Frase: Bêbeu tanto que entregou o boneco

h. Bolo e leite

Significado: Filho criado com mínimas condições

Frase: A minha colega é bolo e leite

i. Atirar pedras

Significado: Cometeu erros de língua portuguesa

Frase: O tio da tita atira muitas pedras

j. Está cozinhado/está na panela

Significado: Homem feito "makumba"/enfitecido

Frase: Ele não reage às baboseiras da esposa porque está cozinhado

k. Pai/mãe grande

Significado: Senhor/a de prestígio/indinheirado

Frase: O marido dela é pai grande

2. Indique outras Expressões Idiomáticas angolanas que conheça, apresente os seus significados e forme frases com as mesmas.

a.

| | |
|-------------|---|
| Expressão | Tantan |
| Significado | Quem possui transtornos mentais / doído |
| Frase | Não lhe ligue ele é tantan |

b.

| | |
|-------------|------------------------------|
| Expressão | Bater as botas / kassulela |
| Significado | mover |
| Frase | ☐ Colega dele bateu as botas |

c.

| | |
|-------------|----------------------------------|
| Expressão | Estar na dibinza / nos ficos |
| Significado | Estar envolvido em problemas |
| Frase | ☐ pai dela agora está na dibinza |

d.

| | |
|-------------|------------------------------|
| Expressão | Estar no banzelo |
| Significado | Muito pensativo, de kumbanza |
| Frase | |

e.

| | |
|-------------|-------------------------------|
| Expressão | Wazebele |
| Significado | embolrecer-se, fobrer |
| Frase | ☐ namorado dela é um wazebele |

f.

| | |
|-------------|--------------------------------|
| Expressão | Nota Pancar a prova |
| Significado | trair boa nota |
| Frase | Ele pancou a prova |

g.

| | |
|-------------|--------------------------------|
| Expressão | Bucar à noite |
| Significado | Estudar no período pós-laboral |
| Frase | tenho bucado a noite |

h.

| | |
|-------------|---------------------------------------|
| Expressão | Ser facheço |
| Significado | Que depende da mulher para sobreviver |
| Frase | Arranjel um facheço |

i.

| | |
|-------------|---|
| Expressão | Mata kassumuna |
| Significado | desempregado |
| Frase | Hoje ele é mata kassumuna, só passa o dia em casa |

j.

| | |
|-------------|------------------|
| Expressão | Estar no banzelo |
| Significado | Muito pensativo |
| Frase | |

k.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |



I. OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO

Código: MERC031M

Caro (a) informante:

O português falado em Angola contém traços característicos inerentes a fatores socioculturais que se manifestam por meio de determinadas expressões (expressões idiomáticas, provérbios, e outras) a que os falantes recorrem com ou sem conhecimento explícito. Tais expressões (**apanhar a pata, bater na rocha**) enriquecem o léxico da nossa língua e identificam-nos linguística e culturalmente. O presente questionário visa, portanto, aferir o conhecimento que tem sobre essas expressões bem como as situações em que as usa.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para fins académicos, no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado em Linguística sob o tema **Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no Português de Angola**.

II. DESCRIÇÃO DO INFORMANTE

| | | | | |
|--------------------|--|-------------------------------------|------------|-------------|
| Idade | <u>26</u> | Ocupação: | Estudante | Trabalhador |
| Sexo | <u>M</u> | Local onde estuda: | | |
| Local de trabalho: | <u>Município do Distrito do Restalagem</u> | | | |
| Nível académico | Ensino Primário | | II Ciclo | Mestre |
| | I Ciclo | <input checked="" type="checkbox"/> | Licenciado | Doutor |

III. NÍVEL DE CONHECIMENTO EXPLÍCITO SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. O que entende por Expressões Idiomáticas?

São expressões que é constituída por várias línguas, e é também constituída por calão.

2. Que critérios usa para identificar uma Expressão Idiomática?

Para identificar uma expressão idiomática uso o calão.

3. Como distingue uma Expressão Idiomática de um provérbio?

Distingue através do seu sentido e significado.

IV. USO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Frequência com que usa as Expressões Idiomáticas

Sempre Algumas vezes Nunca

2. Espaços em que usa as Expressões Idiomáticas

Casa Escola Local de trabalho Rua Igreja Praça

3. Pessoas com que se partilha as Expressões Idiomáticas

Amigos Colegas Membros da família Superiores hierárquicos Vizinhos Desconhecidos

4. Proveniências das Expressões Idiomáticas

Letras de músicas Tradição oral Conversas diárias Acontecimentos sociais Livros

5. Valor cultural atribuída às Expressões Idiomáticas

Sem importância Pouco importante Importante Muito importante

6. Avaliação do nível de divulgação das Expressões Idiomáticas em Angola

| | | | | | | |
|-------|--|----------|--|-----|--|-----------|
| Baixo | | Razoável | | Bom | | Muito bom |
|-------|--|----------|--|-----|--|-----------|

b) Caso o nível seja baixo, o que acha que deve ser feito para o elevar?

R.: _____

V. INTERPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Indique os significados das Expressões Idiomáticas abaixo e crie uma frase com cada uma delas.

a. Apanhar a pata

Significado *Alguém que é humilhado*

Frase

b. Cali está no banco

Significado *Qual trabalha no banco*

Frase *1) O militor está na escola.*

c. Partir o lápis cedo

Significado *Terminar de estudar muito cedo*

Frase

d. Wanga Wabu

Significado

Frase

e. Dar o caldo

Significado

Frase

f. Bater na rocha

Significado

Frase

g. Estragar o boneco

Significado

Frase

h. Bolo e leite

Significado

Frase

i. Atirar pedras

Significado *Aquele que expressa-se mal*

Frase *Falar suví a teu.*

j. Está cozinhado/está na panela

Significado

Frase

k. Pai/mãe grande

Significado *Alguém que é superior*

Frase *meu pata.*

2. Indique outras Expressões Idiomáticas angolanas que conheça, apresente os seus significados e forme frases com as mesmas.

a.

| | |
|-------------|----------------------|
| Expressão | Estou amasgurado |
| Significado | Estado de nervozinho |
| Frase | |

b.

| | |
|-------------|--------------------------------|
| Expressão | Estou com fome |
| Significado | É uma necessidade de elementos |
| Frase | |

c.

| | |
|-------------|--------------|
| Expressão | Vamos embora |
| Significado | Vamos lá |
| Frase | |

d.

| | |
|-------------|--------------------|
| Expressão | Você é buluzento |
| Significado | Alguém que se mata |
| Frase | |

e.

| | |
|-------------|----------------------|
| Expressão | O Omílio pela |
| Significado | O Omílio joga a bola |
| Frase | |

f.

| | |
|-------------|----------------------|
| Expressão | O Omílio baila muito |
| Significado | O Omílio dança muito |
| Frase | |

g.

| | |
|-------------|-----------------------------|
| Expressão | Estou aqui na quita pausada |
| Significado | O Omílio dança muito |
| Frase | |

h.

| | |
|-------------|------------------|
| Expressão | Garoto da favela |
| Significado | Mulher do bairro |
| Frase | |

i.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

j.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

k.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

Muito obrigado pela sua prestimosa colaboração!



I. OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO

Código: MERC061M

Caro (a) informante:

O português falado em Angola contém traços característicos inerentes a fatores socioculturais que se manifestam por meio de determinadas expressões (expressões idiomáticas, provérbios, e outras) a que os falantes recorrem com ou sem conhecimento explícito. Tais expressões (**apanhar a pata, bater na rocha**) enriquecem o léxico da nossa língua e identificam-nos linguística e culturalmente. O presente questionário visa, portanto, aferir o conhecimento que tem sobre essas expressões bem como as situações em que as usa.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para fins académicos, no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado em Linguística sob o tema **Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no Português de Angola**.

II. DESCRIÇÃO DO INFORMANTE

| | | | | | |
|--------------------|---------------------------------------|--------------------|------------|-------------------------------------|-------------------------------------|
| Idade | <u>45</u> | Ocupação: | Estudante | Trabalhador | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Sexo | <u>M</u> | Local onde estuda: | | | |
| Local de trabalho: | <u>Praça no mercado da Postalagem</u> | | | | |
| Nível académico | Ensino Primário | | II Ciclo | <input checked="" type="checkbox"/> | Mestre |
| | I Ciclo | | Licenciado | | Doutor |

III. NÍVEL DE CONHECIMENTO EXPLÍCITO SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. O que entende por Expressões Idiomáticas?
São calão usado da nossa terra

2. Que critérios usa para identificar uma Expressão Idiomática?
São palavras que não estão no dicionário
O calão não está no dicionário

3. Como distingue uma Expressão Idiomática de um provérbio?
Expressão idiomática é o calão e o provérbio é um auxiliar de calão

IV. USO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Frequência com que usa as Expressões Idiomáticas
Sempre Algumas vezes Nunca

2. Espaços em que usa as Expressões Idiomáticas
Casa Escola Local de trabalho Rua Igreja Praça

3. Pessoas com que se partilha as Expressões Idiomáticas
Amigos Colegas Membros da família Superiores hierárquicos Vizinhos Desconhecidos

4. Proveniências das Expressões Idiomáticas
Letras de músicas Tradição oral Conversas diárias Acontecimentos sociais Livros

5. Valor cultural atribuída às Expressões Idiomáticas
Sem importância Pouco importante Importante Muito importante



6. Avaliação do nível de divulgação das Expressões Idiomáticas em Angola

| | | | |
|-------|----------|---|-----------|
| Baixo | Razoável | <input checked="" type="checkbox"/> Bom | Muito bom |
|-------|----------|---|-----------|

b) Caso o nível seja baixo, o que acha que deve ser feito para o elevar?

R.: _____

V. INTERPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Indique os significados das Expressões Idiomáticas abaixo e crie uma frase com cada uma delas.

a. Apanhar a pata

| | |
|-------------|------------------------------------|
| Significado | abuso de confiança |
| Frase | A Maria lhe apanhou a pata no Adão |

b. Cali está no banco

| | |
|-------------|------------------------------|
| Significado | Já há salário |
| Frase | Daniel, o Cali está no banco |

c. Partir o lápis cedo

| | |
|-------------|-------------------------------|
| Significado | Estudar pouco |
| Frase | O Joaquim partiu o lápis cedo |

d. Wanga Wabu

| | |
|-------------|----------------------|
| Significado | Está acabada |
| Frase | O António wanga wabu |

e. Dar o caldo

| | |
|-------------|--------------------|
| Significado | Marren |
| Frase | O Zeca deu o caldo |

f. Bater na rocha

| | |
|-------------|-------------------------|
| Significado | Não conseguiu |
| Frase | O Manuel bateu na rocha |

g. Estragar o boneco

| | |
|-------------|--------------------------|
| Significado | beber muito |
| Frase | O João estragou o boneco |

h. Bolo e leite

| | |
|-------------|-------------------------|
| Significado | Burro |
| Frase | O Carlos é bolo e leite |

i. Atirar pedras

| | |
|-------------|-------------------------------------|
| Significado | Errar muito |
| Frase | O Adão erra muito. Ele atira pedras |

j. Está cozinhado/está na panela

| | |
|-------------|---|
| Significado | Oscreva da mulher / aceita tudo que a mulher quer |
| Frase | O Pedro está cozinhado ou está na panela |

k. Pai/mãe grande

| | |
|-------------|------------------------|
| Significado | É muito bom |
| Frase | O Ronaldo é pai grande |

2. Indique outras Expressões Idiomáticas angolanas que conheça, apresente os seus significados e forme frases com as mesmas.

a.

| | |
|-------------|--------------------------------------|
| Expressão | Manga de 10 |
| Significado | Muito novo/adolescente |
| Frase | O meu tio namora com uma manga de 10 |

b.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | Bater bala brava |
| Significado | Ficar calma |
| Frase | Depois de discussão, o Mateus bateu bala brava |

c.

| | |
|-------------|---|
| Expressão | Pé no ngimbo |
| Significado | fugir em velocidade |
| Frase | Meteu o pé no ngimbo quando viu as bandidas |

d.

| | |
|-------------|---|
| Expressão | Dar garasa |
| Significado | insultar |
| Frase | Dei uma garasa ao polícia para não me meter preso |

e.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | Travar com a gente |
| Significado | passar dificuldade |
| Frase | Travámos a travar com a gente por causa da crise |

f.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | Saca fácil |
| Significado | mulher que facilmente se envolve sexualmente |
| Frase | A Zefa é saca fácil |

g.

| | |
|-------------|---|
| Expressão | fazer boamuxima |
| Significado | apreciar |
| Frase | Faço boamuxima no padre por parte me compraram um carro |

h.

| | |
|-------------|-----------------------------------|
| Expressão | Kitole yangue |
| Significado | dinheiro e Capim / muito dinheiro |
| Frase | |

i.

| | |
|-------------|------------------------------|
| Expressão | Partir o braço |
| Significado | acabar o dinheiro a força |
| Frase | O Paulo lhe partiram o braço |

j.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

k.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |



I. OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO

Código: **IMARISTA065M**

Caro (a) informante:

O português falado em Angola contém traços característicos inerentes a fatores socioculturais que se manifestam por meio de determinadas expressões (expressões idiomáticas, provérbios, e outras) a que os falantes recorrem com ou sem conhecimento explícito. Tais expressões (**apanhar a pata, bater na rocha**) enriquecem o léxico da nossa língua e identificam-nos linguística e culturalmente. O presente questionário visa, portanto, aferir o conhecimento que tem sobre essas expressões bem como as situações em que as usa.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para fins académicos, no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado em Linguística sob o tema **Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no Português de Angola**.

II. DESCRIÇÃO DO INFORMANTE

| | | | | | | |
|--------------------|--|--------------------|------------|-------------------------------------|-------------|-------------------------------------|
| Idade | 32 | Ocupação: | Estudante | | Trabalhador | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Sexo | M | Local onde estuda: | | | | |
| Local de trabalho: | Professor na Escola de Formação de Professores | | | | | |
| Nível académico | Ensino Primário | | II Ciclo | | Mestre | |
| | I Ciclo | | Licenciado | <input checked="" type="checkbox"/> | Doutor | |

III. NÍVEL DE CONHECIMENTO EXPLÍCITO SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. O que entende por Expressões Idiomáticas?
Das palavras características inerentes a factores socio-cultural que se manifestam por meio determinadas expressões.

2. Que critérios usa para identificar uma Expressão Idiomática?

3. Como distingue uma Expressão Idiomática de um provérbio?

IV. USO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Frequência com que usa as Expressões Idiomáticas

Sempre Algumas vezes Nunca

2. Espaços em que usa as Expressões Idiomáticas

Casa Escola Local de trabalho Rua Igreja Praça

3. Pessoas com que se partilha as Expressões Idiomáticas

Amigos Colegas Membros da família Superiores hierárquicos Vizinhos Desconhecidos

4. Proveniências das Expressões Idiomáticas

Letras de músicas Tradição oral Conversas diárias Acontecimentos sociais Livros

5. Valor cultural atribuída às Expressões Idiomáticas

Sem importância Pouco importante Importante Muito importante

6. Avaliação do nível de divulgação das Expressões Idiomáticas em Angola

Baixo
 Razoável
 Bom
 Muito bom

b) Caso o nível seja baixo, o que acha que deve ser feito para o elevar?

R.: Uma das formas de elevá-las é publicá-las em livros

V. INTERPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Indique os significados das Expressões Idiomáticas abaixo e crie uma frase com cada uma delas.

a. Apanhar a pata

Significado: brigar com alguém
 Frase: O António foi apanhado a pata.

b. Cali está no banco

Significado: O dinheiro está no banco
 Frase: O Cali foi depositado no BFA

c. Partir o lápis cedo

Significado: Parar de estudar cedo
 Frase: O João partiu o lápis cedo.

d. Wanga Wabu

Significado: Acabou mal
 Frase: A Luzia Wanga Wabu.

e. Dar o caldo

Significado: morrer
 Frase: O João deu o caldo.

f. Bater na rocha

Significado: falhar não conseguir
 Frase: O Paulo bateu na rocha.

g. Estragar o boneco

Significado: Embebedar-se
 Frase: O Paulo estragou o boneco.

h. Bolo e leite

Significado: Preguicoso
 Frase: O Paulo é bolo e leite.

i. Atirar pedras

Significado: errar ou falar errado
 Frase: O António atirou tantas pedras ao discursar.

j. Está cozinhado/está na panela

Significado

Frase

k. Pai/mãe grande

Significado: Responsável, chefe, Boss
 Frase: A Luzia é mãe grande da família.

2. Indique outras Expressões Idiomáticas angolanas que conheça, apresente os seus significados e forme frases com as mesmas.

a.

| | |
|-------------|--------------------------------------|
| Expressão | <i>Cara Borrão</i> |
| Significado | <i>que troca de cara a toda hora</i> |
| Frase | |

b.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

c.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

d.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

e.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

f.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

g.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

h.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

i.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

j.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

k.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

Muito obrigado pela sua prestimosa colaboração!



I. OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO

Código: **PIAGET087M**

Caro (a) informante:

O português falado em Angola contém traços característicos inerentes a fatores socioculturais que se manifestam por meio de determinadas expressões (expressões idiomáticas, provérbios, e outras) a que os falantes recorrem com ou sem conhecimento explícito. Tais expressões (**apanhar a pata, bater na rocha**) enriquecem o léxico da nossa língua e identificam-nos linguisticamente e culturalmente. O presente questionário visa, portanto, aferir o conhecimento que tem sobre essas expressões bem como as situações em que as usa.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para fins académicos, no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado em Linguística sob o tema **Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no Português de Angola**.

II. DESCRIÇÃO DO INFORMANTE

| | | | | | |
|--------------------|----------------------|--|-----------|-------------|-------------------------------------|
| Idade | 51 | Ocupação: | Estudante | Trabalhador | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Sexo | mf | Local onde estuda: | | | |
| Local de trabalho: | Guipóia da Zimbiagei | | | | |
| Nível académico | Ensino Primário | II Ciclo | Mestre | | |
| | I Ciclo | <input checked="" type="checkbox"/> Licenciado | Doutor | | |

III. NÍVEL DE CONHECIMENTO EXPLÍCITO SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. O que entende por Expressões Idiomáticas?
Por expressões em idiomáticas eu entendo que são diferentes formas que uma região tem para se comunicar.

2. Que critérios usa para identificar uma Expressão Idiomática?
Para identificar uma expressão idiomática, temo em conta a péria, pois são ideias ou ditos modificados que criam para o melhor entendimento.

3. Como distingue uma Expressão Idiomática de um provérbio?

IV. USO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Frequência com que usa as Expressões Idiomáticas
Sempre Algumas vezes Nunca

2. Espaços em que usa as Expressões Idiomáticas
Casa Escola Local de trabalho Rua Igreja Praça

3. Pessoas com que se partilha as Expressões Idiomáticas
Amigos Colegas Membros da família Superiores hierárquicos Vizinhos Desconhecidos

4. Proveniências das Expressões Idiomáticas
Letras de músicas Tradição oral Conversas diárias Acontecimentos sociais Livros

5. Valor cultural atribuída às Expressões Idiomáticas
Sem importância Pouco importante Importante Muito importante



6. Avaliação do nível de divulgação das Expressões Idiomáticas em Angola

Baixo Razoável Bom Muito bom

b) Caso o nível seja baixo, o que acha que deve ser feito para o elevar?

R: _____

V. INTERPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Indique os significados das Expressões Idiomáticas abaixo e crie uma frase com cada uma delas.

a. Apanhar a pata

Significado: *Prejudicar a alguém*
 Frase: *Já apanhei a pata neste telefone*

b. Cali está no banco

Significado
 Frase

c. Partir o lápis cedo

Significado: *Parar de estudar cedo*
 Frase: *Não pode ser porque partiu o lápis cedo*

d. Wanga Wabu

Significado
 Frase

e. Dar o caldo

Significado
 Frase

f. Bater na rocha

Significado: *Insistir, insistir*
 Frase: *O meu velho deu o caldo então*

g. Estragar o boneco

Significado: *Ferir, embriagar-se*
 Frase: *Não se pode, eu vou estragar o boneco*

h. Bolo e leite

Significado: *Bolo, leite*
 Frase: *Não lhe chamo, ele é bolo e leite.*

i. Atirar pedras

Significado: *Crer, falar de forma errada*
 Frase: *Crer puto tirou uma pedra! Assimé muito...*

j. Está cozinhado/está na panela

Significado: *Foi embeicada, controlado*
 Frase: *O namora dele cozinhou-lhe*

k. Pai/mãe grande

Significado: *Alguém que é sábio*
 Frase: *Percebi o problema rápido!*

2. Indique outras Expressões Idiomáticas angolanas que conheça, apresente os seus significados e forme frases com as mesmas.

a.

| | |
|-------------|------------------------------|
| Expressão | Bater o jantar as botas |
| Significado | maior |
| Frase | O meu vizinho bateu as botas |

b.

| | |
|-------------|-------------------------------------|
| Expressão | Tirar o pé do limão |
| Significado | ir embora, sair de onde se encontra |
| Frase | Hoje vou tirar o pé do limão depois |

c.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | ApANHAR com a boca na botija |
| Significado | Esquecer ou imitar, trair |
| Frase | Deixaram-lhe porque lhe apanharam com a boca na botija |

d.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | Seguir a bala |
| Significado | Concordar ou imitar o que o outro fez |
| Frase | Não sei de quem é a ideia, só sei que segui a bala |

e.

| | |
|-------------|-----------------------|
| Expressão | Estar bolado |
| Significado | Terem esta bebida |
| Frase | Hoje vou ficar bolado |

f.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

g.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

h.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

i.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

j.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

k.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |



I. OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO

Código: **CETV101M**

Caro (a) informante:

O português falado em Angola contém traços característicos inerentes a fatores socioculturais que se manifestam por meio de determinadas expressões (expressões idiomáticas, provérbios, e outras) a que os falantes recorrem com ou sem conhecimento explícito. Tais expressões (**apanhar a pata, bater na rocha**) enriquecem o léxico da nossa língua e identificam-nos linguística e culturalmente. O presente questionário visa, portanto, aferir o conhecimento que tem sobre essas expressões bem como as situações em que as usa.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para fins académicos, no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado em Linguística sob o tema **Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no Português de Angola**.

II. DESCRIÇÃO DO INFORMANTE

| | | | | |
|--|--------------------|------------|-------------|-------------------------------------|
| Idade | Ocupação: | Estudante | Trabalhador | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Sexo M | Local onde estuda: | | | |
| Local de trabalho: Professor da Escola Britânica de Kiana | | | | |
| Nível académico | Ensino Primário | II Ciclo | Mestre | |
| | I Ciclo | Licenciado | Doutor | <input checked="" type="checkbox"/> |

III. NÍVEL DE CONHECIMENTO EXPLÍCITO SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. O que entende por Expressões Idiomáticas?
Aquelas que possuem um sentido próprio e que normalmente não podem ser entendidas de forma literal

2. Que critérios usa para identificar uma Expressão Idiomática?
O primeiro e principal critério é a origem de um determinado idioma e a dificuldade de traduzir literalmente

3. Como distingue uma Expressão Idiomática de um provérbio?
A expressão idiomática é uma associação de expressões para transmitir uma ideia, já o provérbio é um dizer popular com um pensamento moral e geralmente frases curtas.

IV. USO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Frequência com que usa as Expressões Idiomáticas
Sempre Algumas vezes Nunca

2. Espaços em que usa as Expressões Idiomáticas
Casa Escola Local de trabalho Rua Igreja Praça

3. Pessoas com que se partilha as Expressões Idiomáticas
Amigos Colegas Membros da família Superiores hierárquicos Vizinhos Desconhecidos

4. Proveniências das Expressões Idiomáticas
Letras de músicas Tradição oral Conversas diárias Acontecimentos sociais Livros

5. Valor cultural atribuída às Expressões Idiomáticas
Sem importância Pouco importante Importante Muito importante



6. Avaliação do nível de divulgação das Expressões Idiomáticas em Angola

Baixo Razoável Bom Muito bom

b) Caso o nível seja baixo, o que acha que deve ser feito para o elevar?

R.: Divulgar mais em músicas, em livros, em séries, documentários e em locais onde há falantes da nossa língua.

V. INTERPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Indique os significados das Expressões Idiomáticas abaixo e crie uma frase com cada uma delas.

a. Apanhar a pata

Significado aproveitar-se de alguém

Frase Ele não reclamares mais de apanhar a pata

b. Cali está no banco

Significado já há dinheiro ou salário no banco

Frase Agora já entende a sua ignorância, partiste o lápis cedo.

c. Partir o lápis cedo

Significado (Acabei) Abandonar os estudos

Frase (Quem idria! O Miguel Wonga Wabu) Agora já entende a sua ignorância, partiste o lápis cedo.

d. Wanga Wabu

Significado (Morrer) Acabei

Frase (O pai da Alexandra deu o caldo então) Quem idria o Miguel Wonga Wabu

e. Dar o caldo

Significado (Não ter sucesso nos seus ofícios) Morir

Frase (O CO do Big Nelo votou na rocha!) O pai da Alexandra deu o caldo então

f. Bater na rocha

Significado (Imbrihardar-se e perder o controle) Não ter sucesso nos seus ofícios

Frase (Entem na festa a Ana estragou o boneco) O CO do Big Nelo votou na rocha!

g. Estragar o boneco

Significado Filho protegido e com regalos, Imbrihardar-se e perder o controle

Frase (O Manuel também é um belo rapaz, os pais lhe dão tudo) Entem na festa a Ana estragou o boneco.

h. Bolo e leite

Significado (Errar em dimensão) Filho protegido e com regalos

Frase (Entem o professor atirou umas pedras!) O Manuel também é um belo e leite, os pais lhe dão tudo.

i. Atirar pedras

Significado (Famim comandado pela recompanshina) Errar em dimensão

Frase (O André também partici que está cozinhado) Entem o professor atirou umas pedras!

j. Está cozinhado/está na panela

Significado (Aquele que comanda ou tem poderes) Famim comandado pela recompanshina

Frase O André também partici que está cozinhado

k. Pai/mãe grande

Significado Aquele que comanda ou tem poderes

Frase O Adriano é pai grande. A Ana é mãe grande

2. Indique outras Expressões Idiomáticas angolanas que conheça, apresente os seus significados e forme frases com as mesmas.

a.

| | |
|-------------|---|
| Expressão | |
| Significado | • |
| Frase | |

b.

| | |
|-------------|---------------------|
| Expressão | Tirar o pé |
| Significado | Tr. Embora |
| Frase | ○ Amedeu tirou o pé |

c.

| | |
|-------------|---|
| Expressão | chomar diogo |
| Significado | Na festa, o Ana fez misturas de bebidas e nao aguentou, |
| Frase | chomou diogo |

d.

| | |
|-------------|------------------------------|
| Expressão | Miana Medo |
| Significado | Quil getta de dor nos vistes |
| Frase | ○ João é miana Medo |

e.

| | |
|-------------|-------------------------------|
| Expressão | Vizinha zongola. |
| Significado | fofoqueira |
| Frase | A Joana é uma vizinha zongola |

f.

| | |
|-------------|----------|
| Expressão | Dor café |
| Significado | morrer |
| Frase | |

g.

| | |
|-------------|-----------------------------------|
| Expressão | curtir um bonzelo |
| Significado | divertir-se |
| Frase | Estou a curtir um bonzelo em casa |

h.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | casa da mãe Joana |
| Significado | alzheimer |
| Frase | A sala de aula parece a casa da mãe Joana. |

i.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

j.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

k.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

Muito obrigado pela sua prestimosa colaboração!



I. OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO

Código: *IMARISTA 010F*

Caro (a) informante:

O português falado em Angola contém traços característicos inerentes a fatores socioculturais que se manifestam por meio de determinadas expressões (expressões idiomáticas, provérbios, e outras) a que os falantes recorrem com ou sem conhecimento explícito. Tais expressões (**apanhar a pata, bater na rocha**) enriquecem o léxico da nossa língua e identificam-nos linguística e culturalmente. O presente questionário visa, portanto, aferir o conhecimento que tem sobre essas expressões bem como as situações em que as usa.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para fins académicos, no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado em Linguística sob o tema **Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no Português de Angola**.

II. DESCRIÇÃO DO INFORMANTE

| | | | | | | |
|--------------------|-------------------------------------|--------------------|-------------------------|-------------------------------------|-------------|--------------------------|
| Idade | | Ocupação: | Estudante | <input checked="" type="checkbox"/> | Trabalhador | <input type="checkbox"/> |
| Sexo | <input checked="" type="checkbox"/> | Local onde estuda: | <i>IMNE Garcia Neto</i> | | | |
| Local de trabalho: | | | | | | |
| Nível académico | Ensino Primário | | II Ciclo | | Mestre | |
| | I Ciclo | | Licenciado | | Doutor | |

III. NÍVEL DE CONHECIMENTO EXPLÍCITO SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. O que entende por Expressões Idiomáticas?
São combinações de palavras que não podem ser compreendidas de forma separadas ou seja do outro sentido

2. Que critérios usa para identificar uma Expressão Idiomática?
.....

3. Como distingue uma Expressão Idiomática de um provérbio?
Provérbios é geralmente um conselho. Expressões idiomáticas é uma forma de falar que a pessoa não entende facilmente

IV. USO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Frequência com que usa as Expressões Idiomáticas
Sempre Algumas vezes Nunca

2. Espaços em que usa as Expressões Idiomáticas
Casa Escola Local de trabalho Rua Igreja Praça

3. Pessoas com que se partilha as Expressões Idiomáticas
Amigos Colegas Membros da família Superiores hierárquicos Vizinhos Desconhecidos

4. Proveniências das Expressões Idiomáticas
Letras de músicas Tradição oral Conversas diárias Acontecimentos sociais Livros

5. Valor cultural atribuída às Expressões Idiomáticas
Sem importância Pouco importante Importante Muito importante



6. Avaliação do nível de divulgação das Expressões Idiomáticas em Angola

| | | | |
|-------|----------|---|-----------|
| Baixo | Razoável | <input checked="" type="checkbox"/> Bom | Muito bom |
|-------|----------|---|-----------|

b) Caso o nível seja baixo, o que acha que deve ser feito para o elevar?

R.: _____

V. INTERPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Indique os significados das Expressões Idiomáticas abaixo e crie uma frase com cada uma delas.

a. Apanhar a pata

| | |
|-------------|-------------------------------|
| Significado | falar o respeito |
| Frase | O João apanhou pata a sua mãe |

b. Cali está no banco

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

c. Partir o lápis cedo

| | |
|-------------|---|
| Significado | deixou de estudar antes do tempo |
| Frase | Não sei assinar porque parti o lápis cedo |

d. Wanga Wabu

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

e. Dar o caldo

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

f. Bater na rocha

| | |
|-------------|-----------------------------|
| Significado | acabou o prestígio / acabou |
| Frase | O jogador bateu rocha |

g. Estragar o boneco

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

h. Bolo e leite

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

i. Atirar pedras

| | |
|-------------|--|
| Significado | mãe falar correctamente |
| Frase | A Joana atira muitas pedras, pois ela nasceu no mato, ela viveu lá muito tempo |

j. Está cozinhado/está na panela

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

k. Pai/mãe grande

| | |
|-------------|------------|
| Significado | respeitada |
| Frase | |

2. Indique outras Expressões Idiomáticas angolanas que conheça, apresente os seus significados e forme frases com as mesmas.

a.

| | |
|-------------|------------------------------|
| Expressão | <i>Costas largas</i> |
| Significado | <i>assume culpas alheias</i> |
| Frase | |

b.

| | |
|-------------|---|
| Expressão | <i>Coração de manteiga</i> |
| Significado | <i>peessoa sensível</i> |
| Frase | <i>O Miguel tem coração de manteiga</i> |

c.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | <i>Coração de pedra</i> |
| Significado | <i>insensível</i> |
| Frase | <i>João tem um coração de pedra, não perdoa.</i> |

d.

| | |
|-------------|------------------------------|
| Expressão | <i>Lágrimas de crocodilo</i> |
| Significado | |
| Frase | |

e.

| | |
|-------------|--------------------------|
| Expressão | <i>Casa da mãe joana</i> |
| Significado | |
| Frase | |

f.

| | |
|-------------|------------------------|
| Expressão | <i>pedra no sapato</i> |
| Significado | |
| Frase | |

g.

| | |
|-------------|------------------------|
| Expressão | <i>pedra no sapato</i> |
| Significado | |
| Frase | |

h.

| | |
|-------------|-----------------------|
| Expressão | <i>boca na botija</i> |
| Significado | |
| Frase | |

i.

| | |
|-------------|--------------------|
| Expressão | <i>mão de boca</i> |
| Significado | |
| Frase | |

j.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

k.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

Muito obrigado pela sua prestimosa colaboração!



I. OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO

Código:

IGARNET 005 F

Caro (a) informante:

O português falado em Angola contém traços característicos inerentes a fatores socioculturais que se manifestam por meio de determinadas expressões (expressões idiomáticas, provérbios, e outras) a que os falantes recorrem com ou sem conhecimento explícito. Tais expressões (**apanhar a pata, bater na rocha**) enriquecem o léxico da nossa língua e identificam-nos linguística e culturalmente. O presente questionário visa, portanto, aferir o conhecimento que tem sobre essas expressões bem como as situações em que as usa.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para fins académicos, no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado em Linguística sob o tema **Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no Português de Angola**.

II. DESCRIÇÃO DO INFORMANTE

| | | | | | |
|--------------------|-----------------|--------------------|---|-------------------------------------|--------------------------|
| Idade | 18 | Ocupação: | Estudante <input checked="" type="checkbox"/> | Trabalhador | <input type="checkbox"/> |
| Sexo | F | Local onde estuda: | IMNE GARCIA NETO | | |
| Local de trabalho: | | | | | |
| Nível académico | Ensino Primário | | II Ciclo | <input checked="" type="checkbox"/> | Mestre |
| | I Ciclo | | Licenciado | <input type="checkbox"/> | Doutor |

III. NÍVEL DE CONHECIMENTO EXPLÍCITO SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. O que entende por Expressões Idiomáticas?
Expressões idiomáticas são expressões usadas ou seja calões que as pessoas usam numa determinada região ou país um grupo de pessoas.
2. Que critérios usa para identificar uma Expressão Idiomática?
O conteúdo que usa e a forma de como elas são expressas.
3. Como distingue uma Expressão Idiomática de um provérbio?
As expressões idiomáticas não são encontradas no dicionário. Já os provérbios são encontrados em livros.

IV. USO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

| | | | | | |
|--|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|-------------------------------------|
| 1. Frequência com que usa as Expressões Idiomáticas | | | | | |
| Sempre | Algumas vezes | <input checked="" type="checkbox"/> | Nunca | <input type="checkbox"/> | |
| 2. Espaços em que usa as Expressões Idiomáticas | | | | | |
| Casa | Escola | <input checked="" type="checkbox"/> | Local de trabalho | Rua | <input checked="" type="checkbox"/> |
| | | | | Igreja | <input type="checkbox"/> |
| | | | | Praça | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 3. Pessoas com que se partilha as Expressões Idiomáticas | | | | | |
| Amigos | <input checked="" type="checkbox"/> | Colegas | <input checked="" type="checkbox"/> | Membros da família | <input type="checkbox"/> |
| | | | | Superiores hierárquicos | <input type="checkbox"/> |
| | | | | Vizinhos | <input checked="" type="checkbox"/> |
| | | | | Desconhecidos | <input type="checkbox"/> |
| 4. Proveniências das Expressões Idiomáticas | | | | | |
| Letras de músicas | <input checked="" type="checkbox"/> | Tradição oral | <input type="checkbox"/> | Conversas diárias | <input checked="" type="checkbox"/> |
| | | | | Acontecimentos sociais | <input type="checkbox"/> |
| | | | | Livros | <input type="checkbox"/> |
| 5. Valor cultural atribuída às Expressões Idiomáticas | | | | | |
| Sem importância | <input type="checkbox"/> | Pouco importante | <input type="checkbox"/> | Importante | <input checked="" type="checkbox"/> |
| | | | | Muito importante | <input type="checkbox"/> |

6. Avaliação do nível de divulgação das Expressões Idiomáticas em Angola

| | | | |
|-------|----------|---|-----------|
| Baixo | Razoável | <input checked="" type="checkbox"/> Bom | Muito bom |
|-------|----------|---|-----------|

b) Caso o nível seja baixo, o que acha que deve ser feito para o elevar?

R.: _____

V. INTERPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Indique os significados das Expressões Idiomáticas abaixo e crie uma frase com cada uma delas.

a. Apanhar a pata

Significado: *Significa que estás a ser dominado por alguém*
 Frase: *Mãe, tu estás buroca, esta criança é que vai te apanhar a pata deste jeito!*

b. Cali está no banco

Significado: _____
 Frase: _____

c. Partir o lápis cedo

Significado: *Alguém que deixou de estudar tão cedo.*
 Frase: *Você partiu o lápis muito cedo.*

d. Wanga Wabu

Significado: *Felicidade / alegria*
 Frase: *Está apanhado-me? Wanga Wabu*

e. Dar o caldo

Significado: _____
 Frase: _____

f. Bater na rocha

Significado: *Não dar certo / não dar a volta*
 Frase: *Elas vão bater na rocha*

g. Estragar o boneco

Significado: _____
 Frase: _____

h. Bolo e leite

Significado: *buroca*
 Frase: *Ele é muito bolo e leite.*

i. Atirar pedras

Significado: *Falar errado*
 Frase: *Ele atirou pedras*

j. Está cozinhado/está na panela

Significado: *Alguém que não age*
 Frase: *Ele atirou pedras.*

k. Pai/mãe grande

Significado: *Momem ou mulher, que sabe muito.*
 Frase: *Quando se trata de informática, eu sou pai grande.*

2. Indique outras Expressões Idiomáticas angolanas que conheça, apresente os seus significados e forme frases com as mesmas.

a.

| | |
|-------------|----------------------------|
| Expressão | Mão maia |
| Significado | Continua a fazer não para. |
| Frase | Ché ni mão maia |

b.

| | |
|-------------|-------------|
| Expressão | Abre o olho |
| Significado | |
| Frase | |

c.

| | |
|-------------|---------------------------|
| Expressão | Tem das ter vultão |
| Significado | Tem das desportar |
| Frase | Ché ni tem que ter vultão |

d.

| | |
|-------------|--------------------------|
| Expressão | Membre |
| Significado | Boeira |
| Frase | Ni to' ambe o meu membro |

e.

| | |
|-------------|---|
| Expressão | Nguello |
| Significado | Admiração |
| Frase | Ché o meu nguello que eu te mandei guaxela. |

f.

| | |
|-------------|--------|
| Expressão | mbanda |
| Significado | |
| Frase | |

g.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

h.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

i.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

j.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

k.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |



I. OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO

Código: CETV032F

Caro (a) informante:

O português falado em Angola contém traços característicos inerentes a fatores socioculturais que se manifestam por meio de determinadas expressões (expressões idiomáticas, provérbios, e outras) a que os falantes recorrem com ou sem conhecimento explícito. Tais expressões (**apanhar a pata, bater na rocha**) enriquecem o léxico da nossa língua e identificam-nos linguisticamente e culturalmente. O presente questionário visa, portanto, aferir o conhecimento que tem sobre essas expressões bem como as situações em que as usa.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para fins académicos, no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado em Linguística sob o tema **Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no Português de Angola**.

II. DESCRIÇÃO DO INFORMANTE

| | | | | | |
|--------------------|-----------------|-------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Idade | Ocupação: | Estudante | <input checked="" type="checkbox"/> | Trabalhador | <input type="checkbox"/> |
| Sexo | F | Local onde estuda: | COMPLEXO ESCOLAR TERESIANA DE VIANA | | |
| Local de trabalho: | | | | | |
| Nível académico | Ensino Primário | <input type="checkbox"/> | II Ciclo | <input type="checkbox"/> | Mestre |
| | I Ciclo | <input checked="" type="checkbox"/> | Licenciado | <input type="checkbox"/> | Doutor |

III. NÍVEL DE CONHECIMENTO EXPLÍCITO SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. O que entende por Expressões Idiomáticas?
 são quando um termo numa frase assume significados diferentes.

2. Que critérios usa para identificar uma Expressão Idiomática?
 é um critério de expressão idiomática

3. Como distingue uma Expressão Idiomática de um provérbio?
 vai muito além da introdução à letra é uma expressão idiomática

IV. USO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Frequência com que usa as Expressões Idiomáticas
 Sempre Algumas vezes Nunca

2. Espaços em que usa as Expressões Idiomáticas
 Casa Escola Local de trabalho Rua Igreja Praça

3. Pessoas com que se partilha as Expressões Idiomáticas
 Amigos Colegas Membros da família Superiores hierárquicos Vizinhos Desconhecidos

4. Proveniências das Expressões Idiomáticas
 Letras de músicas Tradição oral Conversas diárias Acontecimentos sociais Livros

5. Valor cultural atribuída às Expressões Idiomáticas
 Sem importância Pouco importante Importante Muito importante

6. Avaliação do nível de divulgação das Expressões Idiomáticas em Angola

| | | | |
|-------|----------|---|-----------|
| Baixo | Razoável | <input checked="" type="checkbox"/> Bom | Muito bom |
|-------|----------|---|-----------|

b) Caso o nível seja baixo, o que acha que deve ser feito para o elevar?

R: _____

V. INTERPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Indique os significados das Expressões Idiomáticas abaixo e crie uma frase com cada uma delas.

a. Apanhar a pata

Significado *é quando alguém é mais rápido*
 Frase *que o outro*

b. Cali está no banco

Significado _____
 Frase _____

c. Partir o lápis cedo

Significado *é quando alguém desiste de fazer muito cedo*
 Frase _____

d. Wanga Wabu

Significado _____
 Frase _____

e. Dar o caldo

Significado *é quando uma mulher dá o seu marido*
 Frase _____

f. Bater na rocha

Significado *é quando o indivíduo foi deixado por uma mulher*
 Frase _____

g. Estragar o boneco

Significado *é quando alguém estraga o que é o do outro*
 Frase _____

h. Bolo e leite

Significado *é quando o indivíduo não tem iniciativa de nada*
 Frase _____

i. Atirar pedras

Significado *é quando um indivíduo tem dificuldade para*
 Frase *especialmente*

j. Está cozinhado/está na panela

Significado *é quando uma mulher domina o seu homem*
 Frase _____

k. Pai/mãe grande

Significado _____
 Frase _____

2. Indique outras Expressões Idiomáticas angolanas que conheça, apresente os seus significados e forme frases com as mesmas.

a.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

b.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

c.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

d.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

e.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

f.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

g.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

h.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

i.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

j.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

k.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

Muito obrigado pela sua prestimosa colaboração!



I. OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO

Código: **IGRETA070F**

Caro (a) informante:

O português falado em Angola contém traços característicos inerentes a fatores socioculturais que se manifestam por meio de determinadas expressões (expressões idiomáticas, provérbios, e outras) a que os falantes recorrem com ou sem conhecimento explícito. Tais expressões (**apanhar a pata, bater na rocha**) enriquecem o léxico da nossa língua e identificam-nos linguística e culturalmente. O presente questionário visa, portanto, aferir o conhecimento que tem sobre essas expressões bem como as situações em que as usa.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para fins académicos, no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado em Linguística sob o tema **Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no Português de Angola**.

II. DESCRIÇÃO DO INFORMANTE

| | | | | | |
|--------------------|---------------------------|--------------------|------------|-------------------------------------|-------------------------------------|
| Idade | 27 | Ocupação: | Estudante | Trabalhador | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Sexo | F | Local onde estuda: | | | |
| Local de trabalho: | Tarouquia do Verbo Divino | | | | |
| Nível académico | Ensino Primário | | II Ciclo | | Mestre |
| | I Ciclo | | Licenciado | <input checked="" type="checkbox"/> | Doutor |

III. NÍVEL DE CONHECIMENTO EXPLÍCITO SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. O que entende por Expressões Idiomáticas?
Uma expressão idiomática é quando uma frase ganha um sentido diferente daquele que realmente sugere.
2. Que critérios usa para identificar uma Expressão Idiomática?
Não uso nenhum critério porque na maior parte do tempo eu já as conheço.
3. Como distingue uma Expressão Idiomática de um provérbio?
Um provérbio quase sempre tem uma origem e aplicação numa situação moral, ou seja, dá conselhos ou advertência.

IV. USO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Frequência com que usa as Expressões Idiomáticas
Sempre Algumas vezes Nunca
2. Espaços em que usa as Expressões Idiomáticas
Casa Escola Local de trabalho Rua Igreja Praça
3. Pessoas com que se partilha as Expressões Idiomáticas
Amigos Colegas Membros da família Superiores hierárquicos Vizinhos Desconhecidos
4. Proveniências das Expressões Idiomáticas
Letras de músicas Tradição oral Conversas diárias Acontecimentos sociais Livros
5. Valor cultural atribuída às Expressões Idiomáticas
Sem importância Pouco importante Importante Muito importante



I. OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO

Código: **AGRETA070E**

Caro (a) informante:

O português falado em Angola contém traços característicos inerentes a fatores socioculturais que se manifestam por meio de determinadas expressões (expressões idiomáticas, provérbios, e outras) a que os falantes recorrem com ou sem conhecimento explícito. Tais expressões (**apanhar a pata, bater na rocha**) enriquecem o léxico da nossa língua e identificam-nos linguisticamente e culturalmente. O presente questionário visa, portanto, aferir o conhecimento que tem sobre essas expressões bem como as situações em que as usa.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para fins académicos, no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado em Linguística sob o tema **Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no Português de Angola**.

II. DESCRIÇÃO DO INFORMANTE

| | | | | | |
|--------------------|--------------------------|--------------------|------------|-------------------------------------|-------------------------------------|
| Idade | 27 | Ocupação: | Estudante | Trabalhador | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Sexo | F | Local onde estuda: | | | |
| Local de trabalho: | Tarouçua do Verbo Divino | | | | |
| Nível académico | Ensino Primário | | II Ciclo | | Mestre |
| | I Ciclo | | Licenciado | <input checked="" type="checkbox"/> | Doutor |

III. NÍVEL DE CONHECIMENTO EXPLÍCITO SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. O que entende por Expressões Idiomáticas?
Uma expressão idiomática é quando uma frase ganha um sentido diferente daquele que realmente sugere.
2. Que critérios usa para identificar uma Expressão Idiomática?
Não uso nenhum critério porque na maior parte do tempo eu já as conheço.
3. Como distingue uma Expressão Idiomática de um provérbio?
Um provérbio quase sempre tem uma origem e aplicação numa situação moral, ou seja, dá conselhos ou advertência.

IV. USO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

| | | | | | | | | | | | |
|--|-------------------------------------|------------------|--------------------------|--------------------|-------------------------------------|-------------------------|--------------------------|----------|--------------------------|---------------|-------------------------------------|
| 1. Frequência com que usa as Expressões Idiomáticas | | | | | | | | | | | |
| Sempre | <input type="checkbox"/> | Algumas vezes | <input type="checkbox"/> | Nunca | <input type="checkbox"/> | | | | | | |
| 2. Espaços em que usa as Expressões Idiomáticas | | | | | | | | | | | |
| Casa | <input checked="" type="checkbox"/> | Escola | <input type="checkbox"/> | Local de trabalho | <input type="checkbox"/> | Rua | <input type="checkbox"/> | Igreja | <input type="checkbox"/> | Praça | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 3. Pessoas com que se partilha as Expressões Idiomáticas | | | | | | | | | | | |
| Amigos | <input checked="" type="checkbox"/> | Colegas | <input type="checkbox"/> | Membros da família | <input type="checkbox"/> | Superiores hierárquicos | <input type="checkbox"/> | Vizinhos | <input type="checkbox"/> | Desconhecidos | <input type="checkbox"/> |
| 4. Proveniências das Expressões Idiomáticas | | | | | | | | | | | |
| Letras de músicas | <input type="checkbox"/> | Tradição oral | <input type="checkbox"/> | Conversas diárias | <input type="checkbox"/> | Acontecimentos sociais | <input type="checkbox"/> | Livros | <input type="checkbox"/> | | <input type="checkbox"/> |
| 5. Valor cultural atribuída às Expressões Idiomáticas | | | | | | | | | | | |
| Sem importância | <input type="checkbox"/> | Pouco importante | <input type="checkbox"/> | Importante | <input checked="" type="checkbox"/> | Muito importante | <input type="checkbox"/> | | | | |

6. Avaliação do nível de divulgação das Expressões Idiomáticas em Angola

Baixo Razoável Bom Muito bom

b) Caso o nível seja baixo, o que acha que deve ser feito para o elevar?

R: Poderemos elevar ainda mais criando um material que contenha todas ou quase todas expressões idiomáticas que serão recolhidas e posteriormente o material ser divulgado.

V. INTERPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Indique os significados das Expressões Idiomáticas abaixo e crie uma frase com cada uma delas.

a. Apanhar a pata

Significado dominar alguém; aproveitar-se
 Frase O José apanhou a pata ao André.

b. Cali está no banco

Significado O salário já caiu.
 Frase Fazê, o salário está no banco desde ontem.

c. Partir o lápis cedo

Significado Deixar de estudar ou ir à escola muito cedo
 Frase A Weza partiu o lápis cedo.

d. Wanga Wabu

Significado Alguém que embaidoeira e alabrou mal
 Frase Aquêde sentia podriosa, agora? Wanga Wabu.

e. Dar o caldo

Significado
 Frase

f. Bater na rocha

Significado Não ter sucesso; Não render nada
 Frase O disco do Anselmo Ralph bateu na rocha.

g. Estragar o boneco

Significado Consumir álcool exageradamente
 Frase Este Domingo está a estragar o boneco.

h. Bolo e leite

Significado Alguém muito bobo; ingênuo
 Frase O Pedro é um bolo e leite.

i. Atirar pedras

Significado Errar muito; falar várias palavras erradas
 Frase Esse jovem atira pedras

j. Está cozinhado/está na panela

Significado Está domesticado pela mulher
 Frase O teu Paulo está cozinhado pela mulher.

k. Pai/mãe grande

Significado Alguém que faça algo tão bem como ninguém
 Frase A Joana é mãe grande na pastelaria

2. Indique outras Expressões Idiomáticas angolanas que conheça, apresente os seus significados e forme frases com as mesmas.

a.

| | |
|-------------|---|
| Expressão | Andar na linha |
| Significado | Andar em bons caminhos ou correctamente |
| Frase | O pai, agora, anda na linha |

b.

| | |
|-------------|-----------------------------|
| Expressão | Estar nas nuvens |
| Significado | estar distante; distraído |
| Frase | Este aluno está nas nuvens. |

c.

| | |
|-------------|------------------------|
| Expressão | Buluzento |
| Significado | breu |
| Frase | Esse rapaz é buluzento |

d.

| | |
|-------------|---|
| Expressão | Mixeiros |
| Significado | Pissoas que fazem varios piscates para ter trocos |
| Frase | Esse Antonio é um grande mixeiro |

e.

| | |
|-------------|---|
| Expressão | Cos azuis e brancos |
| Significado | Taxistas de Angola |
| Frase | Cos azuis e brancos fazem muita confusão na via |

f.

| | |
|-------------|-------------------------------------|
| Expressão | Vou cair no mbanje |
| Significado | Ir para casa |
| Frase | Estou com seque, vou cair no mbanje |

g.

| | |
|-------------|----------------|
| Expressão | Vou de assumir |
| Significado | |
| Frase | |

h.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

i.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

j.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

k.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |



I. OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO

Código: **CETV 131F**

Caro (a) informante:

O português falado em Angola contém traços característicos inerentes a fatores socioculturais que se manifestam por meio de determinadas expressões (expressões idiomáticas, provérbios, e outras) a que os falantes recorrem com ou sem conhecimento explícito. Tais expressões (**apanhar a pata, bater na rocha**) enriquecem o léxico da nossa língua e identificam-nos linguística e culturalmente. O presente questionário visa, portanto, aferir o conhecimento que tem sobre essas expressões bem como as situações em que as usa.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para fins académicos, no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado em Linguística sob o tema **Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no Português de Angola**.

II. DESCRIÇÃO DO INFORMANTE

| | | | | |
|--------------------|--------------------------------|--------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|
| Idade | Ocupação: | Estudante | Trabalhador | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Sexo | F | Local onde estuda: | | |
| Local de trabalho: | Professora na escola Teresiana | | | |
| Nível académico | Ensino Primário | II Ciclo | <input checked="" type="checkbox"/> | Mestre |
| | I Ciclo | Licenciado | | Doutor |

III. NÍVEL DE CONHECIMENTO EXPLÍCITO SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. O que entende por Expressões Idiomáticas?
são frase ou expressões com sentido próprio que normalmente não pode ser entendida de forma literal.
2. Que critérios usa para identificar uma Expressão Idiomática?
O critério que eu uso para identificar uma expressão idiomática é através da conversa e numa frase sem sentido.
3. Como distingue uma Expressão Idiomática de um provérbio?
distingue uma expressão idiomática de um provérbio porque a expressão idiomática são palavras sem sentido e um provérbio são fábulas

IV. USO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Frequência com que usa as Expressões Idiomáticas
Sempre Algumas vezes Nunca
2. Espaços em que usa as Expressões Idiomáticas
Casa Escola Local de trabalho Rua Igreja Praça
3. Pessoas com que se partilha as Expressões Idiomáticas
Amigos Colegas Membros da família Superiores hierárquicos Vizinhos Desconhecidos
4. Proveniências das Expressões Idiomáticas
Letras de músicas Tradição oral Conversas diárias Acontecimentos sociais Livros
5. Valor cultural atribuída às Expressões Idiomáticas
Sem importância Pouco importante Importante Muito importante



6. Avaliação do nível de divulgação das Expressões Idiomáticas em Angola

Baixo Razoável Bom Muito bom

b) Caso o nível seja baixo, o que acha que deve ser feito para o elevar?

R.: _____

V. INTERPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Indique os significados das Expressões Idiomáticas abaixo e crie uma frase com cada uma delas.

a. Apanhar a pata

Significado *passar dos limites*
 Frase *Quando alguém faz alguma coisa repetidamente.*

b. Cali está no banco

Significado *Alguém que está numa agência bancária.*
 Frase *Quando alguém vai ao banco*

c. Partir o lápis cedo

Significado *Pessoa que não terminou o ensino secundário.*
 Frase *Não terminou os estudos*

d. Wanga Wabu

Significado *feitoço acabou*
 Frase *Pessoa que tinha dinheiro, e já não tem mais*

e. Dar o caldo

Significado *morreu*
 Frase *alguém que morreu*

f. Bater na rocha

Significado *Pessoa que acabou mal*
 Frase *Alguém que tinha e já não tem mais*

g. Estragar o boneco

Significado *bebado*
 Frase *Alguém que consome muito álcool*

h. Bolo e leite

Significado *Pessoa burra*
 Frase *Alguém que não sabe nada*

i. Atirar pedras

Significado *Pessoa que fala coisas sem sentido*
 Frase *alguém que se expressa muito mal*

j. Está cozinhado/está na panela

Significado *está enfeitado*
 Frase *alguém que foi enfeitado*

k. Pai/mãe grande

Significado *pessoa que tem poder financeiro*
 Frase *alguém influente na sociedade*

2. Indique outras Expressões Idiomáticas angolanas que conheça, apresente os seus significados e forme frases com as mesmas.

a.

| | |
|-------------|---------------------------|
| Expressão | Está perturbado |
| Significado | pessoa que está com raiva |
| Frase | alguém que está nervosa |

b.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | Cortar água e luz |
| Significado | castigar, impor restrições |
| Frase | Se comportaste mal, vou te cortar água e luz |

c.

| | |
|-------------|---------------------------|
| Expressão | Tá no hamzelo |
| Significado | pessoa que está com raiva |
| Frase | alguém que está nervosa |

d.

| | |
|-------------|-------------------------|
| Expressão | Bater as batatas |
| Significado | mover |
| Frase | alguém que está nervosa |

e.

| | |
|-------------|-----------------------------------|
| Expressão | Arbão de beleza |
| Significado | pessoa feia |
| Frase | alguém que está a falta de beleza |

f.

| | |
|-------------|------------------|
| Expressão | Tirar babão |
| Significado | roubar |
| Frase | pessoa que rouba |

g.

| | |
|-------------|--------------------------|
| Expressão | Vamos sabalar |
| Significado | sair |
| Frase | pessoa que está de saída |

h.

| | |
|-------------|----------------------|
| Expressão | Está na casuela |
| Significado | preso |
| Frase | pessoa que foi preso |

i.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

j.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

k.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

Muito obrigado pela sua prestimosa colaboração!



APÊNDICE

Apêndice 1. Questionário



Escola de Ciências Sociais
Departamento de Linguística e Literaturas
Curso de Mestrado em Línguas e Linguística

I. OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO

Código:

Caro (a) informante:

O português falado em Angola contém traços característicos inerentes a fatores socioculturais que se manifestam por meio de determinadas expressões (expressões idiomáticas, provérbios e outras) a que os falantes recorrem com ou sem conhecimento explícito. Tais expressões (**apanhar a pata, bater na rocha**) enriquecem o léxico da nossa língua e identificam-nos linguística e culturalmente. O presente questionário visa, portanto, aferir o conhecimento que tem sobre essas expressões bem como as situações em que as usa.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para fins académicos, no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado em Linguística sob o tema **Contributos para o estudo das Expressões Idiomáticas no Português de Angola**.

II. DESCRIÇÃO DO INFORMANTE

| | | | | | | | |
|--------------------|-----------------|--------------------|------------|--|--------|-------------|--|
| Idade | | Ocupação: | Estudante | | | Trabalhador | |
| Sexo | | Local onde estuda: | | | | | |
| Local de trabalho: | | | | | | | |
| Nível académico | Ensino Primário | | II Ciclo | | Mestre | | |
| | I Ciclo | | Licenciado | | Doutor | | |

III. NÍVEL DE CONHECIMENTO EXPLÍCITO SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. O que entende por Expressões Idiomáticas?

.....
.....

2. Que critérios usa para identificar uma Expressão Idiomática?

.....
.....

3. Como distingue uma Expressão Idiomática de um provérbio?

.....
.....

IV. USO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Frequência com que usa as Expressões Idiomáticas

| | | | | | |
|--------|--|---------------|--|-------|--|
| Sempre | | Algumas vezes | | Nunca | |
|--------|--|---------------|--|-------|--|

2. Espaços em que usa as Expressões Idiomáticas

| | | | | | | | | | | | |
|------|--|--------|--|-------------------|--|-----|--|--------|--|-------|--|
| Casa | | Escola | | Local de trabalho | | Rua | | Igreja | | Praça | |
|------|--|--------|--|-------------------|--|-----|--|--------|--|-------|--|

3. Pessoas com que se partilha as Expressões Idiomáticas

| | | | | | | | | | | | |
|--------|--|---------|--|--------------------|--|-------------------------|--|----------|--|---------------|--|
| Amigos | | Colegas | | Membros da família | | Superiores hierárquicos | | Vizinhos | | Desconhecidos | |
|--------|--|---------|--|--------------------|--|-------------------------|--|----------|--|---------------|--|

4. Proveniências das Expressões Idiomáticas

| | | | | | | | | | |
|-------------------|--|---------------|--|-------------------|--|------------------------|--|--------|--|
| Letras de músicas | | Tradição oral | | Conversas diárias | | Acontecimentos sociais | | Livros | |
|-------------------|--|---------------|--|-------------------|--|------------------------|--|--------|--|

5. Valor cultural atribuída às Expressões Idiomáticas

| | | | | | | | |
|-----------------|--|------------------|--|------------|--|------------------|--|
| Sem importância | | Pouco importante | | Importante | | Muito importante | |
|-----------------|--|------------------|--|------------|--|------------------|--|

6. Avaliação do nível de divulgação das Expressões Idiomáticas em Angola

| | | | | | | | |
|-------|--|----------|--|-----|--|-----------|--|
| Baixo | | Razoável | | Bom | | Muito bom | |
|-------|--|----------|--|-----|--|-----------|--|

b) Caso o nível seja baixo, o que acha que deve ser feito para o elevar?

R.:

IV. INTERPRETAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. Indique os significados das Expressões Idiomáticas abaixo e crie uma frase com cada uma delas.

a. Apanhar a pata

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

b. Cali está no banco

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

c. Partir o lápis cedo

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

d. Wanga Wabu

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

e. Dar o caldo

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

f. Bater na rocha

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

g. Estragar o boneco

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

h. Bolo e leite

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

i. Atirar pedras

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

j. Está cozinhado/está na panela

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

k. Pai/mãe grande

| | |
|-------------|--|
| Significado | |
| Frase | |

2. Indique outras Expressões Idiomáticas angolanas que conheça, apresente os seus significados e forme frases com as mesmas.

a.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

b.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

c.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

d.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

e.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

f.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

g.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

h.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

i.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

j.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |

k.

| | |
|-------------|--|
| Expressão | |
| Significado | |
| Frase | |